



**António Jorge Pereira da Silva de
Almeida Serra**

A utilização da Banda Desenhada no ensino da História e Geografia de Portugal

Relatório da Componente de Investigação de Estágio no
2.º Ciclo do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º
Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Prof.ª Doutora Ana Maria Pires Pessoa

Setúbal, dezembro de 2016

Agradecimentos

À minha Supervisora de estágio e Orientadora Ana Maria Pessoa pelos ensinamentos, pela coragem e acima de tudo pela confiança e persistência.

Ao professor cooperante Fernando Amorim, que deu todo o apoio, entusiasmo e permitiu que o projeto fosse feito da forma que eu pretendia implementar. Aos (às) alunos (as) que estiveram envolvidos neste projeto pela disponibilidade sem reservas em participarem no mesmo.

À minha colega de estágio Andreia Agostinho pelo apoio e vivência ao longo do período de estágio.

Aos meus pais, por tudo.

Aos meus avós que o saberão em algum lado.

A todos os que fazem parte do mundo e o tornam melhor.

«Se não receio o erro é porque estou sempre disposto a corrigi-lo»

Bento de Jesus Caraça

Resumo

O estudo apresentado tem como objetivo verificar a potencialidade da utilização da *banda desenhada* como recurso educativo em sala de aula, na disciplina de História e Geografia de Portugal em uma turma do 5º ano da Escola Básica Integrada. Com esse intuito, foi elaborado um projeto para que os (as) alunos (as) conseguissem atingir os objetivos programáticos da disciplina num determinado subtema do programa utilizando somente a *banda desenhada*.

Em termos metodológicos este estudo segue uma abordagem qualitativa, de cariz interpretativo, que se baseia numa determinada experiência de ensino. Foram delineadas duas estratégias diferentes e utilizados diferentes instrumentos didáticos para implementar o projeto e permitir a recolha de dados.

Os dados recolhidos apontam para uma avaliação muito positiva na utilização da Banda Desenhada como recurso educativo no contexto de ensino em que o estudo foi realizado.

Palavras-chave: Banda Desenhada; Recurso Educativo; Ensino de História e Geografia de Portugal

Abstract

This study is intended to verify the capability of using the comics as educational resource in the classroom, in the subject of History and Geography of Portugal in a class of grade five of primary school.

With this aim, a project was developed so that students could achieve programmatic objectives of the discipline in a given subtopic of the syllabus using only comics.

As methodology is concerned, this study follows a qualitative approach, interpretive nature, which is based in a specific educational experience. Two different strategies were outlined and different didactic instruments used to implement the project and allow data gathering.

At the final, this study points to a very positive evaluation of the use of comics as an educational resource in the educational context in which the study was developed.

Keywords: comics; Educational Resource; History and Geography teaching

Índice

1 – Introdução	1
2 – Enquadramento teórico.....	6
2.1. A Banda Desenhada	6
2.1.1 Breve história da Banda Desenhada.....	6
2.1.2 A Banda Desenhada em Portugal.....	17
2.1.3 Características gerais da banda desenhada.....	31
2.2. A banda desenhada como recurso educativo	34
2.3. A imagem no ensino da História.....	47
3. Metodologia	50
3.1. Contexto e participantes.....	50
3.1.1 Contexto	50
3.1.2 Turma e Professor Cooperante	51
3.2. Fundamentação teórica da metodologia.....	52
3.3. Processo de recolha de dados	56
3.3.1. Observação.....	56
3.3.2. Entrevista	57
3.3.3. Recolha Documental.....	58
3.3.4. Inquérito por questionário	59
3.4. Processo (s) de Análise de Dados	59
4 - Proposta Pedagógica	61
4.1. Justificação da opção metodológica.....	62
4.2. Construção dos materiais.....	63
4.3. Utilização da banda desenhada na sala de aula	65
5 – Resultados.....	69
5.1. Análise das entrevistas.....	69
5.1.1. Análise da entrevista ao aluno T.....	69
5.1.2. Análise da entrevista ao aluno M.....	69
5.1.3. Análise da entrevista ao professor cooperante.....	70
5.2. Análise da recolha documental	71
5.2.1 Análise das respostas ao guião	71

5.2.2 Análise das respostas às questões do manual	73
5.2.3 Análise das respostas aos inquéritos por questionário sobre a utilização da banda desenhada nas aulas de HGP.....	75
6 – Considerações finais	80
Bibliografia	85
Apêndices	88
Anexos	106

1 – Introdução

O presente relatório de investigação advém do estágio realizado na unidade curricular de *Estágio no 2º ciclo*, realizado na Escola Básica Integrada da Boa Água, numa turma do 5º ano.

Das quatro áreas disciplinares que tive a oportunidade de lecionar, escolhi a de História e Geografia de Portugal (HGP) para desenvolver o meu projeto de investigação. Tentei compreender a eficácia, na aprendizagem dos (as) alunos (as), de um diferente recurso educativo na sala de aula: a Banda Desenhada.

Numa fase inicial a escolha da área científica onde iria desenvolver o projeto foi uma opção difícil devido aos vários interesses que tinha a nível pessoal, na área da matemática gostaria de tentar compreender a forma como poderia ser potencializado o erro; na área de Ciências da Natureza estava interessado em tentar compreender como as atividades experimentais poderiam ajudar a ultrapassar as conceções alternativas dos alunos.

No entanto acabei por optar pela área da História e Geografia de Portugal. Além do grande interesse pessoal que também tenho nesta área, a ideia que muitas vezes se tem de que nesta disciplina, o objetivo é estudar o manual escolar e memorizar conceitos e datas, sendo muitas vezes utilizado, como o único recurso educativo o manual, levou-me a questionar que outro tipo de recurso poderia ser usado nas aulas.

Mas queria aqui, em primeiro lugar questionar qual a importância e que objetivos pode ter o ensino da História na educação dos (as) alunos (as)? (Egan, 1989, p.23) afirma:

“Em quase todos os estados de nações, a história que é ensinada nas escolas dá ênfase ao significado e validade da experiência da nação, e dá aos alunos uma ideia da sua identidade social e nacional. [...] é uma das razões pela qual a história é aprovada no currículo pelos modernos estados de nações.”

As políticas educativas dos governos podem ter muitas vezes, na História, uma das mais fortes formas de fazer passar valores e sentimentos de nacionalidade, que de uma forma abusiva ou não, os conteúdos programáticos que se estabelecem para esta disciplina contêm sempre, sendo muitas vezes utilizada como forma de se chegar a uma cidadania que se pretende construir.

Hoje em dia *“Quando se fala de identidade, de consciência europeia, de tolerância, de intervenção cívica, de solidariedade... a História é requisitada para desempenhar um papel e uma função marcadamente social.”* (Alves, 2009, p. 20) no entanto, segundo Pais, 1999 cit. por (Alves, 2009, p. 20) quando

“os jovens são questionados sobre o significado da História estes valorizam-na «como fonte de aprendizagem» e respeitam a monumentalidade do passado; em contrapartida atribuem significado pouco relevante às matérias escolares, aos manuais ou até «às narrativas dos professores» ”.

Pode-se verificar que existe uma diferença entre o que os jovens pensam da História em si e da que lhes é transmitida nas escolas. Este facto pode levar-nos então a questionar que tipo de História se deve ensinar na escola e de que forma poderá ser lecionada de maneira a cativar o interesse.

Refletindo então sobre o que poderia fazer ao longo das aulas que iria lecionar e quais as mudanças que poderiam ser introduzidas, optei por direccionar a minha investigação para verificar que diferentes recursos educativos poderiam ser utilizados.

Desde o início coloquei a hipótese de utilizar recursos ao nível da imagem: fotografias, pinturas da época, representações atuais ou mesmo o vídeo cuja análise serviria para introduzir os conteúdos pretendidos. A intenção era a de, tendo como ponto de partida a interpretação, análise e discussão das imagens, se partisse para a transmissão dos conteúdos estipulados pelo Programa.

Posteriormente surgiu-me a ideia de utilizar a junção da imagem com o texto através da Banda Desenhada. Aproveitando o facto de existirem várias obras de banda desenhada portuguesa que abordam temas da História de Portugal tornava-se então necessário escolher uma que servisse para ser utilizada na sala de aula como recurso educativo.

Porquê a utilização da BD como recurso educativo?

De início a ideia começou por, como referido anteriormente, procurar um recurso educativo que tivesse a potencialidade de ser utilizado na sala de aula, tendo-me parecido que esta hipótese deveria ser tida em conta. Por gostar de BD e por considerar que existe uma grande variedade de temas por ela abordados e, muitos deles, com grande qualidade, considerei que esta linguagem (que utiliza uma mistura de linguagem icónica e verbal poderia) ser utilizada na sala de aula como recurso didático, também por em princípio ser fácil de arranjar e de manusear pelos (as) alunos (as).

Para além disso existia a vantagem de ser um recurso que muitos alunos (as) nestas idades poderão utilizar como forma de lazer, lendo diferentes tipos de livros de BD.

Por outro lado, como refere (Egan, 1989, p. 29-30), podemos atrair a imaginação dos (as) alunos (as) com o material da História com algumas características no ensino, uma delas é a orientação afetiva:

“As imaginações das crianças tendem a ser mais imediatamente objeto de compromisso através de materiais que estão organizados de modo a não transmitirem apenas informação, mas que também envolvam os

estudantes afetiva e emocionalmente. A técnica mais comum e eficiente que nos permite fazê-lo é organizar o material sob a forma de uma história. Isto não significa ter que organizar o conteúdo sob a forma de uma história fictícia, mas, antes, convidar o professor a moldar o conteúdo factual sob a forma de história.”

Assim, pareceu-me que a BD teria toda esta potencialidade de criar uma orientação afetiva por um lado e, por outro, possuir já todo um conteúdo histórico adequado às aprendizagens que eram pretendidas.

Em seguida, teria de enquadrar no tempo de estágio em HGP o projeto que pretendia implementar. Acabei por optar por um tema do programa - A Revolução de 1383-85 - e fazer incidir sobre esse, a realização do projeto. Essa escolha deveu-se ao facto de, durante o curto período de aulas que ia ter disponível, este seria o tema que ia conseguir iniciar e terminar por completo.

Após a escolha do tema a bordar, era necessário encontrar um documento que servisse de base ao projeto. As várias bandas desenhadas que consultei, acabei por optar pela coleção de livros da *História de Portugal em B.D.* com texto de Carmo dos Reis e desenhos de José Garcês da editora ASA, está dividida em quatro volumes, sendo que neste projeto foram utilizados o volume I “A Pátria Lusitana – Onde Portugal se fundou como Nação e Reino” (pp. 62 a 64) e o volume II “A grande aventura – Por mares nunca dantes navegados” (pp. 5 a 20).

Esta opção foi devida tanto à sua disponibilidade física, como quando feita a análise da obra, a sua correção científica ser no geral correta, englobar os temas a serem abordados assim como permitir a sua utilização futura em relação a outros temas da História de Portugal, para além da sua beleza icnográfica.

A grande abertura por parte do professor cooperante em aceitar e incentivar o desenvolvimento deste projeto foi, sem dúvida, uma grande ajuda para que o mesmo pudesse ser colocado em prática. Esse facto possibilitou que o projeto viesse a ser implementado de forma a tentar compreender qual seria a eficácia da utilização deste tipo de recurso educativo nas aulas de HGP.

O presente projeto de investigação está então relacionado com os recursos educativos na aula de História e Geografia de Portugal, pretendendo assim compreender: se a BD poderá contribuir para a aprendizagem da História e Geografia de Portugal no 5º ano de escolaridade; De que forma os (as) alunos (as) irão utilizar a BD no desenvolvimento do seu trabalho; que dificuldades é que surgem aos alunos e de que forma conseguem ultrapassar; que desafios se colocam ao (à) professor (a) e que outras alternativas poderão ser desenvolvidas na utilização deste recurso.

Com base nas questões de partida assim identificadas, elaborei então apenas duas questões de investigação:

- De que forma a banda desenhada contribui para favorecer a aprendizagem da História e Geografia de Portugal no 5º ano de escolaridade?

- Que dificuldades os (as) alunos (as) encontram na utilização da banda desenhada como recurso educativo?

Para tentar responder a estas questões, acabei por utilizar duas estratégias diferentes: apesar de este trabalho incidir mais sobre a utilização de um guião (que serviu para organizar os (as) alunos (as) na leitura da BD e encaminhá-los no sentido de apreenderem certos pontos da história, relacionados com o Programa e as Metas Curriculares de História) foi posta em prática também uma estratégia diferente que consistiu em apresentar a BD através de PowerPoint e discutir com os (as) alunos (as) os conteúdos da BD servindo assim para abordar uma parte do currículo. Estes dois momentos diferentes serão explicados mais à frente na secção da proposta pedagógica (capítulo IV).

Quando parti para este projeto, as bases em relação à utilização deste possível recurso educativo eram nulas: nunca ao longo do meu percurso como estudante utilizado a BD e, nem mesmo ao longo da minha formação, tinha abordado ou visto abordar o tema da utilização da BD como recurso educativo em HGP.

De início, ao tentar procurar informações sobre o tema, ou propostas de atividades relativas à sua utilização, não obtive grande sucesso. Os trabalhos publicados que recaem sobre o tema são quase inexistentes, em especial para a área de História e Geografia de Portugal e para este grau de ensino.

Ao longo do estágio o tempo para uma investigação mais teórica, também não era muito, daí as estratégias terem sido escolhidas por mim, com uma preciosa ajuda e opiniões da Professora Supervisora de Estágio.

Apesar do estágio pedagógico na área de História e Geografia de Portugal ter tido a duração de oito semanas, partilhadas com o meu par de estágio, o tempo disponível para aplicar o projeto seria de somente 4 semanas. Também como o projeto estava limitado a um tema do programa e não sendo possível alterar a ordem do mesmo, em especial em História, acabei por ter ficado limitado praticamente a duas semanas, que coincidiram praticamente com o final do tempo de estágio e quase com o final do ano letivo. Esta alusão serve somente para salientar o facto de que algumas das opções que acabei por tomar em relação ao desenvolvimento do projeto tiveram de ter em conta também esta limitação temporal.

De referir também que, apesar do projeto ter sido implementado na disciplina de História e Geografia de Portugal, toda a investigação ao longo deste trabalho foi feita mais especificamente em relação à área da História, por ter sido o que me foi possível trabalhar.

Relativamente à estruturação deste trabalho, o mesmo está dividido em seis partes, uma bibliografia, uma secção de apêndices e outra de anexos.

No primeiro capítulo, o presente que agora termina, foi feita uma introdução ao trabalho, ao projeto de estágio, fazendo uma justificação da sua escolha e da sua pertinência, para além da colocação das questões que pretendo investigar.

Num segundo capítulo, foi feito um enquadramento teórico relativamente à banda desenhada, como a mesma surgiu, como se desenvolveu em Portugal, uma descrição de algumas das suas características para além de uma abordagem teórica em relação à utilização da BD como recurso educativo. São citados alguns estudiosos sobre o tema e são referidos alguns trabalhos académicos já realizados nesta área da utilização da BD no ensino da História.

Termina este capítulo com uma pequena abordagem à utilização da imagem, em geral, como recurso educativo no ensino da História.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia do trabalho, onde se começa por fazer uma referência ao contexto em que o mesmo decorreu e aos participantes. Segue-se uma fundamentação teórica da metodologia utilizada, referência aos processos de recolha de dados que foram utilizados e ao processo de análise dos mesmos.

No quarto capítulo é descrita a proposta pedagógica e é referida a forma como foi preparada e posto em prática o projeto.

No quinto capítulo será feita a análise de dados recolhidos, tanto em relação às respostas dadas pelos (as) alunos (as) aos guiões e às questões do manual, assim como a análise aos questionários e às entrevistas feitas a dois alunos e ao professor cooperante.

Finalmente no sexto capítulo, é feita uma reflexão ao longo da qual serão descritas as dificuldades e aprendizagens que vivenciei ao longo deste projeto.

2 – Enquadramento teórico

2.1. A Banda Desenhada

Como neste trabalho será feita uma reflexão sobre as potencialidades da utilização da banda desenhada como recurso educativo na sala de aula, convém antes de mais fazer uma introdução a esta forma de arte. Para tal, será feita uma breve introdução histórica ao mesmo tempo que se abordarão algumas das suas particularidades, sem se entrar muito numa análise exaustiva das diversas definições sugeridas por vários autores. Consoante a definição que segue cada autor sobre o que é a banda desenhada e para que serve assim se define o momento em que esta começa a ser considerada como tal, como veremos mais adiante.

2.1.1 Breve história da Banda Desenhada

Desde sempre o ser humano teve a necessidade de deixar um registo de algo que pretendia transmitir e o desenho desde cedo foi utilizado para tal. As cenas de caça desenhadas durante a pré-história são hoje usadas como uma forma de sabermos um pouco da história de como viviam os nossos antepassados.

Como refere João Pedro Ferro: *“Antes do aparecimento da escrita, o homem baseava-se, para comunicar, essencialmente nos desenhos figurativos quando lhe era impossível fazê-lo oralmente, na presença do receptor. Com o advento da escrita, a representação icónica, longe de perder a sua importância, associou-se a ela, numa simbiose que iria perdurar até hoje.”* (Ferro, 1987, p. 21)

O mesmo autor refere também que podemos encontrar *“vestígios daquilo a que podemos chamar a pré-história da banda desenhada em todas as grandes civilizações da Antiguidade”* (Ibid., p. 22) dando exemplos vários como a civilização egípcia, com os frescos nas paredes das pirâmides, nos mausoléus, tal como o *Livro dos Mortos*. Desculpe-se a longa citação:

“[Escrito] no antigo Egipto, ao relatar as diferentes fases do percurso da alma até ao Além, assume todas as características de uma banda desenhada. (...) A enumeração das obras próximas, pela sua técnica, da banda desenhada poderia continuar indefinidamente; citar-se-iam: as manifestações artísticas de diversas tribos indígenas que encontram, em géneros próximos da banda desenhada, processos de representar as suas festas e ritos; da cultura greco-romana, a descrição dos feitos mitológicos na cerâmica da Grécia ou as paredes da «Villa dei Misteri» em Pompeia:

ou, na Idade Média, a famosa tapeçaria de Bayeux, executada nos finais do séc. XI que, nos seus cerca de setenta metros de comprimento, descreve a conquista da Inglaterra pelos Normandos; ou ainda as diferentes decorações das igrejas e dos «Livros de Horas» que, por vezes, quase põem em banda desenhada os vários episódios bíblicos. Saliente-se, muito especialmente, a chamada Bíblia dos Pobres, que conheceu grande incremento durante a Idade Média e que contava os episódios bíblicos essencialmente através da «banda desenhada», permitindo a acessibilidade dos grupos sociais mais baixos. ” (Ibid., p. 22)

Outros exemplos poderiam ainda ser dados, como a “coluna de Trajano¹: elemento da cultura romana, é um exemplo da história contada por imagens onde a ideia, o sentido narrativo, a composição das cenas e as acções representadas contêm os mesmos ideais da moderna banda desenhada” (Mota & Guilherme, 2000, p. 5).

Tal como os “Chojugiga japoneses, quatro rolos de pergaminho pintados no séc. XII, presumivelmente pelo sacerdote Toba, em que aparecem animais antropomorfizados, vestidos com roupas e praticando atividades humanas (...)” (Lameiras, 1999, p. 7)

Deve-se salientar ainda um outro registo. Gerald Lino² no seu blogue “Divulgando BD” escreveu um artigo³ sobre o livro “Sociologia das Histórias aos Quadrinhos”⁴ no qual o autor enumera ainda a “Tábua Protat”, gravada provavelmente em 1370, na qual um centurião romano levanta um dedo em direção a uma cruz dizendo “*Veres filius Dei erat iste*” [Este é verdadeiramente o filho de Deus!], sendo que as letras começam a ser escritas junto da boca da imagem, seguindo uma linha ascendente em forma curvilínea.

Também Natércia Rocha faz referência à família Pellerin, a qual, possuidora de uma gráfica desde 1796⁵ na cidade de Épinal em França, “*passam a produzir, para as crianças, grandes folhas com 16 desenhos, dispostos em quatro filas separadas por pequenos textos constituídos por comentários às imagens; são estas as famosas imagens de Épinal. Os maiores sucessos chegaram com os contos de Perrault (...). Em certa medida, os Pellerin são os precursores da banda desenhada*”. (Rocha, 1984, p. 133-134)

João Ferro (1987) acrescenta ainda que estas publicações, dos Pellerin, para além da sua beleza e colorido eram vendidas a um baixo preço, o que levou a que as mesmas

¹ A Coluna de Trajano foi construída em Roma, no ano de 113, por ordem do Imperador Trajano como forma de comemorar as vitórias militares contra os Dácios. A coluna tem perto de trinta metros de altura, ao longo dos quais estão gravadas figuras em baixo relevo contando a história das campanhas militares.

² Gerald Lino é um editor e autor português de revistas de divulgação de Banda Desenhada, bloguista e historiador de BD.

³ Em <http://divulgandobd.blogspot.pt/2010/11/livros-sobre-bd-os-meus-livros-vi.html> consultado a 4 de outubro de 2015

⁴ “Sociologia das Histórias aos Quadrinhos”, da autoria de Jacques Marny com o título original “Le Monde Étonnant des Bandes Dessinées”, de 1968 e editado em Portugal em 1970 pela Livraria Civilização.

⁵ Data retirada do artigo do site https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean-Charles_Pellerin consultado a 2 de setembro de 2015

tivessem uma grande popularidade, vindo a ter uma grande importância, tanto “*pelo papel que desempenharam junto do público*” como “*pela sua antecipação técnica, que as torna modelo de sucessivas gerações de desenhadores de histórias aos quadrinhos (...)*”

Estes são alguns exemplos de registos deixados ao longo dos séculos. Para alguns autores, como o que acabo de citar, para este período de tempo podemos utilizar:

“o termo “pré-história” aplicado à banda desenhada – embora contestado por alguns autores -, utiliza-se para todo o período que antecede a feitura da considerada primeira banda desenhada (séc. XIX – Rodolphe Töpffer), no qual apenas existem manifestações que, embora possuindo alguns pontos de contacto com a definição de banda desenhada, não a esgotam. Essas obras são a verdadeira génese das histórias aos quadrinhos” (Ferro, 1987, p. 21)

Esta ligação da pré-história da banda desenhada à atual, nem sempre é bem aceite pelos diferentes autores. No entanto, Gérard Blanchard⁶ que desenvolveu o tema da origem da banda desenhada, faz uma reflexão sobre como esta deveria ser caracterizada de forma a integrar desde as obras que poderão estar nas suas origens até às obras atuais.

Utilizando a tradução livre de Rui Zink, da ideia de Blanchard:

“Há várias definições possíveis de banda desenhada, a mais comum restringe este termo a não designar senão as histórias em imagens de estilo americano que surgiram no final do século passado, nos jornais do outro lado do Atlântico, e que se aperfeiçoaram sob influência do cinema, e mais ainda graças a alguns desenhadores de excelente qualidade (...). Nós queremos adotar um ponto de vista mais vasto, uma definição mais literal que nos permita compreender tanto os baixos relevos da coluna de Trajano como a tapeçaria de Bayeux, os frescos de Assis como certas imagens de Épinal, os álbuns de Töpffer como os de Tarzan e Astérix.” (Zink, 1999, p. 16)

Esta será uma ideia muito vaga, uma noção que Rui Zink caracteriza mesmo como arqueológica. Procura, no entanto, fazer uma ligação da “pré-história” até ao que se considera a banda desenhada atual.

Determinar a origem da banda desenhada é uma discussão de longa data:

“(...) existem actualmente duas grandes posições em relação às origens da BD – ou da BD moderna.

Uma primeira que defende o suíço Rodolphe Töpffer como autor do primeiro texto de BD, em 1833, com Monsiuer Jacob.

Uma outra que considera o americano Richard Felton Outcault como o verdadeiro pioneiro, ao inserir em 1896, um balão em “Hogan’s Alley”, série

⁶ Autor do livro: *La Bande Dessinée – Histoire des Histoires en Image de la Préhistoire à nos jours* (1969)

que hoje é recordada com o nome da sua personagem mais marcante, Yellow Kid.” (Ibid., p. 9)

Associado a esta discussão está o facto da introdução do balão na obra de Outcault. No entanto, para alguns autores esse elemento não será obrigatório na BD. Mas não estará também por certo alheia a longa rivalidade entre dois dos principais polos mundiais de BD: o francófono e o norte-americano.

Tanto Rui Zink como João Ferro são da opinião de que seria Rodolpho Topffer⁷ o pioneiro. Zink diz mesmo que *“O balão que serve de base aos que defendem a origem americana já era usado no cartoon desde muito antes (...) em 1806 o britânico James Gilray utilizava o balão (...)”*. (Ibid., p. 10)

João Ferro refere ainda que Topffer, já tinha desenhado outras obras antes de *L’Histoire de Monsieur Jabot* só que terão sido publicadas posteriormente, algumas delas levaram mesmo 10 anos para serem publicadas, sendo a lentidão da publicação destas obras uma das características no início do desenvolvimento da BD na Europa.

Ainda segundo o mesmo autor, a banda desenhada nos jornais europeus só começou a surgir *“regular e sistematicamente, com o aparecimento, em 3.5.1884, do periódico Ally Sloper’s Half-Holiday (1884-1923), editado em Londres pelos «Daziel Brothers».* Este jornal deveu o seu nome à personagem principal, Ally Sloper”. (Ferro, 1987, p. 25)

Para Pedro Mota, Topffer terá sido dos primeiros a refletir e escrever sobre as características desta nova forma de linguagem e Rui Zink acaba por citar Benoit Peeters, para o qual, uma nota que Topffer colocou na sua obra *L’Histoire de Monsieur Jabot*, seria uma das melhores definições de BD, na qual diz:

*“Em 1837, na sua preciosa nota sobre Monsieur Jabot, primeira tentativa de banda desenhada, Rodolphe Topffer explicava: «Este pequeno livro tem uma natureza mista. É constituído por uma série de desenhos. Cada um dos desenhos está acompanhado de uma ou duas linhas de texto. Os desenhos sem esse texto, não teriam senão um significado obscuro; o texto, sem os desenhos, não significaria nada. O todo forma uma espécie de romance, tanto mais original que não se assemelha mais a um romance do que a qualquer outra coisa.» (...)”*⁸ (Mota & Guilherme, 2000)

Topffer, reconhece assim um carácter inovador na sua obra na qual a associação da imagem e do texto passa a assumir, cada uma, a sua parte na narrativa, complementando-se.

⁷ Rodolpho Topffer (1799-1846) Nascido em Geneve, Suíça. Foi professor, cartoonista, autor e pintor.

⁸ Tradução livre de (Zink, 1999, p. 19)

Mas a questão da “paternidade” da banda desenhada não fica aqui resolvida. No outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos, o jornal *New York World* começou em 1896, a publicar num suplemento de domingo, uma série de aventuras com o nome “Hogan’s Alley”, de Richard Felton Outcault. Nestas, a personagem principal era

“um miúdo careca, vestido com uma grande camisola amarela, (...) uma série de cartoons (...) assumiu a forma de uma série de ilustrações sequenciais, em que o texto era escrito na camisola amarela do Yellow Kid. Primeira série de grande sucesso a ser publicada nos jornais usando balões para conter as falas dos personagens (...).” (Lameiras, 1999, p. 8)

Apesar da referência à utilização dos balões, esta não será uma característica indispensável para se considerar as aventuras do *Yellow Kid*⁹ como ponto de referência, para o início da banda desenhada como é considerada atualmente. Refere-se aqui no entanto uma característica que é comum: a ligação dos *cartoons*¹⁰ com a BD. Esta acontece tanto nos Estados Unidos como na Europa e, mesmo em Portugal, como veremos mais à frente, sendo um dos expoentes no nosso país Rafael Bordalo Pinheiro.

Assim, depois de todos os exemplos anteriores, e mesmo já existindo em alguns casos uma sequência onde era interligado o texto e a imagem, o grande desenvolvimento da imprensa, no final do século XIX, associa um fator importante a ser considerado: a possibilidade de uma difusão em massa.

Desta forma, como refere Rui Zink (1999), a obra de Outcault, *Yellow Kid*, acabou por ser considerada “*por um grupo de estudiosos reunidos em Lucca, em 1982, entre os quais se encontrava o português Vasco Granja*” (p.10) como sendo a primeira obra de banda desenhada e 1896 o ano do seu aparecimento. De qualquer forma, como foi dito anteriormente, esta decisão não é consensual, dividindo-se a maior parte dos autores entre a paternidade atribuída a Topffer ou a Outcault.

O sucesso do boneco vestido de amarelo foi tal que “*deu inclusivamente origem à expressão «Yellow journalism» para designar certo tipo de imprensa sensacionalista*” (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 17) e a que vários autores comessem a criar as suas próprias histórias e heróis. A concorrência entre os jornais era grande, em especial nas suas publicações de domingo, onde eram publicadas excertos de pequenas histórias que continuavam na semana seguinte, como forma de prender os leitores. As publicações de banda desenhada tinham tanto sucesso que logo passaram mesmo a aparecer diariamente.

⁹ As aventuras de *Yellow Kid*, “*contavam as histórias de um miúdo de Nova Iorque num bairro pobre da cidade*” (Ferro, 1987, p. 27)

¹⁰ “Por vezes confundido com a BD, o *cartoon* é um desenho satírico ou crítico, acompanhado ou não de legenda. (...) Tal como a BD nos seus primórdios, a origem do *cartoon* está intimamente ligada à imprensa diária (...) mantém o seu sucesso e o seu sentido ligado à imprensa. (...) A força do *cartoon* é imediata, a estrutura narrativa é a da anedota, o uso dominante é o do comentário directo à realidade concreta.” (Zink, 1999, pp. 12-13)

“Nascia um novo modo de expressão e porque estas histórias eram essencialmente para divertir, foram chamadas de ‘comic strips’. Os ‘comics’ conheceram então um rápido desenvolvimento através de histórias que não se destinavam propriamente a crianças mas que tinham crianças como protagonistas ou se ligavam ao universo infantil ou familiar (...) Começando com a farsa ou a pantomima (...) a BD passa ao tratamento de costumes e temas sociais (...) por vezes com marcas de dramatismo (...). Duas correntes começam a delinear-se entre os autores de BD: os que vêem na BD apenas um divertimento e os que querem intelectualizá-la, explorando todas as suas possibilidades formais ou narrativas.” (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 17 e 21)

Como refere (Ferro, 1987, p. 27), a banda desenhada nos Estados Unidos teve um desenvolvimento rápido devido também às grandes tiragens dos jornais onde se produziam grande quantidade de bandas desenhadas muito diferentes, sendo que as tiragens em grande escala levavam muitas vezes a impressões de menor qualidade.

Nos Estados Unidos, ao longo de várias décadas, observa-se um grande desenvolvimento da BD com a criação de obras que ainda hoje são reconhecidas como por exemplo *“Felix the Cat (1910), Buck Rogers (1929), Tarzan (1929), Mickey (1930), Dick Tracy (1932), Brick Bradford (1933), etc., etc.”* (Ibid., p. 27) e Super-Homem (1938) entre muitas outras, não sendo no entanto objetivo deste trabalho fazer uma listagem exaustiva.

A rivalidade entre os jornais, para apresentarem as melhores histórias, era de tal forma que chegou a levar a disputas abertas entre várias editoras. A importância da BD levou a um crescimento enorme de uma indústria ao seu redor, aparecendo empresas como a *Walt Disney*, que tinha a BD como o principal foco. Surgem os cadernos com compilações de banda desenhada, muitas vezes com páginas coloridas e com uma qualidade de impressão mais cuidada, os *Comic books*¹¹. Esta foi a época de ouro dos *comics* americanos.

Se esta era a realidade nos E.U., o desenvolvimento da BD na Europa iniciou-se de uma forma muito mais lenta, como já foi referido.

Mesmo que se considere, como tendo sido no continente europeu que surgiram as primeiras obras de BD publicadas, como afirma (Ferro, 1987, p. 28), este não deixa de salientar o facto de inicialmente, excetuando as *Images d'Épinal*, *“as tiragens das primeiras edições não foram elevadas”* e *“o processo de adopção da banda desenhada, por parte dos jornais (em especial os diários), foi lento e pouco convincente. Estes geralmente apenas a traziam nos seus suplementos semanais.”*

¹¹ Revistas dedicadas à BD onde muitas das vezes eram compiladas e reimpressas algumas das histórias publicadas anteriormente nos jornais diários e semanais.

Por outro lado, outra característica da BD europeia era ser mais dirigida para um público infantil e juvenil sendo difundida principalmente em publicações para jovens.

Deixando de parte a enumeração de alguns autores europeus e as suas obras, anteriores e contemporâneos de Topffer, que seria exaustivo para a natureza deste trabalho, é de salientar a referência de João Ferro às primeiras histórias de “«Bécassine», no periódico *La semaine de Suzette*. Foi esta a primeira vez que surgiu o duo argumentista-desenhador.¹²”

Cabe também referenciar um autor belga, George Remi, que com o pseudónimo de Hergé,

“publicou (1929) a primeira aventura de Tintim. Este herói nasceu no suplemento semanal do diário católico de Bruxelas, Le Vingtième Siècle, intitulado Le petit Vingtième, e a sua primeira aventura chamava-se «Les Aventures de Tintim, repórter du Petit Vingtième au Pays des Soviets». Ainda hoje se fazem reedições dos inúmeros álbuns de Tintim, que têm sido lidos apaixonadamente por todas as gerações.” (Ferro, 1987, p. 24)

Sendo que a discussão da origem da banda desenhada atual se faz entre os Estados Unidos e a Europa, não se pode deixar de fora uma outra escola de BD: a que vem do Japão.

Longa será também a “pré-história” que dá origem à BD japonesa e alguns traços da linguagem da mesma são encontrados longinquamente na sua cultura. João Lameiras (1999) dá o exemplo dos biombos *nanbam* que, através de desenhos estilizados, ilustram o encontro em dois povos diferentes, o japonês e o português.

“Mesmo que se considere a origem da BD, na data anteriormente referida, “o termos manga¹³, utilizado no Japão para definir a BD, e que numa tradução literal significa «imagens incongruentes», tem origem no período Edo (1600 a 1867) e foi usado pela primeira vez por Hokusai¹⁴.” (Lameiras, 1999, p. 9)

No entanto, tal como no ocidente, a BD japonesa começa a ser reconhecida como tal, quando passa para o suporte em papel, mais propriamente para a difusão na imprensa. Assim:

¹² A B.D. «Bécassine», começou a ser publicado em 1905, Maurice Languerau era o argumentista e J.P. Pinchon o ilustrador. Desta série saíram 38 álbuns. (Ferro, 1987, p. 24)

¹³ Hokusai “fez também milhares de ilustrações num estilo fantástico e caricatural, que, entre 1814 e 1878, foram sendo reunidas numa série de 15 volumes, que tinham precisamente por título Hokusai Manga. (...) Estava assim criado o termo actualmente usado para definir a BD japonesa.” (Lameiras, 1999, pp. 9-10)

¹⁴ “Hokusai, um dos maiores mestres dos ukio-e, gravura em madeira japonesa, conhecido principalmente no Ocidente graças à série de cem gravuras que fez com vistas do Monte Fuji.” (Ibid., p. 9)

“Rakuten Kitazawa descobre a sua vocação. Este artista e caricaturista (...) foi contratado para o suplemento dominical do diário Jiji Shimpou. Nesse caderno, apropriadamente chamado Jiji Manga e preenchido por caricaturas e bandas desenhadas a cores, na linha dos suplementos dominicais dos jornais americanos, Kitazawa publica em 1902 a série «Viagem a Tokio de Tagosaku e Mokube», que é considerada a primeira banda desenhada japonesa com personagens fixos.” (Ibid., p. 11)

Este autor irá influenciar uma nova geração de autores japoneses. O desenvolvimento da BD japonesa, tal como refere João Lameiras, teve uma influência da dos EUA inventando, no entanto, os seus próprios super-heróis.

“Mas a grande viragem dos manga em direção à sua imagem actual (...) tem como responsável um homem, Osamu Tezuka. Grande admirador confesso de Walt Disney, Tezuka estreia-se na BD em 1947, com «A Nova Ilha do Tesouro», o 1º título (...) que iria revolucionar claramente os manga, tanto em termos estéticos como narrativos.” (Ibid., p. 11 e 12)

João Lameiras lembra que nesta altura vivia-se o pós II Guerra Mundial, e o Japão estava ocupado por forças americanas. A sátira política era proibida, tendo

“as histórias de evasão e aventura fantástica criadas por Tezuka, num estilo caricatural mas extremamente dinâmico, (...) conquistaram facilmente um público em busca de emoção e divertimento, ao mesmo tempo que ajudaram a criar uma nova geração de leitores que praticamente aprendeu a ler com os manga de Tezuka(...)” (Ibid., p. 12)

Se, no Japão após a II Guerra, a BD era vista como uma verdadeira forma de arte, tendo sido conquistado uma enorme franja de público por toda a sociedade, no ocidente, em especial nos Estados Unidos, começa a existir uma certa resistência à mesma.

A proliferação de obras nos Estados Unidos levou ao desenvolvimento de uma grande variedade tanto dos temas, como da qualidade das suas impressões, pois em alguns casos, para se obter um maior lucro e continuar a produção em massa, as impressões eram feitas em papel de qualidade mais fraca. Também a diversidade dos temas abordados começou a causar algum desconforto. Como refere Maria Duarte Santos (1979) alguns autores começaram a abordar temas macabros, com violência e morte, que eram

“como reflexos do ambiente de terror, de crime e de «gangsterismo» que nessa altura se vivia na América. (...) A B.D. começou então, pelo menos através de alguns autores – era preciso produzir de acordo com as preferências do público – a entrar noutra género de evasão: o terror, a brutalidade e a violência. Os «horror comic books», surgidos nos primeiros anos da década de 50 e mais tarde proibidos, representam, em certos aspetos, o culminar desta evolução.” (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 21)

Provavelmente este novo gênero foi uma das razões para que em meados da década de 50 a BD tenha começado, nos Estados Unidos, a sofrer uma reação negativa por parte de alguns setores da sociedade. A violência explícita em algumas das obras, começa a ser culpabilizada por muita da delinquência juvenil. Um dos pontos mais visíveis deste julgamento é o livro *Seduction of the Innocent*, no qual o psicólogo Dr. Frederic Wertham faz uma reflexão sobre os efeitos nefastos dos *comics* nas crianças e jovens.

Pedro Moura (2008) refere mesmo que as teses defendidas por este autor

“levariam a uma verdadeira perseguição à banda desenhada como um todo nos Estados Unidos, inclusive envolvendo o Congresso, e que se por um lado levaram ao encerramento de muitos títulos (sobretudo de terror e de crime) por outro forçariam os próprios editores a instituir o Comics Code Authority, uma espécie de crivo editorial que procurava respeitar toda uma série de normas e condutas do foro moral antes de proceder à publicação dos trabalhos(...)” (Moura, 2008, p. 171)

A *Comics Code Authority* (CCA) surgiu em 1954¹⁵ e foi a forma que a própria indústria de BD americana acabou por encontrar para se antecipar a uma possível intervenção governamental mais rigorosa, fazendo assim uma espécie de autocensura. As obras ficavam dependentes de um selo de aprovação¹⁶.

Ao longo de vários anos esta aprovação foi essencial. No entanto, à medida que algumas editoras iam deixando de submeter as suas obras à aprovação, a importância do *Comics Code* foi perdendo relevo. Também foi havendo uma contestação a favor da liberdade das publicações. Mesmo assim, editoras com grande relevo, como a Marvel, somente nos anos oitenta fizeram algumas edições sem o selo da CCA e só em 2001 deixou por completo de submeter as suas obras à aprovação prévia. Só em 2011 terminou mesmo a *Comics Code Authority*.

Apesar de na segunda metade dos anos cinquenta a BD ter atravessado um período mais difícil, com todas estas restrições, “a vitalidade e o dinamismo deste género de expressão triunfaram. Walt Kelly, antigo desenhador dos estúdios Disney, revolucionou o

¹⁵ Dados retirados do site Comics alliance em <http://comicsalliance.com/history-comics-code-authority> a 15 de janeiro de 2016

¹⁶ Algumas das regras implementadas iam desde a obrigação de que em todos os casos o “bem” triunfará sobre o “mal” e o criminoso deve ser punido pelos seus crimes; se for descrito algum crime, deve ser sempre visto como uma atividade sórdida e desagradável; os crimes nunca poderiam ser apresentados de forma a que pudessem criar alguma simpatia pelo criminoso. Estas e outras regras podem ser vistas em <http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/UsefulNotes/TheComicsCode?from=Main.ComicsCode> consultada a 15 de janeiro de 2016

*estilo e o conteúdo da B.D. americana com a criação de Pogo. Acompanhou-o Charles Schulz criando Peanuts*¹⁷.” (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 23)

Ao longo dos anos 60 nos Estados Unidos há um reaparecer dos super-heróis, em especial nas edições da Marvel, e há em especial um desenvolvimento “do movimento underground, cujas raízes se encontram nas séries proibidas da EC e, sobretudo, na revista «Mad»(...)” (Mota & Guilherme, 2000, p. 7)

Por seu lado, na Europa do pós II Guerra Mundial, se há alguma repressão também sobre alguma da BD importada dos Estados Unidos, pelas razões acima descritas, os finais dos anos 40 e os anos 50 veem surgir algumas das bandas desenhadas com maior sucesso. Referindo somente a escola franco-belga, surgem obras como *Lucky Luke* (1946) de Morris, *Jerry Spring* (1954) de Jijé, *Os estrumpfes* (1958) de Pierre Culliford (Peyo), *Astérix* (1959) de Albert Uderzo e René Goscinny.

Fazendo referência somente a estas obras, pode-se verificar o grande desenvolvimento que a BD teve nestes anos na Europa atingindo um vasto público.

A evolução da BD europeia nesta época, não estará também alheia ao facto de ao longo da II Guerra Mundial ter sido proibida a importação da BD norte americana, o que permitiu que a franco-belga e europeia em geral tivessem um maior desenvolvimento.

Na Europa também nos anos 60, vai viver-se “o espírito underground vai ser a tradução em banda desenhada do Maio de 68” (Mota & Guilherme, 2000, p. 7) período após o qual vai existir uma grande liberdade criativa em algumas revistas. Os mesmos autores salientam ainda que “*inicia-se na década de 60 toda uma viragem da banda desenhada mundial, aos níveis da experimentação gráfica (...) e da técnica narrativa. (...) Nos anos 70, na sequência da criação de «Corto Maltese*¹⁸ por Hugo Pratt em 1967, marcam uma abordagem do romanesco pela banda desenhada.” (ibidem)

Ao longo das últimas décadas a BD tem vindo a amadurecer, abrangendo uma grande diversidade de públicos, desde crianças a adultos. Se as tiras semanais podem já ser cada vez mais raras, são agora as obras de autor onde num livro se conta uma história completa, que vão florescendo.

Ao longo da década de 80 assistiu-se a um grande desenvolvimento nas revistas especializadas em BD, e são publicadas obras como: “Maus¹⁹”; “The Dark Knight

¹⁷ Banda desenhada começada a publicar em 1950 por Charles Schulz que tem como personagens principais Charlie Brown e Snoopy

¹⁸ Corto Maltese, é uma personagem de banda desenhada criada por Hugo Pratt (desenhador italiano 1927-1995) que representava um marinheiro, da Marinha Mercante, que ao longo de várias histórias de aventuras acaba por se cruzar com personagens históricos reais.

¹⁹ *Maus* (1980 a 1991) foi escrito e desenhado por Art Spiegelman, onde o autor aborda o tema de um sobrevivente judeu ao Holocausto, sendo esse sobrevivente o seu pai. Ao longo da história retrata as consequências familiares desse período, além de tratar do tema do antissemitismo.

Returns²⁰; Watchmen²¹, obras que irão utilizar a linguagem de uma BD até então, tida como mais alternativa, e vão chamar a atenção de um público mais adulto, devido em parte aos temas e à profundidade dada aos mesmos. Algumas dessas obras acabam por ser classificadas como *Graphic Novel* (romance gráfico).

Apesar dos grandes sucessos da escola dos Estados Unidos e da franco-belga, desde os finais dos anos 80 do século XX, os *manga* tornaram-se

“a maior indústria de Banda Desenhada a nível mundial, com o volume que de vendas, quer de produção, verdadeiramente impressionante, com os manga, (...) a representarem mais de 30% de todo o material impresso no Japão. Cada editora publica revistas semanais de 300 a 1000 páginas (...) com tiragens que chegam aos cinco milhões de exemplares, consumidos por todos os estratos de uma população altamente alfabetizada.” (Lameiras, 1999, p. 4)

Esta expansão dos *manga* é refletida também nos mercados ocidentais, onde não só o público se tornou ávido das suas histórias, mas também, como refere João Lameiras, os próprios autores europeus e americanos acabaram por ser influenciados pelas *“particularidades estéticas e narrativas”* dizendo ainda que poderíamos mesmo *“utilizar o termo de Boaventura de Sousa Santos, localismo globalizado, (entendido enquanto processo pelo qual um determinado fenómeno local se expande com êxito a todo o globo) em relação a este fenómeno emergente.” (ibidem)*

Por fim, há que referir um dos fenómenos mais recentes na história da BD, que se tem vindo a verificar nas últimas duas décadas: a utilização cada vez mais generalizada da internet tem levado a que muitos artistas comecem a publicar as suas obras de BD diretamente *on-line*. Já não se trata da impressão na folha clássica de papel que levou a ser uma das características que se teve em conta para se considerar o que definimos como banda desenhada atual. Estamos a assistir ao desenvolvimento dos *webcomics* que estão a crescer num novo espaço virtual e explorando novos formatos específicos.

²⁰ *The Dark Knight Returns* (1986) Obra escrita e desenhada por Frank Miller, conta a história de Bruce Wayne (Batman) que irá tentar combater o crime sofrendo no entanto a oposição da polícia de Gotham City e do Governo dos Estados Unidos.

²¹ *Watchmen* (1986/ 87) Obra escrita por Alan Moore e desenhada por Dave Gibbons. A história aborda o tema da relação entre os Estados Unidos e a União Soviética, durante o período de Guerra Fria, correndo-se o risco de uma guerra nuclear.

2.1.2 A Banda Desenhada em Portugal

Interessa fazer também uma breve história da banda desenhada em Portugal, sobre a qual poderemos também encontrar opiniões diferentes sobre quando começar a fazer uma referência às suas origens, ou antes, se consideramos também neste caso a *pré-história* da banda desenhada.

Poder-se-ia ir, também aqui, tão atrás como às pinturas rupestres, mas tanto João Pedro Ferro, no livro *História da banda desenhada infantil portuguesa, das origens ao ABCzinho*; como João Boléo e Carlos Pinheiro em *Das Conferências do Casino à Filosofia de Ponta: percurso histórico da banda desenhada portuguesa*, referem como o precursor mais antigo da banda desenhada em Portugal se poderá considerar como sendo as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X²².

João Ferro refere que “Embora não se possa considerar estas cantigas como património nacional²³, fazem parte, sem dúvida, do espólio cultural pátrio: o seu texto é em galaico-português e nos seus temas encontram-se muitos motivos portugueses.” (p. 32-33). O autor, acaba por citar Matilde Lopez Serrano²⁴ onde a autora refere que além de “cada iluminura ser dividida em seis vinhetas, contando uma história ou episódio, verifica-se ainda que «[...] acontece o mesmo na parte superior de cada miniatura, para uma legenda que (...) explica a cena ali representada» (...)”, acabando mesmo por João Ferro por afirmar, como tinha feito Topffer, que “os desenhos, sem o texto, pouco significariam, e que este, sem os desenhos, teriam um significado obscuro”.

Durante os séculos seguintes, em Portugal podem ainda encontrar-se outras obras que para João Ferro poderão ser também referenciadas, como são o caso dos chamados *Livros de Horas*, onde o facto a salientar serão as iluminuras que acompanhavam algumas dessas obras, assim como se poderiam referir ainda outros exemplos de obras onde poderia ser observada uma narrativa visual, alguns painéis, azulejos, vitrais e *ex votos*²⁵.

Mas como referido anteriormente, nem todos os autores iniciam a descrição da história da BD em Portugal por estes antecessores da chamada *pré-história*.

António de Deus (1997), apesar de reconhecer a importância destes percussos, prefere não fazer uma grande referência e começa por dar importância ao que considera

²² Afonso X (1221-1284) com o cognome de o Sábio, foi rei de Leão e Castela e avô de D. Dinis, rei de Portugal.

²³ As iluminuras das *Cantigas de Santa Maria*, encontram-se guardadas na Biblioteca do Escorial, Madrid, Espanha.

²⁴ Em *Cantigas de Santa Maria de Alfonso X el sabio, Rey de Castilla*, Madrid, Editorial Patrimonio Cultural, 1974, p.39

²⁵ João Ferro refere que “nos *ex votos*, onde se narram pormenores de milagres recebidos, existem exemplos de banda desenhada deveras curiosos. Um dos mais interessantes (...) O devoto mandou relatar todas as suas aventuras, desde que saíra de Portugal e fora para o Brasil (...) e quis, para cada cenas, que o pintor desenhasse uma legenda, explicando a imagem.” (Ferro, 1987, p. 45)

serem os “progenitores” da banda desenhada em Portugal. Para ele “*Vamos encontrá-los nas ilustrações romanescas, nos cartoons satíricos, nos passatempos figurados, florescentes nas revistas de meados do século XIX.*” (Deus, 1997, p. 17)

Este será um ponto em comum entre os diferentes autores, no que se refere à génese moderna da BD, tanto em Portugal como no resto do mundo: uma ligação direta ao desenvolvimento da imprensa. Como foi referido anteriormente, apesar de existir uma discussão sobre a data da origem da primeira banda desenhada, a verdade é que ela acabou sendo fixada em 1896, com o aparecimento do *Yellow Kid*.

No entanto, os autores portugueses, relativamente às origens do surgimento da BD em Portugal fazem uma maior ligação, às suas origens ligadas a Topffer (1833). Este facto é importante, pois as referências à primeira BD em Portugal serão, neste caso, significativamente anteriores à origem norte americana.

Mas qual será então a publicação que poderemos considerar como sendo a primeira BD publicada em Portugal?

Também aqui os autores divergem, atendendo às obras²⁶ de António de Deus e João Ferro, temos duas opiniões diferentes: se para o primeiro terá sido uma publicação datada de 3 Agosto de 1850, na *Revista Popular*, com o título *Aventuras sentimentais e dramáticas do Senhor Simplício Baptista*, para o segundo autor a primeira publicação em Portugal deverá ser atribuída a Nogueira da Silva numa revista humorística, *O Asmodeu*, em 9 de Fevereiro de 1956, mais de cem anos depois daquela primeira data.

Quanto às *Aventuras sentimentais e dramáticas do Senhor Simplício Baptista* (1850), o seu autor permanece em dúvida. Normalmente está associado à autoria de Flora, assinatura que aparece em todas as vinhetas. No entanto, António de Deus refere que a mesma identificação aparece numa grande variedade de ilustrações e mesmo em diferentes periódicos, chegando mesmo a surgir o nome de Flora ao lado do de Nogueira da Silva²⁷. “*Pela diversidade de motivos que ilustrou, bem assim pela variação do traço, seríamos levados a pensar que Flora corresponderia apenas ao nome do gravador que talhava a madeira, copiando os desenhos alheios.*”, (Deus, 1997, p. 30) Ficando assim esta obra sem uma referência certa quando ao seu autor.

²⁶ Nos livros *Os comics em Portugal. Uma História da Banda Desenhada*, de António Dias de Deus e em *História da Banda Desenhada Infantil portuguesa. Das origens até ao ABCzeinho*, de João Ferro podemos encontrar uma descrição aprofundada das origens da BD em Portugal. Também pode ser visto um documentário em vídeo, do blog VerDB com a pesquisa de Pedro Moura e Realização de Paulo Seabra é feita uma abordagem à história da BD em Portugal, desde as suas origens até aos nossos dias (neste caso 2007, ano da produção do vídeo) e onde são feitas diversas entrevistas com autores e historiadores de BD, alguns dos quais citados ao longo deste trabalho. O documentário em vídeo está disponível em dois episódios que puderam ser consultados em 10 de Dezembro de 2015 nos seguintes endereços eletrónicos: episódio 1 <https://www.youtube.com/watch?v=HMFDJfUakA0> episódio 2 <https://www.youtube.com/watch?v=CaT4UCDINrE>

²⁷ Talvez por este facto os autores João Boléo e Carlos Pinheiro, coloquem a hipótese de Flora ser um *alter-ego* de Nogueira da Silva (Boleo & Pinheiro, 2000, p. 14)

Nogueira da Silva fez, durante cerca de 10 anos, várias publicações, muitas delas *cartoons*, sendo que a que se considera como a sua primeira BD publicada como uma sequência narrativa englobava quatro vinhetas com a legenda *Index da Physiologia Social*.

Apesar de João Ferro, considerar Nogueira da Silva como o autor da primeira BD publicada em Portugal, salienta o facto de

“a utilização das histórias aos quadrinhos por este artista foi apenas esporádica, não adquirindo a quantidade e as características que Rafael Bordalo Pinheiro²⁸ lhes imputou mais tarde.

Foi Rafael Bordalo Pinheiro indubitavelmente o pai da banda desenhada, no sentido em que com ele esta técnica passou a ser utilizada regularmente, adquirindo um público certo, ao mesmo tempo que ao longo das suas obras se verifica uma constante evolução” (Ferro, 1987, pp. 46, 48)

António de Deus considera que *“a entrada em cena de Raphael Bordallo Pinheiro provocou uma revolução completa na nossa ilustração gráfica. Tão forte era a sua personalidade que os imitadores continuavam, várias décadas após a sua morte.” (1997, p. 37).*

Também João Baléo e Carlos Pinheiro afirmam, ser o *“único autor português de BD do século XIX que pode ser incluído na nata da BD europeia e mundial.” (2000, p. 14).* Os *cartoons* com crítica política, social e as caricaturas, são uma parte importante da sua obra, no entanto, no âmbito deste trabalho será feita somente uma breve²⁹ alusão às suas primeiras obras, que marcaram o seu percurso no que hoje chamamos de BD.

Para João Ferro as primeiras produções de banda desenhada de Rafael, iniciaram-se a *“5 de julho de 1870, do seu álbum «A berlinda». (...) com o subtítulo de «Reproduções d’um álbum humorístico, ao correr do lápis»” (1987, p. 48).* Desta só foram criadas sete páginas, das quais as duas primeiras tinham o nome de *Os fossadores do patriotismo*, onde eram mostradas

“as várias fases da conquista do poder pelos políticos partidários do marechal Saldanha. Contada em sequência de vários quadros, tem um grande cartoon central com a ordenha exaustiva de uma vaca (sátira à exploração desenfreada). Temos, portanto uma anedota (cartoon) enquadrada por tiras cómicas. Estava encontrada a técnica narrativa!”” (Deus, 1997, pp. 37, 38)

²⁸ Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) *“foi um dos maiores artistas portugueses do século XIX. Caricaturista, cartoonista, ceramista.” (ibidem)* Destacou-se ainda como amante do teatro, jornalista e professor, autor do popular *“Zé Povinho”*, representação que acabou por ser um símbolo do povo português. Filho de Manuel Maria Bordalo Pinheiro e de Maria Augusta do Ó Carvalho Prostres, nasceu numa família de artistas, tendo 12 irmãos, dos quais os também artistas Columbano e Maria Augusta.

²⁹ Mais uma vez, salientar tanto o livro de João Ferro como o de António Dias de Deus, no qual é feita uma descrição mais aprofundada das obras de Rafael Bordalo Pinheiro.

A sétima página intitulava-se “*Conferencias Democráticas*” publicada em 5/7/1871, e será das mais conhecidas e que terá contribuído para

“a fama que o álbum desfruta. (...) Certamente porque o tema versa, «As Conferencias do Casino», provocou a rotura do paradigma cultural, político e social então vigentes (...). Constava de uma prancha de trinta desenhos, desenhados a tinta negra, e divididos por cinco bandas (ou strips). Sendo, portanto, de seis a média de desenhados por cada banda. Esta história aos quadrinhos pode ser claramente dividida em três partes distintas: Introdução (do 1º ao 11º desenho), desenvolvimento da história (do 11º ao penúltimo desenho) e conclusão (do 30º ao último desenho)” (Ferro, 1987, p. 52)

No entanto, para António de Deus, apesar de já se ter desenvolvido aqui uma sequência narrativa, faltaria “*agora criar a história aos quadrinhos autónoma, com argumento de ficção, com principio meio e fim, com um herói (ou anti-heroi)*” (Deus, 1997, p. 38). Esse passo seria dado, segundo o autor, com a publicação, em 1872, do álbum de banda desenhada, “*Apontamentos de Raphael Bordallo Pinheiro Sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa*”. Este álbum “*satiriza a primeira viagem à Europa (1871) do Imperador do Brasil, D. Pedro II*” (Ferro, 1987, p. 53), obra que para alguns autores é considerada como sendo a primeira banda desenhada em Portugal, mas erradamente, segundo João Ferro.

Para terminar o tema referente a Rafael Bordalo Pinheiro, acrescente-se somente um reparo feito por António de Deus à sua obra: o quase esquecimento do público infantil, o que não seria estranho, pois na sua maioria as publicações da época, em Portugal, destinavam-se, pelo seu conteúdo, principalmente a um público mais adulto. Este facto, aliado à influência que Rafael teve sobre muitos autores, contribuiu, “*para que as histórias aos quadrinhos infantis ganhassem o mesmo valor que os comics satíricos, ter-se-ia que esperar por um desenhador que rompesse as grilhetas da sua escola...*” (Deus, 1997, p. 48)

Até ao final do século XIX destacar somente dois factos que vão inspirar alguns autores de BD portugueses: “*o Ultimatum*” em 1890, que levou a um forte sentimento antibritânico; e as críticas à monarquia portuguesa. Ambos são temas que vão fazer parte das histórias publicadas neste período.

No início do século XX, em 1910, dá-se a queda da monarquia e as caricaturas e obras de banda desenhada de autores como “*Rafael Bordalo Pinheiro, Celso Hermínio e Leal da Câmara (...) todos eles republicanos, são geralmente considerados como tendo contribuído muito para essa Revolução pelo desgaste produzidos através das suas BD, dos seus cartoons e dos jornais que dirigiram.*” (Boléo & Pinheiro, 2000, p. 17)

Os periódicos infantis terão surgido em Portugal em 1854 com o *Ramalhetinho de Puerícia*. Desde aí foram surgindo e extinguindo-se várias publicações infantis. A BD não era presença nas mesmas, somente no final do século XIX, foram surgindo e, na sua maioria, cópias de histórias estrangeiras. A principal função da maioria destas publicações era a transmissão de valores morais com o fim de criar, o que se achava que seriam crianças perfeitas. A educação através dos valores cristãos da época estava muito presente.

É no início do século XX, mais propriamente em 1 de Abril de 1903 que surge a revista para crianças *O Gafanhoto*³⁰. Nesta existe a publicação de algumas BD para crianças. Tal como acontecia em algumas revistas anteriores, eram na sua maioria estrangeiras. No entanto, surgiria nesta revista o primeiro herói da BD infantil portuguesa, que teria o mesmo nome da revista. O criador da personagem foi Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, filho de Rafael.

Salientar que na revista *O Século – Suplemento Humorístico*, em 1905, há uma primeira aproximação ao público infantil, com duas publicações intituladas «História Portuguesa Ilustrada para Uso nas Escolas» e «Geografia para Uso nas Escolas»³¹

Até esta altura, não se pode falar numa produção de BD na qual se pudesse encontrar uma personagem fixa, e as publicações anteriores não foram duradouras. A grande mudança deu-se com o aparecimento, em 1915, na revista *O Século Cómico*³² de “*Quim e Manecas*”³³, de Stuart Carvalhais.

“O Quim era um garoto magrizona, alto, finha, cabelo escuro e escorrido, calças compridas com suspensórios e chapéu de coco. O Manecas era mais novo e mais malandro. Vestia bibe às pintinhas, tinha rosto redondo e matreiro, nariz arrebitado e três pelinhos no alto da cabeça (...).”

Esta obra de Stuart Carvalhais,

“não só revoluciona a banda desenhada portuguesa como a coloca na vanguarda da BD europeia, pode ser considerada a grande banda desenhada republicana, não só pela sua durabilidade e qualidade, mas porque reflete os

³⁰ A revista *O Gafanhoto* iria acabar no número 42, em 1904 e surgir de novo em Janeiro de 1910, durando até Dezembro do mesmo ano.

³¹ Nestas publicações que foram surgindo, “*algumas vinhetas estão assinadas por Francisco Valença. Outras, possivelmente, pertencerão a Francisco Teixeira*” (Deus, 1997, p. 89) O autor chama-lhes “*tiras de continuação*”.

³² A revista *O Século Cómico* surge em 1913 como sucessora de *O Século – Suplemento Humorístico*, ambas foram suplementos do jornal *O Século*.

³³ *Quim e Manecas* foi a obra mais conhecida de Stuart Carvalhais (1887-1961) e acompanhou-o durante grande parte da sua vida. Apesar de ter tido algumas interrupções com menor ou maior duração, as publicações duraram desde 1915 a 1953 e que foram sendo publicados em “*sete títulos, com destaque para quatro: O Século Cómico, autónomo e depois integrado na Ilustração Portuguesa, Sempre Fixe, Diário de Lisboa e Pajem do Cavaleiro Andante*” (Boléo & Pinheiro, 2000, p. 38)

acontecimentos, posicionamentos, perplexidades e interpelações intimamente ligadas a esse período da História portuguesa.”³⁴

Também António de Deus acrescenta que *“As referências à política do seu tempo são frequentes: muitos dirigentes de partido e militares vieram caricaturados”* (1997, p. 92) Em relação a especificações mais técnicas, *“Stuart emprega balões, judiciosamente manuscritos com discurso em calão, acompanhados de onomatopeias, sinais icónicos e sinais cinéticos. Na Europa, tais processos só se tornariam habituais por volta de 1925 (ou seja, 10 anos após)”* (ibidem)

Apesar de ser considerada uma BD para crianças, as suas aventuras, que constantemente envolvem

“acontecimentos sociais e políticos, cruzam-se com personalidades da época, de tal forma que só um adulto poderá devidamente compreender e apreciar. Os textos cheios de ironia, de referências e por vezes até de vocabulário difícil, mas sem deixar de ter uma linguagem e apartes patuscos, reforçam essa ambivalência que é outro dos grandes segredos da série. Numa fusão rara, fizeram uma obra que é eminentemente para adultos, mas mantendo ao mesmo tempo um encanto e características infantis.” (Boléo & Pinheiro, 2000, p. 40)

Talvez esta dualidade e mesmo o seu surgimento num suplemento de um jornal não seja de toda uma coincidência, até porque, como refere (Ferro, 1987), os tipos de conteúdos dos periódicos para crianças do início do século eram pouco diferentes dos que os tinham antecedido nos anos oitocentos do século passado. Afirma ainda que *“Foi apenas com o aparecimento do ABCzinho (1921-1932), que se deu a ruptura no paradigma metodológico e ideológico das publicações infantis.”* (p. 59). Em termos dos assuntos nela abordados, por vezes até são coincidentes. No entanto,

“diferem na sua forma e conteúdo. Os contos e histórias deixaram de ter um carácter essencialmente moral e educativo para darem especial relevo ao aspecto lúdico, tentando ir ao encontro do gosto dos jovens; passaram a aparecer, com grande frequência, emocionantes aventuras (...) Quanto à banda desenhada, o ABCzinho publicou-a em grande quantidade, desde o primeiro ao último número, tanto de autores portugueses como de estrangeiros. (...)

Quanto à banda desenhada portuguesa, ela aparece-nos logo na primeira página do primeiro número da revista (15.10.1921), com «O Filho

³⁴ Excerto retirado do sítio da Biblioteca Nacional de Portugal, onde é anunciada a conferência por João Paulo Paiva Baléo com o título: *“Centenário de Quim e Manecas de Stuart Carvalhais”*. Consultado a 15 de Dezembro de 2015 em http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1107:conferencia-centenario-de-quim-e-manecas-de-stuart-carvalhais-30-nov-18h30&catid=165:2015&Itemid=1127&lang=en

*do Agulheiro», com desenhos devidos ao lápis de Cottinelli Telmo³⁵»
(Ferro, 1987, p. 100 e 102)*

Assim, nesta época, em Portugal, assiste-se a uma nova forma de ver as publicações infantis, onde a BD vai ter um espaço para crescer não só nos suplementos dos jornais, mas também em publicações dedicadas aos jovens. Vão existir, assim, vários autores que começam a dedicar-se mais à arte da BD. Também e, de uma forma geral, vai ao longo das próximas décadas, passar-se de temas mais de ordem cómica / satírica para temas mais virados para a aventura.

No entanto, em 1926, dá-se a revolução militar de 28 de Maio que irá implantar em Portugal uma Ditadura Militar, que em 1933 dá lugar ao chamado *Estado Novo*. Algumas das implicações dessa alteração política sobre a BD vão sendo tratadas ao longo do texto que se segue.

Nesta fase vão surgir várias revistas e jornais infantis, sendo que na sua maioria, o período de existência de cada um foi relativamente curto. Salientem-se apenas alguns títulos que surgiram e deixaram a sua marca por estas décadas, entre meados dos anos 30 até aos anos 50 do século XX.

O Papagaio surge em 1935-1949³⁶, ligado à Igreja Católica, tem como seu fundador e diretor Adolfo Simões Muller³⁷. Nesta revista colaboram alguns dos nomes mais importantes da ilustração e banda desenhada portuguesa da época, dando espaço também a novos valores. Para além da BD de autores nacionais, também a estrangeira tinha o seu lugar de relevo, nomeadamente *As Aventuras de Tintim*, do belga Hergé, que surge então entre nós, pela primeira vez.

O Mosquito (1936-1953) segundo Geraldês Lino, no blogue *Divulgando BD*³⁸, foi uma das revistas de BD mais bem-sucedidas na época já que “*chegou a atingir 40.000 exemplares por cada tiragem, duas vezes por semana quando passou a bissemanal*” levando assim 80.000 por semana.

Como refere António de Deus,

³⁵ José Ângelo Cottinelli Telmo (1897-1948) Foi um arquiteto, poeta, escritor, músico, realizador de cinema e criador de banda desenhada. Responsável por importantes obras de arquitetura durante o Estado Novo, que se tornaram símbolos do mesmo. Realizador do filme *A Canção de Lisboa*, assim como, foi o compositor do hino da Mocidade Portuguesa. Entre 1921 e 1929 dirige o ABCzinho, sendo um dos seus principais dinamizadores.

³⁶ Em 1949 a Revista *O Papagaio*, passou a fazer parte da revista católica *Flama* (AA. VV., História da BD Publicada em Portugal 1ª parte, 1995, p. 9)

³⁷ Adolfo Simões Muller (1909-1989) Escritor, jornalista e pedagogo. Foi fundador e diretor do jornal infantil *O Papagaio*, diretor do *Diabrete*, do *Foguetão* e ainda da revista de Banda Desenhada *Cavaleiro Andante*.

³⁸ Consultado em 5 de Dezembro de 2015 em <http://divulgandobd.blogspot.pt/2006/01/o-mosquito-1936-1953-revista-de-bd-70.html>

“A difusão de O Mosquito criou como que uma espécie de «democracia juvenil», porque todos o liam, comprado ou emprestado. Todos o conheciam, todos o discutiam. (...). Podemos atribuir ao aparecimento de O Mosquito o primeiro movimento coletivo de rebeldia das crianças em Portugal. As consequências não se fizeram esperar (...). O Mosquito foi perseguido, confiscado, rasgado, queimado, deitado para o caixote do lixo, anatemizado e esconjurado.”

Os pais sentiam com estas publicações as leituras dos seus filhos estavam a fugir do seu controlo, não sendo este facto muito do seu agrado, não encontrando razões para desvio de leituras que achavam mais apropriadas, como as oferecidas por revistas como *O Papagaio*.

O Diabrete (1941-1951) foi outra revista que teve alguma longevidade. Esta revista surge com a intenção de fazer concorrência a *O Mosquito* e a partir da vigésima publicação “a direcção passa para Adolfo Simões Muller, que se empenha em transformar a revista num rival eficaz de *O Mosquito*” (Deus, 1997, p. 175). Ao seu lado, tinha um dos mestres da época da banda desenhada em Portugal, Fernando Bento. Por outro lado, *O Mosquito*, nos finais de 1942, fica sob as orientações de outro mestre da BD, Eduardo Teixeira Coelho. Era a disputa pelo público infantil.

Foram muitos os seus colaboradores, tanto desenhadores portugueses, como estrangeiros, sendo que uma das obras mais conhecidas que começou a ser publicada nesta revista foi *As aventuras de Tarzan*, de Rex Maxon.

O Cavaleiro Andante (1952-1962) surge na sequência da revista *O Diabrete*, igualmente sob a direcção de Simões Muller, que continua a ser ajudado por Fernando Bento, o qual também publica obras da sua autoria bem como de autores como José Ruy, José Garcês, José Manuel Soares e também do próprio Eduardo Teixeira Coelho. Além dos autores nacionais, as obras estrangeiras eram, na sua grande maioria, europeias.

*Mundo de Aventuras*³⁹ (1949-1987) ao contrário da revista anterior, esta dedicou-se essencialmente à BD norte-americana. Quando começou a ser publicada, logo chamou a atenção dos leitores. A sua estética era muito diferente daquela a que estavam habituados e a novidade de aventuras de alguns dos clássicos americanos foi uma grande atração, apesar de alguns deles já terem surgido anteriormente, de forma esporádica, em revistas publicadas em Portugal. “Mas o panorama só ficou verdadeiramente completo com a entrada em cena do *Mundo de Aventuras*, embora com um atraso de quase duas décadas em relação ao aparecimento nos Estados Unidos” (AA. VV., 1995, p. 30).

Outra das razões para o sucesso da revista foi a de os seus diretores se terem rodeado de “colaboradores de grade valia, como José de Oliveira Cosme, Roussado Pinto,

³⁹ A revista pertencia à Agência Portuguesa de Revistas e tinha como diretores Mário Aguiar e António Dias

Vítor Péon, Carlos Alberto Santos (...)” (ibid., p. 31), entre outros. Também a adoção de um formato idêntico ao de *O Mosquito*, com um tamanho reduzido, foi uma escolha acertada “indo ao encontro do gosto dos rapazes, que liam histórias aos quadrinhos às escondidas dos pais e professores.” (ibidem)

A colaboração de Roussado Pinto foi essencial. As sugestões por ele introduzidas foram fundamentais também para o sucesso,

“desde o cabeçalho à paginação geral, introduzindo-lhe inúmeras inovações e apelidando-o de «semanário juvenil para maiores de 17 anos», talvez para fugir ao peso da censura, embora este continuasse a fazer-se sentir, mormente quando as armas desapareciam como por encanto da mão das personagens” (ibidem)

Por fim, referir mais três publicações que surgiram ao longo deste período, *Camarada* (1947-1950 e 1957- 1965), *Lusitas* (1943-1957) e *Fagulha* (1957-1974), todas as revistas ligadas ao Regime do *Estado Novo*, dirigidas pela Mocidade Portuguesa --- no primeiro caso para a Mocidade Portuguesa Masculina e, nos outros dois, para a Feminina.

Com a revista *Camarada*, a Mocidade Portuguesa (M.P.) tentava chegar junto dos jovens, tendo surgido com um “*propósito de informar, educar e divertir, sob a forma de histórias aos quadrinhos, contos, poemas, curiosidades, passatempos (...)*” (AA. VV., 1996, p. 58). Tentou competir com várias revistas que estavam no mercado na altura. No entanto, as publicações de *Camarada* eram somente de artistas portugueses, tendo talvez esse mérito, o que possibilitou que vários artistas portugueses de BD tivessem um espaço onde puderam desenvolver-se, havendo no entanto também participações de alguns já com nome firmado.

Algumas das suas histórias terão feito algum sucesso mas a concorrência de outras revistas, que juntavam a BD nacional e estrangeira com maior aceitação junto do público, resultou em que esta primeira série não teve uma grande recetividade, tendo terminado três anos mais tarde, tendo regressado somente em 1957

“(...) com novo figurino. Virada para um público mais infantil, a apresentação sai mais colorida e aligeirada no conteúdo. (...) Em 1959, tentando incrementar as vendas, foram introduzidos, pela primeira vez em revistas da M.P. dois autores estrangeiros (...) Os heróis presentes estreavam-se também em Portugal – Chlorophylle e Spirou.” (Deus, 1997, p. 207)

Esta série do *Camarada*, terá tido uma aceitação maior, sendo que salientar aqui o realce que houve para a BD Histórica, na qual eram retratados vários “*vultos da História Pátria antiga e contemporânea, sem deixar de fora a guerra de África. Algumas dessas biografias, geralmente de uma ou duas páginas, foram compiladas em dois álbuns intitulados «Grandes Portugueses» (...)*” (AA. VV., 1996, p. 67). Um dos nomes que mais se

destacou neste género, nas páginas da revista, foi José Garcês, mas também José Ruy e José Mendes, entre outros.

Quanto às outras duas revistas infantis da M.P. mais dedicadas ao público feminino, Maria Alice Andrade dos Santos (1917-2006) foi diretora e também artista em ambas.

Os conteúdos, nas duas revistas visavam, em grande parte, a transmissão dos valores que eram defendidos para as jovens portuguesas da época, *“futura mãe de família: a moral e a ética católica estavam sempre presentes nas suas páginas, bem como muitos dos predicados considerados essenciais, a subserviência aos maridos, a capacidade de gerar e educar filhos obedientes para o serviço da nação, os dotes domésticos”*⁴⁰

Nesta época, entre os finais dos anos 30 até finais da década de 50, em que houve um desenvolvimento da BD em Portugal, foram surgindo inúmeros autores e publicações, umas que duraram mais tempo que outras, foi classificada por alguns autores, como sendo *“(...) a época de ouro da banda desenhada portuguesa”*. (Mota & Guilherme, 2000, p. 6)

Referir que em Portugal a Mocidade Portuguesa, em 1952, através da revista *Camarada*, que estava entretanto suspensa, *“promove a Primeira Exposição de histórias aos quadrinhos portuguesas, no Palácio da Independência”* (Zink, 1999, p. 15) fazendo com que Portugal estivesse, no que se refere à organização deste evento, na primeira linha mundial. A primeira exposição de BD tinha acontecido no Brasil, São Paulo, em 1951 e na Europa, sem ser a realizada em Portugal, só em 1965 se realizava a primeira exposição europeia em Bordighera, Itália.

Não nos podemos esquecer que durante este período, se viveu também a II Guerra Mundial (1939-1945). Apesar de Portugal não ter estado diretamente envolvido, sentiu, naturalmente, consequências da mesma.

Em relação à BD, em Portugal, este período vai caracterizar-se por um desenvolvimento da BD de aventuras com um traço realista. Como referem João Paulo Boléo e Carlos Pinheiro (2000) esta BD de aventuras poderá ser subdividida em quatro tendências, a saber, temas originais com influência norte-americana; com influência franco-belga, as adaptações de obras literárias e

“A BD histórica, que por sua vez englobará:

- *Abordagem de períodos ou temas da História de Portugal;*
- *Biografias, na sua maioria de figuras importantes da História de Portugal, numa perspectiva heroica;*
- *Adaptação de romances históricos.”* (Boléo & Pinheiro, 2000, p. 139)

Estes autores, acrescentam mesmo uma quinta vertente, a BD Didática,

⁴⁰ Citação retirada de <http://quadrinhos.blogspot.pt/2010/04/revista-fagulha-n-1.html> consultado a 10 de Dezembro de 2015

“vai ser precisamente a BD histórico-didática, ou histórico-ficcional, de traço realista, que se vai enraizar tão profundamente que não só perdura com vitalidade ainda hoje, no fim do século XX, como inclusivamente algumas das renovações operadas nos últimos anos se processaram dentro dela. (...). Este tipo de BD que se tornaria tão duradouramente dominante, foi naturalmente influenciada pelo regime vigente na altura e pelas respectivas concepções da História e da pedagogia.” (ibid., p. 140)

Nesta vertente existem dois nomes que sobressaíram: José Ruy⁴¹ e José Garcês⁴². Trata-se de *“dois casos particulares cujo paralelismo de carreiras, longevidade, persistência, coerência e produtividade os coloca numa posição de certo modo única. (...) Ambos continuam activos no ano de 2000, já tendo qualquer deles festejado dos 50 anos de carreira como autores de BD.”* (Ibid., p. 145)

Salientar, neste caso, José Garcês, por ter sido sua a ilustração da obra *História de Portugal em B.D.* (1989) que juntamente com o argumento do historiador António Carmo dos Reis, foram os criadores do livro que serviu de recurso didático a este projeto.

Os anos 60 em Portugal são marcados pela crise relativamente à BD. Muitos dos artistas de renome, tinham acabado por emigrar, outros acabaram por seguir outros rumos e a produção nacional foi-se ressentindo até chegar ao ponto crítico da década de 60.

Mundialmente caracteriza-se por uma nova época de experimentação gráfica e técnica narrativa, sendo que o marco mais importante em Portugal nesta fase foi *“o início da publicação da revista portuguesa “Tintim”, em 1968, [que] vai permitir acompanhar estas novas tendências.”* (Ibid., p. 7). Este acontecimento vai começar a dar uma nova vida à BD em Portugal e marcar profundamente os leitores portugueses, que começam a consumir em grande maioria a BD franco-belga.

⁴¹ José Ruy Matias Pinto, nasceu na Amadora em Maio de 1930, tendo feito o curso de Artes Gráficas na Escola António Arroio. É o artista português com maior número de álbuns produzidos, publicou *“79 álbuns, 48 dos quais em banda desenhada”* em <https://www.wook.pt/autor/jose-ruy/2309> consultado a 15/12/2015. Foi-lhe atribuído o Prémio de Honra do Festival de Banda Desenhada da Amadora em 1990. Na sua vasta obra dedica-se também à BD Histórico-didática, com obras que vão desde *Os Lusíadas* em BD a inúmeras outras publicações que incidem sobre figuras ilustres a histórias de diversos municípios. Colaborou em revistas como *O Papagaio*, *O Gafanhoto*, *Camarada*, *Cavaleiro Andante*, *O Mosquito*, *Mundo de Aventuras*, etc

⁴² José dos Santos Garcês, nasceu em Lisboa em Julho de 1928, fez igualmente o curso de Artes Gráficas na Escola António Arroio. Prémio de Honra do Festival de Banda Desenhada da Amadora em 1991 e Troféu “O Mosquito” (1987) do clube português de banda desenhada, por uma vida dedicada à BD. A fazer 70 anos de carreira, começou em 1946 no “jornal O Mosquito. A partir desse ano colabora em mais de uma dezena de publicações dedicadas a crianças e adolescentes, editadas em Portugal. Desenha para várias editoras escolares, em livros de História, Geografia, Ciências, Português e Matemática, para os diversos graus de ensino.” Em <http://bedetecaportugal.weebly.com/garcecircs.html> consultado a 15/12/2015 Tal como José Ruy dedicou muita da sua obra a BD Histórico-didática, desde a *História de Portugal*, em quatro volumes, a também inúmeras publicações relacionadas a História de figuras ilustres, municípios, monumentos, etc.

Será mesmo nesta altura, em finais dos anos 60 e início dos anos 70, que em Portugal se começa a utilizar a expressão *Banda Desenhada* (BD) diretamente relacionada com *Bande Dessinée*, expressão utilizada nos países francófonos para designar ao que até então em Portugal, se chamava *História aos Quadrinhos* (HQ), expressão que ainda é utilizada por alguns autores.

Apesar de como foi referido anteriormente, os anos 40 e 50 serem considerados por alguns autores, a época de ouro da BD em Portugal, não nos podemos esquecer, como já foi sendo salientado anteriormente, que em Portugal, desde 1926, se vivia uma ditadura que durou até Abril de 1974. Ao longo desse período, o regime não deixou passar em claro, o sucesso de uma nova forma de comunicação tendo, como já vimos anteriormente, criado as suas próprias revistas infantis e juvenis, para chegarem também ao público mais novo.

Relativamente à BD que era importada dos Estados Unidos, a censura do regime existente em Portugal, vai nos anos 50 usar uma filtragem cada vez maior. Não podemos ser alheios também ao facto de que muita da BD norte americana era escrita maioritariamente para adultos, e a que era publicada e feita em Portugal, era na sua grande maioria para crianças e em revistas para crianças. Assim,

“A influência da censura refletiu-se negativamente quer na produção quer no tratamento dos textos. Os nomes portuguesesaram-se, as imagens passaram a ser parcialmente cobertas a negro sempre que pisassem o «risco», os textos foram alterados, cortados ou aumentados, de modo a que os diálogos ficavam pateticamente pedagógicos e inverosímeis.” (Zink, 1999, p. 88)

Chegou-se mesmo, no ano de 1953, a proibir as publicações do *Super-homem*, *Tarzan* e *Capitão Marvel* “que circulavam em edições brasileiras” (Ibidem.)

A BD em Portugal acabou também por sentir essa influência. No entanto, a resistência sentida em relação à BD não terá sido tão forte como a que houve nos Estados Unidos, com o *Comics Code Authority*, “devido principalmente ao facto de ela ter tido em Portugal um desenvolvimento mais lento, e por se ter caracterizado por um conservadorismo extremo, ao qual certamente ajudaram 48 anos de regime ditatorial.” (Ferro, 1987, p. 17) --- ou, pelo menos, as razões da censura existente poderão ter sido diferentes.

Também as

“(…)limitações económicas do meio e à actuação da Comissão de Censura para as publicações destinadas à infância e à juventude, alguns dos mais destacados desenhadores portugueses, dos poucos que viviam praticamente apenas da banda desenhada, como Eduardo Teixeira Coelho, Vitor Péon, Jayme Cortez e Carlos Roque, foram obrigados a emigrar, no fim dos anos quarenta e meados dos cinquenta.” (Magalhães, 1987, p. 35)

Como foi referido anteriormente, foi uma das razões da crise dos anos 60. Os autores que ficaram, “(...) *viram-se constrangidos a realizar as suas histórias com base em heróis nacionais, sujeitando-se à versão oficial, que de modo algum permitia que pudessem criticar desfavoravelmente essas figuras ilustres ou pôr em causa uma certa visão da História Pátria condizente com a política ultranacionalista do Estado Novo.*” (Ibidem.), principalmente os que colaboravam nas revistas da Mocidade Portuguesa anteriormente referidas.

A 25 de Abril de 1974 dá-se a chamada *Revolução dos Cravos*, pondo fim a 48 anos de ditadura.

Relativamente à BD, um efeito imediato, foi a possibilidade que trouxe em ter-se acesso a bandas desenhadas estrangeiras, até então desconhecidas. Para além disso, “(...) *autores nacionais começam a explorar outras avenidas para a sua arte, fugindo aos cânones da BD de aventuras infanto-juvenil dominante(...)*” (Lameiras, Boléo, & Santos, 1999, p. 11).

“(...) Nos anos que se seguiram à Revolução, parece ter havido uma autentica explosão no uso dos quadrinhos como instrumento de comunicação, esclarecimento e luta política, por parte dos mais variados quadrantes sócio-políticos. Uma explosão que se viria a prolongar mesmo no ensino, onde o uso pedagógico da BD tomou um lugar preponderante em algumas disciplinas.”
(Ibidem)

Assim, a BD que vai ter uma maior preponderância nesta altura, é a de intervenção política e social. Vamos ter quase um regresso às origens da BD no sentido em que “*Vai ser na fronteira entre banda desenhada e cartoon, aquela, necessariamente narrativa, este, o desenho satírico, essencialmente sintético (...), que se vai manifestar muita da intervenção sócio-político-social, e será nessa fronteira que se situarão muitos dos símbolos maiores que marcaram o pós-25 de Abril*” (Boléo & Pinheiro, 2000, p. 194)

O livro *Uma Revolução Desenhada – O 25 de Abril e a BD* tem uma compilação de algumas das bandas desenhadas feitas na época, relativamente à intervenção política e social, onde a ideologia política é claramente visível: é a utilização da BD político-educativa.

No pós-25 de Abril, uma das revistas dedicadas à BD, que mais se destacou, foi a *Visão* (1975-1976) caracterizada por ter sido o primeiro projeto de um conjunto de autores de BD portugueses, aproveitando as novas oportunidades, que o fim do *Regime* proporcionaram, principalmente a possibilidade da crítica não censurada, onde trouxeram “*algum arrojo na construção da prancha, na explosão da composição e da cor, na personalizada qualidade artística dos principais colaboradores. E os temas eram realmente outros, uns apenas pouco habituais, outros absolutamente impensáveis um ano antes (...)*” (Ibid., p. 197).

Os anos 80 vão ser de uma recessão enorme na BD portuguesa revistas como: o *Tintim* termina a sua publicação em 1982 e a *Mundo de Aventuras* terminará em 1987.

Será nesta altura que, como referem João Boléo e Carlos Pinheiro (2000), vão começar a desenharem-se algumas novas linhas na BD

- “a. Uma BD intelectual e literária;*
- b. uma BD pessoal e de raís urbana;*
- c. o universo da periferia e de uma certa marginalidade;*
- d. a renovação da BD histórica, pelo humor ou por uma abordagem radicalmente nova;*
- e. temas mais intimistas ou sociais.” (p. 201)*

Em termos da BD história, existirá daí em diante uma grande produção de obras de BD histórico-didática, tanto em relação à História de Portugal como de figuras históricas ou da história de municípios, freguesias, etc.. Apesar de este tipo de publicações não serem novidade, têm agora um realismo independente das ideologias anteriores a 1974.

Só em 1990 surgem de novo revistas como a *Visão*, bem como uma revista só de banda desenhada portuguesa a *Lx Comics* que, no entanto, durará somente um ano.

Em 2010 surge a *Banzai*, a primeira revista portuguesa em estilo *manga*; termina em 2015 dando lugar à revista *Jan Ken Pon*, também dedicada ao *manga* e ainda no ativo.

Com a falta de revistas dedicadas à publicação de banda desenhada em Portugal, as publicações que existem são quase exclusivamente obras de autor, ou seja, uma história de BD que é publicada em livro e hoje em dia, quase somente por editoras independentes, e que segundo Mário Freitas, da editora Kingpin Books, terão “*tiragens que variam entre os 200 e os 700 exemplares*”⁴³.

Hoje em dia geralmente nas próprias livrarias a BD não tem um lugar de grande destaque, chegando mesmo a estar misturada a BD infanto-juvenil com a BD adulta.

Existindo ainda alguma proliferação de BD histórica e informativa, muitas vezes por encomendas de instituições ou de autarquias, as obras independentes têm grande dificuldade em chegar ao mercado.

Uma das soluções que tem sido utilizada, também em Portugal, para divulgarem as suas obras e chegar junto do público tem sido o recurso à internet, colocando obras que são passadas para digital *on-line*.

Apesar de os “anos de ouro” da BD em Portugal irem longe há, no entanto, ainda um público fiel à *nona arte* e prova disso são algumas autarquias terem criado bibliotecas específicas de banda desenhada, as chamadas *Bedetecas*. Em Portugal existem atualmente cinco: a de Lisboa, a Luiz Beira (Viseu), a de Beja, a da Amadora e a José de Matos-Cruz (São Domingos de Rana). Para além disso há ainda uma série de

⁴³ Citação retirada de um artigo do jornal Público, consultado a 20/11/2015 em <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/a-bd-independente-portuguesa-dentro-e-fora-das-prateleiras-1613246>

blogues dedicados à divulgação da BD assinados por estudiosos, críticos e/ ou mesmo editores.

De referir ainda os Festivais Internacionais de Banda Desenhada da Amadora e de Beja e ainda o Anicomics, que são polos importantes para a uma maior vitalidade da BD em Portugal.

2.1.3 Características gerais da banda desenhada

São várias as designações que podemos encontrar para definir este tipo de linguagem, desde *banda desenhada* (BD), *comics*, *arte sequencial*, *quadrinhos*, *histórias aos quadrinhos* (HQ), *história em quadrinhos* (Brasil), *bande dessinée* (países francófonos), *fumetti* (Itália), *manga* (Japão).

Inicialmente em Portugal, a designação utilizada era *história aos quadrinhos*, que estaria relacionada com a forma como as histórias eram dispostas na página, em vinhetas quadradas. A partir dos anos 70, como referido anteriormente, devido à grande influência da BD franco-belga começou a ser utilizada a expressão *banda desenhada* ou BD, tradução direta do nome utilizado por essa escola, *bande dessinée*. Hoje em dia, é ainda conhecida como *Nona Arte*⁴⁴, o que reconhece a importância e características específicas desta forma de linguagem.

Como foi referido, entrar numa discussão sobre o que é a banda desenhada e discutir as várias definições usadas por diferentes autores seria exaustivo e algumas delas, provavelmente, já estariam ultrapassadas. Se se pode falar da *pré-história* da BD para alguns autores, como vimos, é praticamente consensual que em qualquer das circunstâncias, a BD terá começado aquando da sua passagem para as folhas impressas, sendo essa, em muitas das definições que encontrámos, um dos pontos-chave da definição. Outro elemento importante da definição é o ter suporte impresso em diferentes formas, quer seja em jornais, revistas ou livros.

No entanto, hoje em dia a BD pode não passar por estes suportes já que pode também existir e ser largamente difundida por via digital, pela internet. Assim, utilizarei como uma possível definição de BD, a sugerida por Nuno Saraiva e Júlio Pinto⁴⁵ que são citados por Rui Zink (1999),

“discurso tendencialmente narrativo em suporte fixo e portátil, implicando a interação dinâmica de elementos do código linguístico e do código icónico,

⁴⁴ A classificação de 9ª arte para a BD foi acrescentada à lista criada por Ricciotto Canudo no "Manifesto das Sete Artes" em 1912 e publicado somente em 1923. Hoje em dia a lista é composta por 11 artes diferentes.

⁴⁵ Em *Filosofia de Ponta* (1996: pp. 86-87)

constituindo-se em objeto estético uno, autónomo e auto-suficiente, em que o todo seja mais do que a soma das partes.” (p. 21)

Assim, temos uma união de dois códigos que se complementam, e que como referia Topffer já citado anteriormente, *“Os desenhos sem esse texto, não teriam senão um significado obscuro; o texto, sem os desenhos, não significaria nada”*⁴⁶.

No entanto, Rui Zink refere que nos extremos

“Há banda desenhada sem palavras? Talvez. No limite, pode também haver um texto de BD sem símbolos icónicos. No entanto, a maioria dos textos de banda desenhada caracterizam-se por uma interação dinâmica, criativa e harmoniosa de palavras e imagens” (Zink, 1999, p. 21)

Lameiras refere que *“Este equilíbrio instável entre texto e imagem é um problema que tem estado sempre presente ao longo da história da BD”* (Lameiras, 1999, p. 7) um equilíbrio que nem todos os autores conseguem encontrar e que provavelmente, em obras mais experimentais, também não será tão procurado.

Não tendo este trabalho, como objetivo fazer uma análise da gramática da BD e decodificar as suas várias componentes, convém no entanto, dar uma ideia breve da forma como a banda desenhada é organizada e alguns dos elementos que a constituem, mesmo para que quando ao longo deste trabalho forem mencionadas algumas designações possamos saber o que está a ser referido.

- A vinheta, pode ser considerada a unidade base da BD. Também pode ser chamada de quadrinho ou quadradinho, devido à forma que muitas vezes assume, tendo por isso dado azo a chamar-se Histórias aos Quadrinhos (expressão mais corrente no Brasil) ou aos Quadrinhos (mais usada entre nós). No entanto, não existe uma forma específica a que a vinheta tenha de obedecer e *“a linha que geralmente a delimita e separa das outras pode nem sequer existir, ser apenas sugerida pelo espaçamento entre as diferentes imagens.”* (Zink, 1999, p. 25)

- A tira ou banda é uma sequência de três ou quatro vinhetas dispostas na horizontal. Uma ‘tira’ (ou ‘banda’) pode fazer parte de uma história ou, por vezes, ser ela própria uma história completa. É esta forma de organização que terá dado origem ao nome ‘banda desenhada’.

- A prancha, ou página é a *“macro-unidade significativa (...) que pode corresponder a uma unidade de significado identificável – o caso das histórias de uma só página, as histórias de continuação – ou ser parte integrante de uma unidade de sentido superior (...)”* (Zink, 1999, p. 30) o mesmo autor, sugere ainda que utilize a designação de página, pois acaba por ser mais abrangente, dando a designação prancha uma tónica muito mais forte ao aspeto plástico, o que poderia desvalorizar a parte textual.

⁴⁶ Tradução livre de Rui Zink no seu livro *Literatura Gráfica?* Pág. 19 Citando (Peeters, 1993:26)

A forma de organizar as tiras e as vinhetas na prancha, pode ser feita de forma a dar uma maior ou menor importância a certas cenas, aproximando ou afastando mais os planos.

Quanto à forma de apresentar o texto na BD, pode ser feita de diferentes formas, adquirindo diferentes objetivos.

- O balão,

“é uma moldura dentro da qual é inscrito o discurso direto de uma personagem, que é frequentemente verbal, mas que também pode ser icónico (...) Pode assumir as mais variadas formas e cores – o limite é a imaginação do autor. (...) O mais convencional é o redondo – daí chamar-se balão – e tem (pode ter) uma espécie de cauda que funciona como uma seta indicando a quem está a dar voz, quem é o locutor do discurso que enquadra.” (Ibid. p.23)

A forma dos balões e os seus conteúdos são um mundo enorme a ser explorado, transmitindo diferentes estados de espírito das personagens, diferentes falas, pensamentos, diferentes intensidades ou volume da voz, etc..

O balão terá dado origem à designação italiana para BD, *fumetti*, devido à relação com a forma do fumo a ascender. A utilização do balão acaba por ficar marcada, de forma correta ou não, como se viu, se se considerar o *Yellow Kid* como o início da BD.

- A legenda *“é o elemento narrativo auxiliar, constituído por um texto, o mais sintético possível, colocado na parte superior ou na parte inferior da vinheta e, por vezes sobre um fundo colorido. Dá-nos as necessárias informações sobre o tempo e o espaço em que decorre a acção.” (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 39)*

- O cartucho *“é uma moldura totalmente preenchida por um texto verbal, inserida numa sequência de vinhetas. Serve de introdução ou recapitulação da mensagem narrativa.” (Ibid. p. 41)*

- Metáfora visualizada, através do uso de signos icónicos de carácter metafórico, exprime-se graficamente certas situações ou estados de espírito das personagens.

“Encontra-se ou não inserida em balões de pensamento de conteúdo não verbal. A título de exemplo citamos:

atordoamento – estrelas à volta da cabeça

paixão – coração trespassado com a seta de Cupido

raiva – uma serpente

ressono- serra serrando um tronco

ideia luminosa- lâmpada acesa” (Ibid. p. 42 e 43)

- Onomatopeia *“é um conjunto de fonemas ou de palavras que têm como função sugerir acusticamente ao leitor ruídos produzidos pela natureza, por animais ou objetos. Sendo deste modo a visualização de algo sonoro.” (Ibid. 43)*

São exemplos de onomatopeias:

- *trrrrim, trrrim* = telefone a tocar
- *Tic-tac* = relógio a trabalhar
- *sniff sniff* = chorar
- *grrrr* = rugido de raiva
- *Atchim* = espirro
- *etc.*

- Signo cinético “é um artifício utilizado pelo desenhador para criar movimento a partir de um grafismo, compensando assim o estatismo do desenho.” (Ibid. 45)

São utilizadas para dar um maior dinamismo e emoção nas cenas da BD.

Estas são algumas das características e recursos utilizadas na BD, no entanto, muitos outros estão ao dispor do artista, como a utilização de diferentes tipos de ângulos de visão, enquadramento, cor, dimensão narrativa, a interação icónico-verbal, etc.

Para se conseguir ler uma história de banda desenhada não será necessário um estudo prévio para a compreensão, por parte do leitor, do que lhe é apresentado. No entanto, esta linguagem é passível de um estudo, tal a sua riqueza e a capacidade dos autores em utilizarem tais recursos transformando as histórias em obras que são capazes de atrair desde os mais jovens aos adultos.

2.2. A banda desenhada como recurso educativo

A relação entre a banda desenhada e o ensino tem vindo a variar ao longo dos tempos. Até há poucos anos, em Portugal este recurso didático não era ainda muito utilizado por parte dos professores; isso não quer dizer que o seu emprego seja uma novidade.

Em Portugal “é bastante antiga a utilização pedagógica da banda desenhada, (...), pelo menos desde os anos 20. (...) sendo um dos aproveitamentos mais frequentes o recurso a histórias mudas para contar ou reconstruir (...)”. (Lameiras, Boléo, & Santos, 1999, p. 89)

Para os mesmos autores devemos ter em atenção que

“a utilização pedagógica da BD tem duas vertentes essenciais: o uso da linguagem da BD, do médium BD, para transmitir uma determinada mensagem, para divulgar um determinado tipo de conhecimentos; e o recurso à própria BD, a obras ficcionais que não têm à partida intenções educativas mas que são aproveitadas e trabalhadas nesse sentido.

Tal não exclui que, numa perspetiva mais ampla, muitas das obras de BD possam ser integradas num espírito educativo, sem por isso perderem a

sua autonomia ficcional. Foi esse o espírito que presidiu à maior parte das revistas juvenis durante longos anos. Os meios educativos tinham uma visão positiva da BD integrada nessas publicações lúdico-formativas (...)” (Ibidem.)

Esta era uma forma de, como vimos anteriormente, os decisores políticos ou responsáveis religiosos chegarem junto do público infantil. Mas se em Portugal existia uma “infantilização” da BD --- na qual se tentava educar e transmitir valores morais para a formação de carácter ---, “*com a emergência da BD popular e de aventuras, pais e pedagogos dividir-se-iam sobre os méritos da BD, tornando-se progressivamente dominante uma atitude negativa, quando não mesmo de hostilização e proibição, embora alguns meios nomeadamente católicos, continuassem a encará-la com bons olhos, desde que respeitassem determinados valores.*” (Ibidem)

Ou seja, a força que a BD teria como forma de chegar a diferentes públicos não estava em causa, a sua eficácia não seria questionada. Eram questionados, isso sim, os seus conteúdos e conseguir-se ou não controlar a mensagem que esta forma de linguagem transmitia.

A censura seria uma das formas, outra seria a descredibilização, a acusação de “*menoridade e infantilismo do conteúdo, o facilitismo mental e sobretudo a ideia de que a BD era inimiga da verdadeira leitura*” (Ibidem) levando os jovens a um desinteresse pela escola e pelos valores sociais. As camadas “pensantes” da sociedade achavam que a BD poderia afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável” levando, em certa altura, a que muitos dos pais proibissem os seus filhos de lerem publicações de BD.

Como se viu anteriormente esta repressão recaia mais sobre os *Comics*, a BD norte americana, que refletia nos anos 50 uma alguma da violência que se vivia nos Estados Unidos e que era mais dirigida para um público com mais idade, do que o infantil que em Portugal normalmente consumia a BD.

João Ferro (1987) refere, no entanto, que esta forma de tentar impedir as crianças de ler diferentes tipos de BD não é a mais correta pois a busca pelo ‘fruto proibido’ acaba por ser maior,

“o que há é a obrigação de ensinar, de educar, no sentido de desenvolver um sentido crítico-analítico na criança. Sentido que permita não só despertar nelas o espírito de responsabilidade pela escolha das suas leituras mas ainda construir uma estrutura de valores predominantes, própria de cada sujeito, visando um complexo social melhor, não pela imposição mas sim pelo sentimento de necessidade” (Ferro, 1987, pp. 16 e 17)

Os próprios meios intelectuais, desvalorizavam a BD, considerando-a como uma forma menor de leitura: “*durante muitos anos a B.D. foi ignorada ou desprezada pelos educadores, pedagogos e intelectuais.*” (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 91). No

entanto, as mentalidades foram começando a mudar desde finais dos anos 60 pois acabou por haver uma evolução na forma de encarar a BD, reconhecendo-se em alguns meios a importância que a mesma pode ter nas crianças e adultos, identificando alguns fatores que esta pode ajudar a desenvolver, como o gosto pela leitura, levando a uma melhor aprendizagem da mesma, *“o gosto pela arte, o sentido de observação – muito mais difícil num texto oral. Além disso, a banda desenhada pode servir como veículo ideal de educação.”* (Ferro, 1987, p. 17)

Natércia Rocha (1984) acrescenta que *“quanto a temas, há banda desenhada de má qualidade, tal como há livros de péssima qualidade. Contudo algumas crianças caíam no analfabetismo funcional se não fosse o apego à banda desenhada. Este é um fenómeno a merecer análise cuidada.”* (Rocha, 1984, p. 27 e 28)

A mudança de atitude em relação à BD, por parte de educadores, pedagogos e intelectuais, tem segundo Antoine Roux (1970), por base diversos motivos que a justificam:

- a) *“a. motivos de ordem psicopedagógica: conhecer o mundo da criança»;*
- b) *motivos de ordem audiovisual: ensinar a ver verdadeiramente»;*
- c) *motivos de ordem específica: ensinar a ler, tomar consciência da verdadeira linguagem falada, real, com as suas singularidades e a seleccionar as melhores bandas desenhadas;*
- d) *motivos de ordem homeopática: estimular a expressão oral, servindo-nos de histórias em banda desenhada;*
- e) *motivos de ordem cultural: facilitar a aprendizagem da leitura e despertar na criança o interesse por determinados assuntos, levando-a a ler livros de carácter mais sério.”* (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979, p. 91)⁴⁷

Para um reforço desta mudança perante a BD, sem dúvida que a entrada da mesma como objeto de estudo no meio universitário terá sido um passo importante. Tal sucedeu inicialmente na *“Universidade de Toulouse-Le-Mirail, Universidade de Bordéus”* (Ibidem). Nos países de língua portuguesa começou pelo Brasil, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1972), tendo-se expandido a várias outras universidades brasileiras com várias unidades curriculares que se debruçam sobre o estudo da linguagem da banda desenhada, em especial em cursos ligados à Comunicação Social, Línguas e Artes. Em Portugal existe, hoje em dia, o curso de *“Ilustração / Banda Desenhada”* na Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual).

⁴⁷ Antoine Roux em *La bande dessinée peut être éducative* (1970, p. 13) citado por (Santos, Galveias, & Lacerda, 1979)

Como já foi referido, em Portugal, o *Estado Novo* não deixou passar em claro esta linguagem através da sua posição de coordenação ou censura nas revistas da especialidade, não tendo deixado também de utilizar a BD em alguns dos manuais escolares. No entanto, temos poucas informações de ordem pedagógica relativamente às razões da sua utilização nos manuais de ensino nessa época.

Com a chegada do 25 de Abril de 1974, as transformações pedagógicas que existiram possibilitaram maior abertura a uma nova utilização da BD na sala de aula

“o efectivo gosto pela BD de qualidade de muitos professores, trouxe uma lufada de ar fresco, contribuiu para uma integração mais natural da BD nos hábitos culturais, permitiu abordar novos temas e adquirir um olhar mais aberto preparado para a cada vez mais esmagadora civilização da imagem, deu ferramentas para um olhar mais exigente e crítico sobre própria BD e mesmo sobre nós próprios.” (Lameiras, Boléo, & Santos, 1999, p. 90 e 91)

O estudo da própria BD começou a ter também uma maior importância; compreender a sua gramática e as suas especificidades ajudaria a *“distinguir a banda desenhada de boa qualidade (desenhos excelentes e texto bem escrito) da banda desenhada sem qualidade”*⁴⁸ (Ibid. p. 93)

Como referem ainda (Lameiras, Boléo, & Santos, 1999) a banda desenhada começou

“por estar presente na Educação Visual desde o início dos anos 70, seria na disciplina de Português que a BD mais seria analisada, e nas Línguas que teria maior utilização – sobretudo, compreensivelmente, no ensino do Francês, pela importância da BD franco-belga, pela riqueza e potencialidade do material na própria língua, pelo que também transmitia da cultura francesa, para não falar no maior relevo dado à oralidade em relação à cultura escrita que tornava a BD didaticamente oportuna e apetecível (...)” (pp. 93 e 94)

Os mesmos autores realçam ainda o facto de que *“quando as modas desaguardam no ensino sem suficiente preparação, como as características da gramática generativa, encontram muitos professores impreparados para abordar os novos temas.”* (Ibid. p. 94).

Era então preciso que houvesse uma maior informação e publicações que dessem uma orientação aos professores sobre a utilização da BD na escola, além de ser necessário também quebrar algumas barreiras e legitimar o uso da BD na sala de aula. Assim, obras como as do professor António Martinó Coutinho *Banda Desenhada Banda* (1976) que se debruça principalmente sobre a técnica e léxico da BD e ainda do mesmo

⁴⁸ Citação feita por João Lameiras *et al* do dossier integrado na Análise Textual, de um manual de Português para o 1º ano do Ciclo Preparatório (*O mundo da linguagem*, Asa)

autor *Banda Desenhada e Ensino Básico* (1978); publicações do próprio Ministério da Educação, da autoria de Victor Péon, em dois *Cadernos do FAOJ*⁴⁹; e o livro *Contra-picado: banda desenhada e ensino do Português* (Atlântida, 1979), das professoras Maria Helena Duarte-Santos, Lucinda Lopes Galveias e Rita Dantas Lacerda, foram ferramentas essenciais para ultrapassar alguns complexos existentes em relação a este género de literatura.

“ Pela sua natureza, a banda desenhada constitui um género de literatura dentro da literatura. Uma literatura com características específicas que, no aspeto infantil, desempenha papel preponderante como acompanhamento escolar e para o desenvolvimento psíquico da criança. Hoje em dia, ao considerar-se a banda desenhada como literatura infantil, realçam-se os aspectos benéficos que ela pode protagonizar, nomeadamente como auxiliar no estudo de diversas disciplinas (...).” (Ferro, 1987, p. 15)

Maria Duarte-Santos, Lucinda Galveias e Rita Lacerda (1979), acrescentam ainda que

“A B.D. poderá ser usada como suporte informativo e formativo, em relação a várias matérias: História, Ciências da Natureza, Línguas Estrangeiras, Educação Musical, etc. É um meio de expressão com muita aceitação entre os jovens, e que não vai sobrepor-se a outros meios, como a fotografia ou o cinema, pois actua de modo diferente em virtude de as suas próprias características. Além de que, sobretudo em relação ao filme, é, evidentemente, de muito mais fácil utilização.” (Santos, Galveias & Lacerda, 1979, p. 93)

Em certo ponto, este reconhecimento, acaba por ser um regresso ao passado, onde se passava a mensagem nas revistas infantis e se publicavam histórias de BD com heróis da História, ou com ensinamentos religiosos, por alguma razão tanto a Igreja como o Estado, se preocuparam em eles próprios terem as suas revistas.

No que diz respeito à

“inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicadas por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros – muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras -, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras,

⁴⁹ FAOJ : Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis estava ligado à Secretaria de Estado da Juventude e Desportos.

ampliando sua penetração no ambiente escolar.” (Rama, Vergueiro, Barbosa, Ramos & Vilela, (2004, p. 21 e 22)

Em Portugal a utilização da Banda Desenhada como recurso educativo no ensino da História e Geografia de Portugal é sugerida pelo próprio Ministério da Educação. No programa em vigor do 2º ciclo da disciplina, datado de 1991, podemos constatar que nas sugestões metodológicas, a utilização da BD é proposta em vários dos subtemas do programa de História, como exemplo “*Observação/ leitura e comentário de gravuras, diapositivos, diaporamas ou banda desenhada relativos a este período*” (Ministério da Educação, 1991, p. 16)

Apesar do referido anteriormente, no manual escolar “*História e Geografia de Portugal 5*” de Fátima Costa e António Marques, da Porto Editora, utilizado durante o estágio pedagógico, não se encontra qualquer *tira* de banda desenhada ao longo de todo o livro, apesar de muito ilustrado, a linguagem da BD não foi utilizada. No entanto, nas últimas páginas, onde é dada uma lista de uma série de recursos propostos surgem obras de BD sugeridas pelos autores, relacionadas com determinados temas do programa.

A não inclusão de BD no manual utilizado, tal como noutros de História, talvez possa ter a ver com a necessidade, de que para nesta disciplina, para se poder por exemplo tratar um determinado subtema do programa poderá ter de ser necessária a utilização de um maior número de *pranchas*, o que para o tamanho e custos dos manuais poderá ser incomportável.

No entanto, fazem a sugestão de leitura de diferentes obras, consoante certos subtemas do programa. Esta opção poderá fazer sentido, num país como Portugal, onde como já foi referido anteriormente, a banda desenhada histórico-didática, foi das vertentes que mais se desenvolveu, vindo já desde a chamada *Época de Ouro*, que apanhou o *Estado Novo* até aos nossos dias existindo por isso um grande número de recursos disponível.

A utilização de BD nos manuais escolares tem sido mais usual nas disciplinas ligadas às Línguas, pois a introdução de uma *tira*, por exemplo do *Garfield*, que pode constituir por si só uma narrativa completa e permite estudar, por exemplo, as características desta forma de linguagem.

Apesar deste quadro, mesmo no ensino do Português a situação poderá não ser a que se esperava, relativamente à utilização da BD nos manuais escolares, pelo menos se tivermos em atenção a dissertação de mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira de Joana Isabel Gomes, como tema “*As potencialidades pedagógicas da banda desenhada nas aulas de português língua não materna*”, onde afirma

“Para realizar este estudo procedi à consulta de treze manuais destinados ao ensino português língua materna⁵⁰. De forma a tornar o estudo mais abrangente, consultei manuais de nível A, B e C. (...) De todos os manuais que tive a oportunidade de analisar (catorze), apenas dois recorreram à banda desenhada para a realização de alguns exercícios propostos.” (Gomes, 2010, p. 54 e 55)

Sendo que este trabalho não incide na área do Português, achei relevante este facto pois esperaria que, devido ao descrito anteriormente, nesta área, a utilização da BD nos manuais⁵¹ escolares fosse em maior número.

Relativamente à utilização da BD em manuais de História e Geografia de Portugal, não foi possível encontrar nenhum estudo que desse uma ideia desse uso.

Seria, no entanto, um trabalho enorme citar as obras de BD histórica produzidas em Portugal⁵², abrangendo os mais variados temas, desde diferentes personagens históricas, acontecimentos marcantes da vida do País, histórias de regiões, municípios, freguesias, instituições, etc.. São uma vastíssima obra, onde o (a) professor(a), poderá analisar o recurso que tem disponível relativamente ao assunto a abordar e decidir se seria uma boa opção para o trabalho a desenvolver com os (as) seus (suas) alunos (as).

Para se escolherem obras de BD relativamente à História de Portugal, deveremos como é natural fazer uma “crítica das fontes” e ter em atenção, por exemplo, a época em que as mesmas foram escritas. Tendo a BD histórica no *Estado Novo* sofrido influências políticas e sociais da visão na época, o(a) professor(a) deverá ter este fator em atenção.

Luís Reis Torgal (1989), no seu livro *História e Ideologia*, dá um exemplo disso mesmo:

“não se pode confundir a “lição da história” de Carmo Reis com a “lição de história” de Couto Viana ou dos seus antecessores, considerando que Carmo Reis se destaca não só em termos didácticos mas também científicos: É nisso que há uma profunda diferença em relação ao texto de Couto Viana. Enquanto este é claramente um discurso pedagógico-didáctico de tipo ideológico (neotradicionalista), o discurso de Carmo Reis é de tipo “científico”, revelando aspectos ideológicos (“de conciliação”)” (Torgal, 1989, p. 235)

⁵⁰ Penso que haverá uma gralha quando a autora aqui refere “ensino do português língua materna” pois o título do capítulo na dissertação refere “A banda desenhada nos manuais de PLNM” (Gomes, 2010, p. 54) ou seja, Português Língua Não Materna, e é também esse o tema da dissertação, no entanto, para a referência que pretendo fazer neste trabalho não faz muita diferença, ficando no entanto o reparo.

⁵¹ Os manuais escolares analisados por Joana Isabel Gomes abrangem um período desde 1989 a 2009. Apesar de não referir a razão da escolha destes manuais, salienta o facto de ter analisado mais manuais de Português nível A do que de nível B e C, devido ao facto de haver uma maior diversidade de manuais no nível A. Os que possuíam BD era um de nível A e outro de nível C de autoras e editoras diferentes, datados um de 1995 e outro de 1996.

⁵² Rui Zink (1999) entre as páginas 107 e 132 vai fazendo breves análises e referências a algumas obras, relativamente à BD histórica em Portugal.

Deve assim o(a) professor(a) ter em atenção a escolha de uma obra que lhe pareça mais correta do ponto de vista científico e mais livre quanto possível da transmissão de ideais. Assim o processo de escolha, análise e preparação prévia por parte do (a) professor (a) é essencial.

Interessante, no entanto, o facto de o artista que trabalhou com A. Carmo dos Reis, no livro de *História de Portugal em Banda Desenhada*⁵³ ter sido o mesmo que trabalhou várias vezes com Couto Viana, o mestre José Garcês.

Relembrar que o Livro de A. Carmo dos Reis com a ilustração de José Garcês, foi o que serviu de base ao projeto de investigação que realizei.

Mas como deveremos então utilizar a BD na sala de aula?

“Não existem regras. No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para o seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e a sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos.” (Rama, Vergueiro, Barbosa, Ramos & Vilela, 2004, p. 26)

Os mesmos autores, salientam ainda o facto de que se a BD pode ser uma ferramenta utilizada para criar uma maior empatia por parte dos (as) alunos (as), não deverá no entanto, ser passada nunca a ideia de que a utilização da mesma é uma forma de “relaxamento” do trabalho escolar e que está a ser utilizado um material menos interessante. Nesta perspetiva poderá correr-se o risco de uma desvalorização do mesmo, por parte dos (as) alunos (as), no processo de ensino-aprendizagem acabando por levar a um resultado contrário ao pretendido. Também não deve ser dada uma sobrevalorização, que leve a um desinteresse por outros recursos educativos.

⁵³ A obra de A. Carmo dos Reis e de José Garcês *História de Portugal em Banda Desenhada* (1988-89 edições Asa) está dividida em 4 volumes, da seguinte forma: I volume – *A Pátria Lusitana...onde Portugal se formou como nação e Reino*; II volume – *A Grande Aventura...por mares nunca antes navegados*; III volume – *A Restauração da Independência...nas frentes militar, política e económica*; IV volume – *A Revolução da liberdade...que da Constituição fez a suprema Lei*.

A BD não poderá ser vista como uma receita mágica para o sucesso da dinamização das aulas e resolução de qualquer problema educacional. Deve ser, isso sim, mais uma ferramenta a ser utilizada de forma integrada e complementar a tantos outros recursos que o (a) docente deve ter a mente aberta para a sua utilização.

Salientam ainda uma série de vantagens em relação à utilização da BD na sala de aula. Exemplos:

- *“os estudantes querem ver, querem ler quadrinhos” (Ibid. p. 21)*

Desde há várias décadas que a BD é uma preferência na leitura das crianças e jovens, assim a sua introdução *“na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que em geral recebem de forma entusiasmada” (Ibidem)*

- *“Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente” (Ibid. 22)*

A interligação entre imagem e texto facilita a

“compreensão de conceitos de uma forma que um dos códigos, isoladamente, teria mais dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos.” (Ibidem)

- *“Existe um alto nível de informação nos quadrinhos” (Ibidem)*

A grande variedade de temas que a BD abrange dá a possibilidade de se encontrarem os mais variados temas para serem utilizados na sala de aula.

- *“As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos” (Ibid. p.24)*

Dá a possibilidade ao estudante de aumentar o *“seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza” (Ibidem)*

- *“Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura” (Ibidem)*

Desfaz a ideia que houve em tempos que a BD afastaria as crianças das “verdadeiras” leituras. *“Hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, jornais e de livros” (Ibidem)*

- *“O carácter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar” (...) sendo uma narrativa com linguagem fixa, a constituição de uma história em quadrinhos implica na seleção momentos-chave da história para utilização expressa na narrativa gráfica, deixando-se outros momentos a cargo da imaginação do leitor. Dessa forma, os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico. Além disso, as histórias em quadrinhos são especialmente uteis para exercícios de*

compreensão de leitura e como fontes para estimular os metodos de análise e síntese de mensagens.” (Ibid. p. 23 e 24)

- *“Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema” (Ibid. p.24)*

Como já foi sendo referido, a grande variedade de temas, histórias e diferente linguagem utilizada permite que o (a) professor (a) possa identificar materiais para trabalhar nas mais variadas áreas, como com alunos (as) desde os primeiros anos de escolaridade até à universidade.

As autoras Margarita Bedoya e Eva Egaña num artigo na revista de educação *Tabanque*, referem também uma lista de potencialidades na utilização da BD no ensino, sendo que algumas já se equiparam às dos autores anteriores, acrescento as seguintes:

- *“(…) - Favorecer la combinación de técnicas de trabajo en grupo, individualizado, crítico o criativo(…) – Fomentar la creatividad yendo desde la tarea colectiva hasta la elaboración propia o personal.(…) – Dar a conocer determinados valores morales. – Reconocer determinados prejuicios que pueden aparecer en los personajes o en situaciones dadas. – Posibilitar la capacidad de crear sus propias historietas. – Desarrollar la capacidad de valoración crítica. – Favorecer la aplicación de las informaciones adquiridas. (...) – Fomentar la valoración en cuanto a un personaje o situación. ” (Egaña & Bedoya, 1989, p. 56)*

Em Portugal a análise da utilização da BD na sala de aula, tem vindo, a ter uma maior atenção, em especial através de algumas dissertações de mestrado ou teses de doutoramento (menos), realizados por alunos dos Cursos de Ensino, com base nos relatórios de estágios integrados, ou mesmo de professores já no ativo que pretendem obter o grau de mestre. As que me foram possíveis consultar, datavam já todas elas do século XXI, e as consultas foram possíveis devido à disponibilização das mesmas nos repositórios das diferentes Faculdades portuguesas, tanto de Universidades como de Institutos Politécnicos.

Os trabalhos realizados abrangem estudos nos mais diversos graus de ensino, sendo que os mais comuns vão desde o 1º Ciclo do Ensino Básico até mesmo ao ensino Secundário, na sua grande maioria relacionados com as áreas do ensino da Língua Portuguesa (materna ou não materna), ensino de Línguas estrangeiras, também alguns trabalhos relativos à utilização da BD no ensino de Artes Visuais e no ensino da História e Geografia.

As propostas de trabalho são as mais variadas, desde a análise do conteúdo de diferentes formas e objetivos, consoante as áreas de ensino e objetivos dos trabalhos propostos, até à produção de bandas desenhadas por parte dos alunos como forma de refletir as aprendizagens efetuadas. Na sua generalidade os trabalhos acabam por concluir sobre as vantagens que a BD tem como um possível recurso educativo a ser tido

em conta por parte dos (as) docentes. Muitas dessas vantagens já foram referidas por autores citados anteriormente.

Neste trabalho irei fazer, mais adiante, somente algumas referências a dois trabalhos realizados em Portugal relativamente à utilização da BD na área do ensino da História e/ ou Geografia, sendo que também não foi possível encontrar muitos mais trabalhos relativos a estudos relacionados com a utilização da BD nesta área de ensino em Portugal.

No que se refere à utilização da BD no ensino da História, Marco Vilela salienta o facto de que

“As HQs como qualquer produção cultural possuem historicidade. Uma revista em quadrinhos, por exemplo, pode ser considerada um artefacto cultural. E como tal, pode ser objeto de investigação arqueológica e historiográfica. Poderíamos analisá-la tanto por suas características como objeto (...) quanto poderíamos analisá-la pelo seu conteúdo. Faríamos em relação ao seu conteúdo, as mesmas perguntas básicas que faríamos em relação a qualquer outro documento ou fonte histórica. Quem o produziu? Quando? Onde? Como? Com que finalidade? A quem se destinava?” (Vilela, 2012, p. 90)

Coloca-se assim a questão já levantada anteriormente sobre a escolha e preparação prévia por parte do (a) docente: a relacionada com os documentos históricos em geral, relativos às suas fontes.

Marjory Palhares, acrescenta ainda que

“os quadrinhos têm uma dupla função onde pode servir tanto como fonte de pesquisa histórica quanto um novo recurso onde os alunos possam interpretar o passado. Essa última possibilidade tem um potencial bastante significativo, já que o passado nem sempre pode ser facilmente ordenado e compreendido por jovens estudantes. Dessa forma, o texto escrito que geralmente oferece o estranho passado histórico pode ser compreendido de uma nova forma.” (Palhares, p. 12 e 13)⁵⁴

Assim, a própria estrutura da BD poderá ajudar os (as) alunos (as) a compreenderem e a melhor enquadrarem determinado tema em relação a uma sequência temporal.

⁵⁴ Documento retirado do site da Secretaria da Educação do Estado do Paraná em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf> a 20 de Novembro de 2015, não contendo no entanto uma data da publicação do trabalho, sendo no entanto “resultado de um estudo realizado durante os anos de 2008 e 2009 dentro do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, uma proposta de estudos proporcionada pela Secretaria de Estado da Educação” (Palhares, p. 1)

Através da análise das imagens na BD pode também ser feito um reconhecimento dos trajes, construções, casas, objetos, etc., que eram característicos da época que está a ser estudada.

Em relação à importância das imagens na BD, gostava de referir o trabalho realizado por (Martins, 2015), na sua dissertação com o título *“O ensino da História, através da Banda Desenhada, a um aluno do 8º ano de escolaridade com perturbações de hiperatividade e défice de atenção: Estudo de Caso”*, para a obtenção do grau de Mestre em Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor, no Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Luís Martins era o professor de história da turma do aluno em estudo e ao longo de um determinado período estipulado para a investigação colocou em ação um projeto onde em determinados subtemas do programa, não utilizou a banda desenhada e noutros recorreu à mesma.

Nas aulas onde não recorreu à BD, fez uso do manual adotado pela escola e o aluno

“manteve o padrão de comportamento e de envolvimento nas atividades letivas apresentado desde o início do ano. (...) Ou seja, os elementos recolhidos demonstram que, na altura em que ocorreu a investigação o Aluno A não realizou o registo de conteúdos lecionados no seu caderno diário e não concluiu nenhuma das tarefas propostas na aula, demonstrando ainda uma total apatia perante os temas em análise. Quando questionado sobre algum dos temas em estudo, as intervenções do Aluno A foram desajustadas, revelando o seu fraco grau de concentração (...)” (Martins, 2015, p. 103)

Este comportamento foi-se mantendo ao longo das aulas, em que o professor utilizou o recurso educativo normal, sendo referido que no final desta primeira fase da investigação, *“na avaliação escrita no 2º período o aluno, não atingiu os objetivos mínimos estabelecidos para a disciplina de História”* (Ibid. p. 110)

Na segunda fase da investigação o docente introduziu a BD e

“Desde o início da intervenção com recurso à banda desenhada pudemos constatar que a atitude do Aluno A em relação aos conteúdos propostos para a aula, bem como a sua própria postura em sala de aula, se alterou. O seu interesse na personagem por nós criada, bem como a curiosidade revelada em relação a diversos elementos representados nas imagens, tal como o vestuário ou os navios apresentados, evidenciou um interesse por parte do aluno que ainda não tinha sido demonstrado em contexto de sala de aula. Neste sentido o aluno passou a participar mais ativamente nas aulas, questionando o docente sempre que surgia uma imagem ou uma figura que despertasse o seu interesse. (...) deu lugar a uma atitude de curiosidade e de expectativa em relação à aula seguinte. Assim, por várias vezes, o Aluno A permaneceu na sala, mesmo depois do final da aula,

tendo em vista questionar o docente sobre informação representada na banda desenhada. (...)” (Ibid. p.112)

O autor refere ainda que ao longo da intervenção com a BD foi sentida uma evolução por parte do aluno, sendo que em determinada altura *“se registaram melhorias significativas no seu envolvimento nas atividades propostas para as aulas, salvaguardando aquelas que implicavam a leitura ou redação de texto, nas quais o Aluno A continuava a apresentar reservas em participar”* (Ibidem) que o docente atribuiu às dificuldades sentidas por parte do aluno em relação à leitura e escrita, tendo contudo no final, melhorado mesmo a sua avaliação também em relação à escrita.

Por fim, o autor do estudo considera que o trabalho de investigação realizado permitiu

“concluir que a utilização da banda desenhada em contexto de sala de aula no ensino da disciplina de História a alunos com PHDA é um instrumento precioso para superar, em grande medida, as dificuldades apresentadas por estes jovens. A articulação das imagens e das cores com o texto verbal permitem (...) despertar a curiosidade destes alunos para as situações apresentadas, permitindo, dessa forma, cativar a atenção dos mesmos por um período de tempo mais prolongado.” (Ibid. p.116)

Outro trabalho de investigação, que consultei relacionado com a utilização da BD no ensino da História e Geografia foi o Relatório de Iniciação à Prática apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário por Vasco Luís Azinheiro com o título *“A utilização da Banda Desenhada nas aulas de História e Geografia do 3º ciclo e do Ensino Secundário”*.

Neste trabalho o autor usou duas metodologias diferentes, uma em que eram utilizados “guiões com perguntas” serviu para “orientar os alunos na leitura das BDs (ou excertos) escolhidos para determinadas matérias (...) após a realização dos guiões o professor estagiário em conjunto com as turmas procedia à sua correção e promovia o debate construtivo. Outras vezes optou-se por dispensar os guiões por razões logísticas (optando por uma análise oral das imagens), e promover unicamente uma discussão aberta entre as turmas e o professor estagiário.” (Azinheiro, 2014, p. 123)

Ao longo do estágio realizado por Vasco Azinheiro, em diferentes turmas, que abrangeram alunos desde o 7º ao 12º ano de escolaridade, relatou como pontos positivos do trabalho, que a BD se mostrou como sendo

“um suporte motivante, atrativo, lúdico e cativante. É um suporte que transporta consigo uma aura de novidade, que foge absolutamente à rotina. Na maioria das vezes utiliza um vocabulário acessível. Facilita a compreensão e a memorização. Trabalha e aprimora tanto a literacia escrita, como a visual (...) Facilita dos debates, aprimora o espírito crítico. (...)”

Fornecer exemplos primorosos. Aumenta a capacidade de reflexão pessoal dos alunos. Pode resultar como vimos, numa ferramenta eficaz no ensino e no aferimento de matérias respeitantes às disciplinas de História e Geografia. (...) Promove o humor e a boa disposição..." (Ibid. pp. 144 e 145)

Os dois trabalhos referidos, apesar de terem naturezas bem diferentes acabam por apontar para algumas das vantagens que os autores citados anteriormente atribuíam à utilização da BD no ensino, reforçando a ideia da sua utilidade como um recurso educativo a poder ser utilizado como complemento das práticas pedagógicas dos (as) professores (as) na sala de aula. Uma das suas vantagens é a proximidade que os (as) alunos (as) sentem em relação a esta linguagem e à importância que a relação entre texto e imagem dá à mesma.

2.3. A imagem no ensino da História

Não sendo este trabalho direcionado especificamente para a imagem no ensino da História, convém no entanto, devido à sua importância e à ligação direta com a BD, fazer uma breve referência à sua relevância no ensino da História.

Hoje em dia vivemos numa época dominada pela imagem, já não são só as imagens difundidas pelas páginas dos jornais, a fotografia, o cinema, a TV ou os computadores, hoje também os telemóveis que serviam para somente falar, servem na maioria das vezes para captar imagens e partilhá-las rapidamente por toda uma rede *online*. Vivemos numa sociedade eminentemente visual, rodeados por imagens.

Note-se que, como vimos na pré-história da BD, também os nossos antepassados, através da representação iconográfica utilizaram a imagem como forma de comunicação entre os próprios e que permitiu que comunicassem com os seus descendentes. Também na Idade Média e ao longo de vários séculos, onde a maioria da sociedade era iletrada, a imagem era utilizada como forma de transmitir valores e instruir atribuindo-se à iconografia uma função educativa.

Apesar da importância que a imagem foi tendo na história da humanidade, nem sempre ela tem a devida atenção por parte de alguns historiadores ou professores da área da História.

Paulo Knauss afirma que

"Alguns destes vestígios visuais tão antigos têm uma longa história, que antecede em muito a escrita e sua hegemonia nas sociedades. Desprezar esta constatação pode deixar em segundo plano uma grande parte da história humana, ou ao menos de um universo de fontes para o seu estudo. É por isso que os estudiosos das civilizações de tempos remotos da vida humana

com frequência não conseguem escapar da análise das imagens.” (Knauss, 2006, p. 99)

O mesmo autor salienta ainda o facto de que mesmo quando *“se ficou a palavra escrita, o novo código não veio substituir a imagem. A convivência entre expressão visual e expressão escrita sempre foi muito próxima.”* (Ibidem) como podemos aliás constatar em alguns dos exemplos referidos anteriormente, pertencentes à pré-história da BD.

Outra importância que a imagem assume é o potencial de comunicação universal que abrange todas as camadas sociais sendo capaz de *“ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão”* (Ibidem) mesmo os que não se identificam com a palavra escrita. Assim, *“desprezar as imagens como fontes da História pode conduzir a deixar de lado não apenas um registro abundante, e mais antigo do que a escrita, como pode significar também, não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e seus modos de vida.”* (Ibid., pp 99 e 100)

Dada a importância da imagem como documento histórico, será relevante que a mesma seja utilizada pelos (as) professores (as) na sala de aula, tanto por poder ser um válido documento histórico passível de análise, como pelo impacto que pode ter junto dos (as) alunos (as) a utilização deste recurso.

Antes de mais, deve-se esclarecer que o facto de ter referido que a imagem *poder ser um válido documento histórico*, prende-se com o facto de que a imagem por si só não carrega a validade documental, tal como acontece com o texto escrito. É aqui que se centra a importância do (a) professor (a) na escolha do material, a preparação e análise dos recursos a serem ou poderem ser utilizados pelos (as) alunos (as). Em especial, nos dias de hoje, onde muito material pode ser encontrado pelos (as) estudantes, por exemplo na internet, convém que haja uma seleção e análise do material a ser usado. A própria validação e identificação do documento poderá ser a primeira abordagem a ser trabalhada pelo (a) professor (a) com os alunos tendo em atenção as suas origens e ao contexto e intencionalidade com que foram produzidas, tentando também compreender se são fontes primárias ou secundárias.

“O importante é ressaltar que toda e qualquer fonte está sempre imersa em condições sociais de produção e são discursos representativos do real. As fontes expressam valores políticos, sociais, culturais e religiosos, que devem ser lidos de forma crítica e não como verdades naturais e inquestionáveis” (Silva, 2010, p. 173)

A escolha das imagens, deve ter também em conta os (as) alunos (as) com quem se vai trabalhar onde as suas idades o nível de ensino e características da turma, deverão ser tidas em conta.

E que tipo de imagens poderemos usar? Diria que os recursos são intermináveis, sendo que na grande maioria dos casos, só é possível ser feita uma análise através da sua representação em papel, fotografia ou imagem digital. Mas

“Imagens diversas produzidas pela capacidade artística humana também nos informam sobre o passado das sociedades, sobre as suas sensações, seu trabalho, suas paisagens, caminhos, cidades, guerras. Qualquer imagem é importante, e não apenas aquelas produzidas por artistas. Fotografias ou quadros registram as pessoas, seus rostos e vestuários e são marcas de uma história. Produções modernas, como os filmes, registam a vida contemporânea e reconstroem o passado, revivendo guerras, batalhas e amores de outrora, ou ainda imaginam o futuro. Trata-se de imagens em movimento e com som. Os filmes não são registros de uma história” (Bittencourt, 2008, p. 353)

Mas para além da sua validade como documento histórico, porquê utilizar documentos como a imagem na sala de aula?

“O documento passou a ser instrumento didático para o professor porque ajudaria a tirar o aluno de sua passividade e reduziria a distância de sua experiência e seu mundo de outros mundos e outras experiências descritas no discurso didático. Estimulou-se o uso de mapas históricos, gravuras, filmes, que permitiriam refazer as imagens do passado ou fazer o aluno poder, ele mesmo, imaginar como era o passado. Dessa forma espera-se que as aulas se tornassem mais atraentes, e o aluno, mais participante” (Schmidt & Cainelli, 2004, p. 93)

Para além do carácter lúdico e atrativo que se busca na utilização das imagens, como referido anteriormente, elas são também sujeitas a um olhar crítico, e são um bom ponto de partida para a introdução de um tema para a discussão sobre o que está representado, refletindo sobre o contexto no qual as imagens foram produzidas, formar conceitos, questioná-los e desenvolver a capacidade imaginativa.

Esta abordagem mais didática em relação à imagem deve ser feita principalmente com a ajuda do (a) professor (a) por ser mais difícil. Ora, nem sempre estaremos preparados para tal, mas é importante reconhecer que a imagem deve servir bem mais do que para ilustrar e embelezar, na tentativa de motivar ou chamar a atenção do (a) aluno (a).

3. Metodologia

3.1. Contexto e participantes

Esta investigação decorreu ao longo do ano letivo 2013/14, com uma turma do 5º ano de escolaridade, na qual efetuei o estágio pedagógico ao longo de 10 semanas sendo que, na área curricular de História e Geografia de Portugal o mesmo se realizou durante 4 semanas, compreendidas entre o dia 28 de abril e o dia 23 de maio de 2014. O período que abrangeu a colocação em prática do projeto e a recolha de dados, foi ao longo das duas últimas semanas de estágio.

3.1.1 Contexto

O estágio realizou-se na Escola Básica Integrada da Boa Água, situada na Quinta do Conde, concelho de Sesimbra, distrito de Setúbal. A mesma faz parte do Agrupamento de Escolas da Boa Água, formado em Julho de 2009 e que é composto, atualmente, por quatro estabelecimentos de ensino: - Escola básica integrada da Boa Água (sede); - Escola básica do 1º ciclo nº2 da Quinta do Conde; - Escola básica do 1º ciclo e jardim-de-infância do Pinhal do General; - Jardim-de-infância do Pinhal do General.

A Quinta do Conde começou na década de 70 a sofrer um aumento significativo da sua população, numa zona onde a habitação era conseguida a um valor mais baixo, muitas delas em parcelamentos clandestinos. Tendo passado a freguesia em 1985 e em 1995 a vila. *“Segundo o XIV Recenseamento Geral da População, a Quinta do Conde foi a freguesia que registou em termos relativos, o crescimento demográfico mais acelerado do país. A população passou de 7958 residentes, em 1991, para os 16389 de 2001, dos quais 25 por cento com menos de 30 anos.”* Em *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Boa Água*⁵⁵

Uma grande parte dos habitantes na Quinta do Conde trabalha em Lisboa, ou em unidades fabris da zona, muitas delas com diferentes turnos de horários, pelo que muitos(as) dos(as) alunos(as) acabam por passar a maior parte do dia na escola, durante todo o período letivo e das Atividades de Enriquecimento Curricular. Para além desse tempo, muitos deles ainda frequentam Atividades de Tempos Livres, de instituições locais oficiais ou privadas.

Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento, a população escolar da Escola Básica Integrada da Boa Água, distribui-se da seguinte forma: 8 turmas de 1.º ciclo (192

⁵⁵ Retirado do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Boa Água, em http://aeboaagua.org/ebiba/wp-content/uploads/2011/11/PE_v1_05_2.pdf consultado a 12/5/2015

alunos) + 11 turmas de 2.º ciclo (253 alunos) + 16 Turmas de 3.º ciclo (389 alunos) + 1 Turma de CEF (20 alunos).

Relativamente à totalidade do Agrupamento, com cerca de 1356 anos, *“a população escolar é constituída por 94,6% de alunos de nacionalidade portuguesa, sendo os restantes de proveniências muito diversas, de que podemos destacar o Brasil (1,7%) e os países de leste (1,8%)”*

Em termos de instalações, possui um pavilhão, campos de jogos exteriores, biblioteca (bem equipada, com vários livros de apoio ao estudo e lúdicos, assim como computadores para os alunos poderem utilizar para trabalhos ou para recreação), papelaria, cantina, bar, auditório, dois laboratórios de Ciências e um de Físico-química.

Quanto a material pedagógico, a escola está bem equipada, desde material de apoio a várias disciplinas, aos laboratórios, no entanto, poucas salas têm projetores, havendo a possibilidade de requisitá-los, mas em termos de computadores há muito poucos disponíveis.

Na escola existe uma série Clubes frequentados por muitos dos alunos, como exemplo: Clube de Inglês; Clube de Rádio e TV; Clube de Xadrez, Clube de Teatro, Desporto na Boa Água. Tem ainda o projeto Orquestra-Geração em parceria com a Autarquia e o Conservatório Nacional de Música, Projeto Hortas Pedagógicas, em parceria com o Centro Comunitário e uma série de Atividade de Enriquecimento Curricular. Ao longo do ano letivo, vão existindo também uma série de atividades organizadas pelos Clubes, ou com a participação de várias parcerias que a Escola tem o que lhe confere um grande dinamismo.

3.1.2 Turma e Professor Cooperante

A turma do 5º A era constituída por 23 alunos, sendo que 10 eram do sexo masculino e 13 do sexo feminino; as suas idades estavam compreendidas entre os 9 e os 12 anos, sendo que a ‘moda’ de idades era de 10 anos (18 alunos). Somente duas alunas não são de nacionalidade portuguesa, sendo ambas búlgaras.

Em termos das aprendizagens a turma era homogénea, na sua maioria com ritmos de aprendizagens semelhantes, mas 6 alunos tinham apoio pedagógico acrescido na área da matemática.

A turma era participativa e normalmente motivada mas com alguma falta de autonomia e de concentração. A assinalar que três dos alunos tinham um histórico de falta de assiduidade e perturbação do funcionamento da sala de aula devido a desconcentração e conversa.

Relativamente a repetências em anos anteriores, somente um dos alunos estava a repetir o 5º ano, e outros três alunos, tinham repetido um ano cada durante o 1º ciclo.

Durante as aulas os alunos têm geralmente um bom comportamento, não existindo muitos problemas de indisciplina, os alunos na sua globalidade têm respeito pelos professores, tanto ao professor cooperante como com os professores estagiários, respeitando as regras da sala de aula e quando não o fazem acabam por cumprir quando lhes é chamada a atenção.

Na disciplina de História e Geografia de Portugal, o professor cooperante disse que de uma forma geral os alunos de mostravam interessados, sendo que por vezes tinham algumas dificuldades nas relações temporais. Segundo professor cooperante, no primeiro período, numa escala de 1 a 5 valores (em que 1 e 2 são avaliações negativas, 3 satisfatório, 4 bom e 5 excelente) existia um aluno no nível 2, 14 alunos no nível 3 e 8 alunos no nível 4), no 2º período a classificação alterou-se para 10 alunos no nível 3 e 13 no nível 4, tendo havido uma clara melhoria, com a adaptação dos alunos aos novos métodos no 2º ciclo e à relação com a disciplina.

A metodologia empregue pelo professor cooperante durante as aulas, baseava-se muito na conversa com os alunos sobre os temas a abordar segundo o manual escolar. As aulas eram muito participadas pois a forma de o professor expor a matéria criava uma curiosidade aos alunos, que constantemente iam colocando questões.

Em relação ao projeto que pretendi implementar, o professor cooperante mostrou-se muito recetivo e admirado. Sem que eu soubesse, o professor foi o historiador que deu o suporte teórico e escreveu as notas históricas explicativas à BD "*Inês de Castro... a que depois de morta foy Rainha*". Como não sabia, este facto não teve qualquer influência na escolha do meu projeto, no entanto, o professor cooperante aceitou-o com entusiasmo.

3.2. Fundamentação teórica da metodologia

A investigação em educação tem vindo a sofrer uma evolução ao longo das últimas décadas e ela não é alheia à evolução em relação aos estudos em Ciências Sociais e à forma como os mesmos são levados a cabo.

Um paradigma pode ser considerado como "*um conjunto de crenças que orientam a ação*" Guba, cit. por (Aires, 2011, p. 18), sendo que a grande variedade de perspetivas pode levar a diferentes formas de investigar pois "*cada paradigma faz exigências específicas ao investigador, incluindo as questões que formula e as interpretações que faz dos problemas.*" (Aires, 2011, p. 18).

Segundo Denzin e Lincoln cit. por (Aires, 2011, p. 19) podemos organizar os paradigmas em seis categorias: "*positivista/pós-positivista, construtivista-interpretativo,*

feminista, étnico, marxista e cultural”; cada uma destas categorias tem características diferentes. Neste trabalho irei fazer referência somente ao paradigma positivista e ao interpretativo.

Outros autores, no entanto, organizam os paradigmas em diferentes características que se baseiam em filosofias com naturezas distintas:

“O positivismo de Augusto Comte fundamenta o paradigma quantitativo. Em linhas gerais, considera-se que existe uma realidade objetiva que o investigador tem de ser capaz de interpretar objetivamente; cada fenómeno deverá ter uma e só uma interpretação objetiva (científica). O idealismo de Kant e seus sucessores está na base do paradigma qualitativo. Aqui não se considera a existência de uma só interpretação (objetiva) da realidade, admite-se que há tantas interpretações da realidade quantos os indivíduos (investigadores) que a procuram interpretar” (Fernandes, 1991, p.1)

Manuela Ferreira e Hermano Carmo ainda apresentam-nos outras características destes dois paradigmas:

“o paradigma quantitativo postula uma concepção global positivista, hipotético-dedutiva, particularista, orientada para os resultados, própria das Ciências Naturais, enquanto o paradigma qualitativo postula uma concepção global fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjetiva e orientada para o processo, própria da Antropologia Social.” Reichardt e Cook, cit. por (Carmo & Ferreira, 1998, p. 177).

A cada um destes **paradigmas** vai corresponder um **método**, entendendo-se por *“métodos como um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar as técnicas.”* Grawitz, cit. por (Ibid.; p. 175)

Há autores que consideram que *“Dum ponto de vista prático, em vez de teórico, parte-se do pressuposto que alguns dos métodos ou técnicas próprias de um paradigma podem ser utilizados numa investigação conduzida por outro.”* (Fernandes, 1991, p. 1) este foi o caso que surgiu ao longo deste trabalho, em que tendo sido feita uma investigação qualitativa, acabei por utilizar uma técnica da investigação quantitativa, o inquérito por questionário, como será referido mais adiante.

Tal como mencionado anteriormente, os investigadores podem seguir diferentes investigações: a investigação **qualitativa** e a investigação **quantitativa**.

Bogdan e Biklen (1994) vão utilizar para estas diferentes investigações os termos de abordagem qualitativa e abordagem quantitativa, sendo que cada uma delas terá as suas próprias características e relacionam-se com os paradigmas a que estão associadas.

Assim, apresentam-nos as características que podemos encontrar nos dois tipos de abordagem:

- *A abordagem quantitativa vai-se relacionar mais com aspetos experimentais, dados quantitativos, perspetiva exterior, positivista e estatística, as amostras são amplas, existem grupos de controlo, há experimentação e utilizam-se inquéritos e entrevistas estruturadas.*
- *A abordagem qualitativa preocupa-se mais com dados qualitativos, etnográfica, perspetiva interior, naturalista, descritiva, as amostras são pequenas e utiliza técnicas como a observação, estudo de documentos vários, observação participante e entrevistas abertas.*

O facto de considerar que a investigação que realizei é de natureza qualitativa deve-se a cinco características que são enunciadas por Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51) para a abordagem qualitativa:

- (i) *“a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”* (por ser ao mesmo tempo professor estagiário e investigador observo as ações no ambiente natural da sala de aula ao mesmo tempo que sou o principal instrumento de recolha de dados e assumo o meu papel como interveniente no processo);
- (ii) *“a investigação qualitativa é descritiva”* (pretendo descrever os processos usados pelos alunos na resolução das tarefas propostas, com base nos dados recolhidos que são descritivos, utilizando palavras, com o auxílio de gravações áudio, notas de campo, registos dos alunos);
- (iii) *“o investigador interessa-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos”* (o foco do meu estudo reside em compreender como os alunos irão utilizar um novo recurso e compreender a forma como essa utilização poderá ser utilizada e melhorada);
- (iv) *“a análise dos dados é feita de forma indutiva”* (neste estudo não tenho como objetivo confirmar uma teoria mas sim recolher dados de forma a compreender o fenómeno em estudo e ir construindo hipóteses ao longo da investigação em curso);
- (v) *“é importante conhecer o significado que os participantes atribuem às suas experiências”* (com a realização de entrevistas a alguns alunos e ao professor cooperante pretendo compreender de que forma as diferentes etapas do projeto realizado foram vividos por estes e que aspetos sentiram maiores ou menores dificuldades, de forma a melhorar no futuro).

Após ter definido o paradigma e a abordagem que irá ser seguida ao longo deste trabalho, falta referir que este estudo inspira-se na metodologia de Investigação-Ação.

A Investigação-ação tende a ser cíclica, na medida em que a observação, planificação, ação, reflexão levam a um ciclo que, depois de refletirmos, se virmos que não houve resolução do problema, voltamos a um novo ciclo. Acima de tudo esta metodologia pretende-se que seja prática, que busque um problema real observado e para além da teorização da problemática e da planificação, se passe a uma ação com vista a serem obtidos resultados práticos que provoquem uma mudança.

Com a investigação-ação procuram-se diversos objetivos, sendo que consoante os autores temos diferentes vantagens neste estudo, para Latorre (2003) as principais

vantagens são “a melhoria da prática, a compreensão da prática e a melhoria da situação onde tem lugar a prática” cit. por (Coutinho & et al, 2009, p. 363) enquanto para Simões (1990) a investigação tem como objetivo “(...)produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar os atores” cit. por (Ibidem). Os propósitos investigação-ação deve ser “planejar, atuar, observar e refletir mais cuidadosamente do que aquilo que se faz no dia a dia, no sentido de induzir melhorias nas práticas e um melhor conhecimento os práticos das suas práticas” Ziber-Skerit, cit. por (Ibidem.).

Quanto ao modelo de funcionamento do processo de investigação-ação existem vários modelos que vão variando consoante os autores. Porém, praticamente todos referem a sua principal característica que se reflete no seu caráter cíclico, ou seja, no final de cada ciclo e após a reflexão do trabalho desenvolvido entrar-se-á num novo ciclo.

Assim temos como fases para a investigação-ação, segundo Coutinho et al (2009), as seguintes: “*planificação, ação, observação (avaliação) e reflexão (teorização)*”, sendo que no fim deste ciclo se dá início a um novo eventualmente num nível “superior”, dando origem a uma espiral no processo de investigação. Por vezes o processo pode terminar no primeiro ciclo caso o problema estudado esteja resolvido e se dê por terminada a investigação.

Em síntese, tal como refere Coutinho:

“a investigação-ação é uma das metodologias que mais pode contribuir para a melhoria das práticas educativas, exatamente porque aproxima as partes envolvidas na investigação; favorece e implica o diálogo; desenvolve-se em ambientes de colaboração e partilha; valoriza a subjetividade; propicia o alcance da objetividade e a capacidade de distanciamento ao estimular a reflexão crítica”. (Ibid., p. 375)

Ao longo deste projeto percorri várias fases como irei descrever adiante, seguindo os pontos descritos acima por Coutinho. Existiu uma planificação de um projeto que queria desenvolver, tendo o mesmo sido posto em prática com a turma em que tive a oportunidade de estagiar.

Ao longo das aulas em que o projeto se realizou, tive a oportunidade de observar a forma como os alunos foram reagindo às tarefas que lhes eram propostas, sentindo as suas dificuldades e registando a forma como o projeto se ia desenvolvendo, ao mesmo tempo que ia sendo feita uma avaliação do mesmo. Por fim, foi feita uma reflexão sobre a implementação do projeto e alguns aspetos novos foram surgindo, necessitando no entanto de uma análise mais profunda.

Devido a este conjunto de fases que foram seguidas ao longo do projeto e ao objetivo que me propunha e que tem como finalidade refletir sobre a minha prática pedagógica com a finalidade de as vir a melhorar, categorizo a metodologia utilizada como sendo de Investigação-Ação.

3.3. Processo de recolha de dados

Apesar de alguns procedimentos de recolha de dados serem característicos de certas metodologias, *“nenhuma abordagem depende unicamente de um só método, da mesma forma que não exclui determinado método apenas porque é considerado «quantitativo», «qualitativo» ou designado por «estudo de caso», «investigação-ação», etc.”* (Bell, 1997)

Como referi anteriormente, apesar de a minha investigação ser qualitativa, iriei também utilizar o inquérito por questionário como um dos métodos de recolha de dados.

Ao longo do projeto fui recolhendo informação para o desenvolvimento do mesmo, tanto da minha intervenção e também das produções e opiniões dos alunos, para fazer posteriormente as devidas análises.

Lantorre cit. (Coutinho & et all, 2009) considera que existe um conjunto de técnicas e de instrumentos de recolha de dados que divide em três categorias: técnicas baseadas na observação, técnicas baseadas na conversação e técnicas baseadas na análise de documentos.

Para Coutinho (*et al.*, 2009, p. 373) as técnicas baseadas na observação, estão centradas na perspetiva do investigador, pois observa presencialmente o fenómeno em estudo; as técnicas baseadas na conversação estão centradas na perspetiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo e de interação; por fim, a análise de documentos centra-se, igualmente, na perspetiva do investigador; contudo implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação.

3.3.1. Observação

Os métodos de observação permitem observar os comportamentos no momento em que eles acontecem, sem a mediação de um documento ou de um testemunho.

Ao longo deste projeto realizei uma observação participante por ser ao mesmo tempo investigador e professor inserido no contexto a ser analisado. Neste tipo de observação *“a maioria dos estudos deste tipo não têm qualquer estrutura, o que quer dizer que os investigadores não começam a investigação com ideias preconcebidas acerca do que querem observar com exatidão”* (Bell, 1997).

Nas observações utilizei duas formas de registo dos dados: o *registo áudio*; as *notas de campo* serviram para ir escrevendo a forma como decorreram as aulas, dificuldades que surgiram, questões levantadas pelos alunos ou por observações minhas para serem alvo de uma posterior reflexão.

Estes registos serviram para a descrição da proposta pedagógica e para as análises feitas neste trabalho.

Para o registo áudio somente foi necessária a autorização verbal do diretor da escola, pois como não implicava a recolha de imagem não foi solicitado outro tipo de autorizações.

Para Afonso (2005, p.92) podemos distinguir entre observação estruturada e observação não estruturada, foi este segundo tipo que foi utilizada no estudo, pois não utilizei qualquer grelha ou ficha de observação.

3.3.2. Entrevista

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.136) a entrevista consiste numa conversa intencional entre duas ou mais pessoas com o objetivo de obter informações que podem levar a uma recolha muito grande de dados além de que transmitem as perspetivas dos entrevistados.

Para (Bell, (1997, p. 118) *“A grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos [...] pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria.”*

Ainda de acordo com Bogdan e Biken podemos destacar três tipos de entrevistas: entrevistas estruturadas; não estruturadas; semiestruturadas sendo que a estruturada encontra-se num extremo onde a entrevista é completamente dirigida pelo entrevistador, não dando liberdade ao entrevistado de sair do guião pré estabelecido. No ponto oposto encontra-se a entrevista não estruturada caracterizada por ser muito aberta, o entrevistador encoraja o entrevistado a falar sobre uma área do seu interesse, desempenhado o sujeito entrevistado um papel crucial na definição do conteúdo da entrevista.

As entrevistas semiestruturadas obedecem a um formato intermédio entre as entrevistas estruturadas e as entrevistas não estruturadas e são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista semiestruturada deixando alguma liberdade para o entrevistador e o entrevistado focarem outros assuntos que possam surgir ao longo da entrevista e que não estivessem à partida estabelecidas por um guião.

Este tipo de entrevista foi o que selecionei para este estudo pois interessava-me ir um pouco mais além do que as respostas a obter a partir dos questionários que foram realizados (descritos mais à frente), tentando compreender a forma como os alunos vivenciaram a experiência que tiveram ao longo da realização do projeto com a utilização da BD, de forma a poder com estes dados retirar informações que sejam úteis para melhorar a utilização deste recurso em futuras oportunidades.

Neste estudo foram feitas três entrevistas, uma delas ao professor cooperante, com o intuito de conhecer a sua opinião sobre a tarefa realizada, que pontos achou que foram mais conseguidos e menos conseguidos e que aspetos pensa que poderiam ser alterados.

Também são feitas entrevistas a dois alunos cuja escolha esteve relacionada com o desempenho ao longo da realização da tarefa, um que tenha respondido corretamente à maior parte das questões do guião e outro que tenha tido mais dificuldades. Como o trabalho foi feito a pares, será escolhido somente um aluno do par. Não foi revelado aos alunos a razão pela qual foi feita a escolha.

3.3.3. Recolha Documental

Uma das formas de recolha documental neste trabalho teve por base os guiões que foram construídos para guiar os alunos ao longo da sua análise da BD, esse guião tem várias questões. O conjunto de questões que foi elaborado serviu assim como uma forma de recolha de dados e que será utilizado com o fonte de análise documental, como forma de compreender como os alunos reagiram perante esta atividade e quais as dificuldades sentidas e alterações que poderiam se feitas. As questões que fazem parte dos guiões foram feitas com base no Programa de História e Geografia de Portugal para o 2º Ciclo do Ensino Básico, tal como nas suas Metas Curriculares.

A análise deste guião com as questões, será a principal fonte de produções escritas, mas não a única. Como fontes de análise documental serão ainda utilizadas as produções escritas em relação às questões do manual de HGP, referentes ao conteúdo programático que foi trabalhado com suporte na BD e também duas questões que foram colocadas no teste sumativo realizado pelos alunos.

Com este conjunto de produções escritas dos alunos, espero conseguir compreender se de facto a utilização do recurso BD, terá contribuído na aquisição dos conteúdos por parte dos alunos, apoiados num trabalho a pares e sem terem tido um apoio do professor.

Como refere Bell (1997), em alguns casos a análise documental serve para complementar a informação obtida por outros métodos; noutros constituirá o método de pesquisa central ou mesmo exclusivo. Neste caso, a análise documental terá uma forte importância no que concerne à compreensão das dificuldades que os alunos tiveram na compreensão dos conteúdos e se a BD terá sido uma boa fonte de conhecimento.

Por outro lado o questionário e a entrevista servirão mais para compreender, do ponto de vista dos alunos, quais foram as dificuldades por eles sentidas, o que gostaram menos e mais no trabalho.

Esta interpretação por parte dos alunos será também essencial para compreender que alterações poderão ser feitas a um projeto futuro deste género de forma a ultrapassar dificuldades ou erros do próprio projeto.

A esta recolha de dados ainda foram acrescentados os inquéritos por questionário que foram realizados a todos os alunos da turma.

3.3.4. Inquérito por questionário

Segundo Bell (1997, p.99) a elaboração do questionário está dependente de todo o trabalho efetuado anteriormente e da definição exata da informação que se pretende obter. Ainda segundo o mesmo autor, é necessário que se construa um bom inquérito de forma a recolher a informação necessária e que não levante problemas na altura de o analisar e interpretar.

Para Bell, na construção do questionário devemos regressar à questão e objetivos iniciais do estudo para formular as questões. Muitas vezes será necessário reformular várias vezes as questões não só para eliminar a ambiguidade como para obter um grau de precisão necessário para que o público e os respondentes compreendam exatamente o que é perguntado.

Na elaboração das questões para este questionário (Apêndice 5) tive em atenção também alguns problemas que fui detetando ao longo da realização do trabalho por parte dos alunos como, por exemplo, a interpretação textual da BD. Assim tentei que no questionário, os alunos dessem a sua opinião sobre a utilização da BD e do trabalho a pares, assim como o entusiasmo que os alunos colocaram na sua realização.

De salientar que as respostas aos questionários eram anónimas e que o tipo de questões utilizadas no mesmo foram de escala, ou seja, os alunos deveriam assinalar entre 0 (nada) e 5 (muito) por exemplo se tinham conseguido perceber o significado do texto contido nas vinhetas.

Após estas questões mais fechadas existem questões abertas onde se pediu aos alunos que explicassem o porquê da sua opção, para se tentar compreender quais as dificuldades que tinham sentido.

3.4. Processo (s) de Análise de Dados

Para Bogdan & Biklen:

“A análise dos dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros

materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (1994, P. 205)

Esta análise tem como objetivo interpretar e compreender o material recolhido de forma a conseguir responder às questões da investigação.

Uma análise muito superficial à forma como ia decorrendo a realização do projeto foi sendo feita, tentando compreender as reações dos alunos às tarefas, mas o essencial da análise das produções escritas e a sua análise e interpretação foram feitas numa fase posterior.

No entanto, como refere Bell (1997, p. 93) *“A quantidade de material documental que pode estudar depende inevitavelmente do tempo que dispõe para esta etapa da sua investigação. Normalmente, não é possível analisar tudo, sendo por isso necessário decidir o que quer seleccionar.”*

Foi minha intenção, fazer uma análise de todo o material recolhido durante o projeto, no entanto, a análise dos resultados aluno(a) a aluno(a), questão a questão, não foi possível, pois seria um trabalho enorme a tentativa de identificar individualmente para cada caso, qual a dificuldade que o aluno poderia ter tido. Num conjunto de 23 alunos, e um guião longo, mais as questões do manual, seria muito complexo no tempo disponível realizar esse trabalho.

Assim, na secção das análises, serão apresentados um conjunto de dados mais gerais, relativamente ao grau de sucesso nas respostas e uma reflexão sobre algumas das possíveis dificuldades sentidas.

4 - Proposta Pedagógica

Antes de passar à proposta em si referir que para a realização deste trabalho optei que o mesmo fosse desenvolvido a pares (díade), por parte dos (as) alunos (as).

A intenção deste projeto teve numa das suas vertentes que os (as) alunos (as) o realizassem com a mínima intervenção por parte do docente para observar também de que forma conseguiriam ultrapassar as dificuldades respondendo às questões que lhes eram colocadas. Para além disso e segundo Almeida e César (2007):

“O trabalho colaborativo contribui para a mobilização e desenvolvimento de competências várias, na medida em que permite explorar situações-problema ou questões cuja solução será procurada, através de interações que favorecem a partilha, a negociação de significados, a interrelação e a mobilização de saberes e saber-fazer. Desta forma, as competências de argumentação poderão ser mobilizadas e desenvolvidas, pois os alunos são levados a ter de decidir quando concordam ou discordam sobre uma proposta de solução”

Penso também que o trabalho a pares, para além de desenvolver nos (as) alunos (as), as capacidades de mobilização de saberes, faz com que vão desenvolvendo igualmente competências socio-afetivas, que por vezes não são tão valorizadas pela escola.

“Numa sociedade em permanente mudança, os problemas que se colocam aos cidadãos são complexos e a sua resolução exige, com frequência, a mobilização de competências sócio-cognitivas e afetivas, que ultrapassam em muito os conhecimentos substantivos, habitualmente valorizados pela escola.” Almeida e César (2007).

No entanto, o trabalho a pares, não será o objetivo de estudo deste trabalho ficando aqui somente a justificação para essa opção e será feita, no questionário aos alunos, uma pergunta sobre o que acharam sobre o trabalho a pares, para tentar perceber que influência terá tido na resolução das tarefas.

Para além desta seleção, foi necessário escolher o recurso educativo que iria utilizar, que como já foi referido e explicado anteriormente foi a banda desenhada.

Mas que BD escolher? Para responder a esta questão foi necessário em primeiro lugar ver as semanas em que iria realizar o meu estágio em HGP, que conteúdos deveriam estar a ser lecionados nessa altura e assim apontar para um tema que eu soubesse que iria abordar durante as minhas aulas e que conseguisse tratar todo esse tema com a utilização da BD para que ficasse essa parte do programa ligada ao projeto

que queria por em prática, tentando ao máximo que não houvesse uma influência de outros fatores.

Após analisar os conteúdos programáticos que ainda iriam ser lecionados acabei por selecionar o subtema “1383/85 um tempo de Revolução”.

Estando escolhido o tema (subtema) a ser tratado, agora poderia sim, com mais eficácia procurar uma obra de banda desenhada que permitisse a sua utilização na sala de aula e que desse o mais corretamente possível resposta aos objetivos do Programa da disciplina.

Acabei por realizar uma busca em várias obras de banda desenhada e a que me pareceu mais indicada foi a coleção “A História de Portugal em B.D.” do historiador Carmo dos Reis e do desenhador José Garcês, da editora ASA. Esta obra está dividida em quatro volumes, sendo que neste projeto foram utilizados o volume I “A Pátria Lusitana – Onde Portugal se fundou como Nação e Reino” (pp. 62 a 64) e o volume II “*A grande aventura – Por mares nunca dantes navegados*” (pp. 5 a 20).

Esta obra para além da importante participação do desenhador José Garcês, um dos especialistas em Portugal de BD histórica, conta também com o texto do historiador Carmo dos Reis, que acaba por assegurar uma componente científica muito aceitável.

Por curiosidade, os quatro volumes da obra acabam por percorrer quase todo o programa de HGP do 5º ano de escolaridade. Não tendo a informação de que a intenção desta estrutura tenha sido propositada e relacionada com o programa da disciplina, acaba por ser uma vantagem a sua escolha, por poder ser usada em mais temas, tendo sido este mais um dos fatores para a sua escolha.

4.1. Justificação da opção metodológica

Tendo o subtema a tratar e o recurso a ser utilizado, foi necessário optar por uma metodologia que pudesse ser posta em prática na sala de aula.

De início surgiram duas hipóteses:

- Ser o professor a apresentar a banda desenhada aos (ás) alunos (as), passando as vinhetas da BD para um PowerPoint, mostrando as mesmas para que fosse feita uma discussão em torno da imagem e do texto, pedir a opinião aos (ás) alunos (as) e a partir da discussão em grande grupo o professor acabar por passar a mensagem necessária para chegar aos objetivos programáticos.

- Arranjar uma forma em que os alunos por si, na díada, utilizando somente a BD tentassem chegar aos objetivos/ metas estipuladas pelo programa, sendo que aqui o professor teria a mínima intervenção possível, deixando para o trabalho de análise dos alunos a construção do seu conhecimento.

As duas hipóteses pareceram-me plausíveis, no entanto, a minha ideia inicial era que o professor tivesse a mínima intervenção possível, pois caso fosse este a “dar a matéria” mesmo que utilizando um recurso educativo diferente, não conseguia aperceber-me se os (as) alunos (as) chegariam às aprendizagens devido ao recurso educativo ou à intervenção do professor. Por certo, mas essa discussão ficará para mais tarde, será devido à interligação de ambos.

No entanto era necessário fazer uma opção e acabei por escolher ambas. Ou seja, o objeto de estudo principal para este projeto será a segunda opção, foi a que acabei por implementar no subtema “1383/85 um tempo de Revolução”, mas era preciso também antes de iniciar este subtema, fazer um enquadramento de Portugal no século XIV europeu, um dos objetivos descritos no documento das Metas Curriculares.

Assim, aproveitando que a obra escolhida, antes do subtema da revolução de 1383/85 também fazia referência a este objetivo de enquadramento europeu, acabei por usar a primeira opção metodológica para fazer uma introdução à utilização da BD na sala de aula, deixando a segunda opção metodológica para a revolução de 1383/85.

4.2. Construção dos materiais

Para as duas opções metodológicas diferentes foi necessária a utilização de materiais diferentes para cada uma.

No que diz respeito ao primeiro momento, em que seria feito o enquadramento europeu, como era o professor a apresentar a banda desenhada, o material que foi preparado foi um PowerPoint (Anexo I) onde foram colocadas algumas vinhetas do livro “História de Portugal em B.D. volume II *A grande aventura – Por mares nunca dantes navegados*” (pp. 5 a 12)

A escolha dos diapositivos teve a ver com a possibilidade de permitirem uma discussão em torno dos mesmos que levassem a atingir os seguintes descritores incluídos nas Metas Curriculares:

“1. Estabelecer uma ligação entre a instabilidade climática e os maus anos agrícolas do século XIV.

2. Caracterizar a trilogia negra do século XIV europeu.

3. Relacionar os maus anos agrícolas com o aumento das epidemias e o aumento da mortalidade ocorrido no século XIV.

4. Relacionar a trilogia negra e o agravamento das condições de vida do povo com as revoltas populares do século XIV.

5. Referir as épocas de crise como momentos susceptíveis de provocar o aumento da intolerância, salientando as perseguições que atingiram as comunidades judaicas europeias aquando do surto da peste negra.”⁵⁶

⁵⁶ Texto transcrito das Metas Curriculares de HGP p. 12

Em relação à segunda opção metodológica, onde pretendia colocar os alunos a analisarem eles próprios a banda desenhada sem um apoio direto por parte do professor, foi um desafio maior.

A opção encontrada foi a construção de um guião, ou seja, seriam feitas uma série de questões que guiariam o aluno ao longo das páginas de BD que iriam ter disponíveis. Essas questões serviriam para tentar ajudar o aluno a compreender a história, chamar a atenção para certos pontos mais relevantes e acima de tudo, as questões teriam como intuito que os alunos chegassem aos objetivos propostos no Programa de HGP e aos descritores presentes nas Metas Curriculares.

Segundo o Programa teriam de ser analisados então os seguintes conteúdos:

- “- A morte de D. Fernando e o problema da sucessão.*
- As movimentações populares e os grupos em confronto*
- A resistência à invasão castelhana.*
- A consolidação da independência” (Ministério da Educação, 1991, p. 19 e 20)*

Quanto às Metas Curriculares⁵⁷ teria de ter em conta o subdomínio “Portugal no século XIV” e dentro deste o objetivo “2. Conhecer as causas e consequências do problema sucessório português de 1383-1385” no qual se inserem os seguintes descritores:

- “1. Identificar as causas das guerras fernandinas.*
- 2. Referir as condições do tratado de Salvaterra de Magos.*
- 3. Descrever sucintamente o problema de sucessão ao trono após a morte de D. Fernando.*
- 4. Reconhecer a divisão dos portugueses relativamente aos candidatos ao trono.*
- 5. Descrever sucintamente os acontecimentos da crise de 1383-85 desde a primeira invasão castelhana até à aclamação de D. João I nas cortes de Coimbra.*
- 6. Referir o início da dinastia de Avis. “*

E ainda o objetivo “3. Conhecer e compreender consolidação da independência Portuguesa “ com os seguintes descritores:

- “1. Descrever sucintamente episódios da batalha de Aljubarrota e os seus principais protagonistas.*
- 2. Sublinhar a importância da Batalha de Aljubarrota na afirmação da independência nacional.*
- 3. Relacionar a revolução de 1383-85 com as alterações na estrutura social portuguesa.”*

⁵⁷ As metas curriculares foram retiradas do sítio do Ministério da Educação em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_hgp_metas_curriculares_2_ciclo.pdf visitado pela última vez em 12/10/2015

Assim, com a ajuda da Professora Supervisora de Estágio, foram elaboradas uma série de questões para formar um guião (Apêndice II) que acabou por ser a base de trabalho dos alunos, para a sua análise à banda desenhada e que serão uma das fontes de recolha de dados para análise.

Como durante a análise textual da BD, achei que existiam uma série de expressões ou palavras que provavelmente os alunos não iriam compreender, foi elaborado um glossário (Apêndice 1) onde era explicado o significado para cada um dos casos.

4.3. Utilização da banda desenhada na sala de aula

No dia 30 de Abril de 2014 iniciou-se a primeira aula em que foi utilizada a BD, nesta foi feita uma introdução histórica ao contexto europeu da época utilizando a metodologia referida em cima para este tema.

No início da aula informei os alunos que para o novo tema que ia ser lecionado, em vez utilizarmos o manual de história ou a palavra do professor, iríamos utilizar a Banda Desenhada, explicando que esta opção estava relacionada com um trabalho que teria de desenvolver com a turma ao longo do estágio e que consistia em compreender se a banda desenhada poderia ser um recurso educativo válido a ser utilizado na sala de aula.

Quando informei que ia ser utilizada a banda desenhada, pelo que foi possível observar através das expressões nas suas caras e pelos comentários, os (as) alunos (as) terão ficado entusiasmados, pude assistir a expressões de entusiasmo e sorrisos, e alguns comentários como “*fixe*” e “*deve ser giro*”.

Em seguida apresentei os livros que iríamos utilizar. Referi os autores, o facto de o desenhador ser um experiente artista de BD histórica, de o autor do texto ser um historiador e que os capítulos que íamos utilizar faziam parte de dois livros de uma obra em 4 volumes.

Como nesta aula, foi utilizado o PowerPoint (Anexo I) com vinhetas da obra, fui também chamando a atenção para vários aspetos da BD, como os diferentes tipos de balões, a importância das legendas e dos cartuchos, onde muitas vezes as informações pretendidas poderiam ser consultadas aí.

À medida que ia apresentando uma nova vinheta, solicitava sempre primeiro que os alunos falassem sobre a mesma, o que viam e liam, o que achavam que poderia representar, contextualizando-a com a vinheta que se vira anteriormente, para dar a ideia da sequência narrativa característica da BD e que se torna tão importante na sequencialização dos acontecimentos no ensino da História.

A utilização desta metodologia gerou um grande dinamismo à aula, os debates que são possíveis realizar em torno das vinhetas, a interpretação e a possibilidade de puxar pelo imaginário sobre o que está por trás de cada vinheta possibilita a troca de opiniões dentro do grupo turma.

Foi ainda pedido aos alunos, que lessem alguns dos balões com uma expressividade adequada criando momentos um pouco mais “teatrais” e lúdicos.

No final da discussão de cada vinheta era sempre feita, por parte do professor, uma síntese do que se deveria apreender em termos históricos.

Para terminar a aula, foi revisto com grande grupo, os principais pontos que se tinha abordado durante a aula relativamente ao contexto europeu do século XIV e que iria acabar por influenciar também a situação vivida em Portugal.

No dia 2 de maio de 2014 foi então iniciado o tema da Revolução de 1383-85.

Foi transmitido aos alunos que iam continuar com a análise da BD, agora sem a utilização do PowerPoint, mas que seria dado a cada aluno uma cópia das páginas dos livros de banda desenhada. Também foram informados que iriam trabalhar a pares e que durante o trabalho de análise não poderiam pedir ajuda ao professor. No entanto, ser-lhes-ia entregue um glossário (apêndice 1) onde algumas das palavras e expressões que poderiam levantar mais dúvidas estariam lá explicadas.

Foram ainda informados que como o trabalho era a pares, deveriam ajudar-se mutuamente na interpretação das questões e na leitura da BD. Os pares foram formados atendendo à disposição dos alunos na sala, ou seja, com o seu colega de carteira.

Em seguida apresentou-se aos (ás) alunos (as) o guião, que era composto por uma série de questões das quais eles deveriam procurar as respostas na leitura da banda desenhada.

Foram então distribuídos os guiões, as fotocópias das páginas da BD e os glossários.

Não lhes foi indicado se deveriam ler primeiro toda a história ou não, essa opção foi deixada ao critério de cada par, foi por isso interessante reparar neste caso que existiram duas opções estratégicas, houve alguns grupos que escolheram ler primeiro toda a história, outros não o fizeram, preferindo ler primeiro as perguntas do guião e ir procurando na BD as respostas às mesmas.

Ao longo do resto da aula, os (as) alunos (as) foram então realizando o seu trabalho. Houve algumas tentativas de pedir ajuda, no entanto foram encorajados para em grupo tentarem chegar a uma conclusão. Somente se houvesse um grande número de grupos a terem a mesma dúvida em relação a uma questão, aí poderia ser a pergunta que estava mal formulada ou ser de difícil compreensão e nesse caso poderia ser dada uma breve explicação para o grande grupo.

No final da aula os alunos devolveram todos os questionários, para que o trabalho não pudesse ser feito em casa nem com ajudas externas, no entanto foi possibilitado que levassem as cópias das páginas da BD consigo.

Salientar o facto de que apesar de a turma ter 23 alunos (as) somente 21 participaram neste trabalho com o guião pois dois deles faltaram durante várias aulas. Em relação à primeira aula, participaram somente 20 alunos, pois um terceiro faltou somente a esta.

As duas aulas seguidas, realizaram-se nos dias 5 e 7 de maio, e funcionaram da mesma forma, no início da aula foram entregues os guiões e os alunos continuaram o seu trabalho de análise da BD.

De salientar que no início do segundo dia, foi necessário trocar um dos pares, pois tinha funcionado muito mal na primeira aula, tendo uma das alunas ficado sozinha, por escolha própria e a outra juntou-se ao aluno que tinha faltado à primeira aula.

Como recolhia os guiões no final de cada aula, ia observando as questões a que já tinham respondido. Inicialmente essa informação também não era muito significativa, pois houve alguns grupos que escolheram ler primeiro a BD e por isso pouco ou nada responderam na primeira aula, na segunda aula notou-se um avanço no número de respostas dadas, no entanto no terceiro dia, alguns dos grupos pouco adiantaram relativamente ao trabalho realizado na aula anterior.

Acredito que a extensão do guião possa ter começado a funcionar como gerador de alguma saturação, tendo acabado alguns dos (as) alunos (as) por se desmotivarem um pouco.

Como poderemos observar mais à frente na análise às respostas aos guiões, o número de respostas certas foi muito superior ao de respostas erradas, mas observa-se também que houve um grande número de questões que não foram respondidas, na sua quase totalidade referentes às últimas questões do guião.

No final das três aulas, na aula do dia 9 de maio, foi pedido aos alunos um novo desafio: sem terem consultado o manual de História e Geografia de Portugal, que respondessem às questões que estavam presentes no mesmo utilizando somente a BD. Para isso todas as questões do manual sobre este tema, foram transcritas e entregues numa folha à parte aos alunos.

Nesta aula, os alunos tiveram somente 35 minutos para responder às questões, pois no início da aula, houve assuntos que tiveram de ser tratados relativamente à turma.

Fiz esta opção para compreender se os alunos conseguiriam responder a essas questões, que normalmente são construídas segundo os objetivos do programa, utilizando apenas um recurso educativo diferente, servindo como mais um objeto de análise para a eficácia da utilização deste recurso no atingir dos objetivos do programa.

Na aula do dia 12 de maio, voltou-se à estratégia da primeira sessão em que foi utilizada a BD, no entanto, desta vez para ser feita uma sistematização das aprendizagens. Assim foram escolhidas algumas vinhetas das que faziam parte do guião e usando um PowerPoint, em grande grupo fez-se uma recapitulação dos conteúdos do que tinham estado ao longo de quatro aulas a analisar sozinhos. Pretendeu-se com isto que aqui o professor tivesse o papel de ajudar na organização das aprendizagens dos (as) alunos (as) e consolidar os seus conhecimentos.

5 – Resultados

5.1. Análise das entrevistas

As entrevistas aos alunos foram realizadas no dia 25 de maio de 2014, já depois do estágio pedagógico ter terminado.

Foi solicitado ao professor cooperante de HGP que fosse possível realizar as mesmas durante o tempo da sua aula, numa sala à parte. Cada entrevista foi realizada em separado, estando o aluno na aula e indo realizar a entrevista quando era a sua vez.

5.1.1. Análise da entrevista ao aluno T.

O aluno T. foi um dos alunos que teve um maior número de respostas certas, por essa razão pretendia saber qual a sua vivência em relação à BD e o seu gosto pela mesma.

Com a entrevista (transcrição no apêndice 7) deu para perceber que este aluno já tinha um gosto anterior no que diz respeito à banda desenhada, para além de costumar ler livros de BD, demonstrou o seu interesse em relação também a esta banda desenhada, ao ter dito que em casa também tinha indo ler a BD que lhe tinha sido entregue.

De referir a dificuldade expressa pelo aluno em relação à dificuldade que algumas questões lhe levantavam, podendo ser uma questão de pouca clareza em algumas delas.

Salientar também o facto de neste caso o trabalho a pares, pelo que foi afirmado, ter funcionado bem, tendo havido uma cooperação entre ambos para realizarem o trabalho, o que pode ter sido também uma das razões para a prestação muito positiva em relação às respostas no guião.

5.1.2. Análise da entrevista ao aluno M.

(Transcrição da entrevista no apêndice 8)

Este aluno foi dos que sentiu mais dificuldades ao longo da realização do projeto. O aluno durante as aulas era bastante participativo e estava constantemente a colocar questões. Mostrando sempre grande interesse pelos temas, no entanto durante este trabalho parece que o seu entusiasmo foi baixo, como se pode ver ao longo da entrevista.

Para além de ter afirmado que tinha achado que o texto da banda desenhada era um pouco complicado levantando-lhe dúvidas, poderá ter contribuído para isso também

o facto de o aluno não se ter revelado grande entusiasta de BD estando talvez menos habituado à sua linguagem, para além disso, o trabalho a pares também não terá corrido muito bem, o que pode também ter complicado ainda mais o desenrolar da atividade.

No caso deste aluno, parece que a estratégia da utilização do guião não terá sido a mais adequada, para além de que ao longo deste tempo a participação do professor foi praticamente nula, o que pode ter desmotivado o aluno M. devido à sua “sede” de colocar questões e tirar dúvidas, o que não foi possível em parte deste trabalho.

5.1.3. Análise da entrevista ao professor cooperante.

A entrevista ao professor cooperante (transcrição no apêndice 9) foi realizada já após o final do ano letivo. Com a mesma pretendia saber acima de tudo, qual a sua opinião sobre o projeto, o que tinha achado sobre o mesmo e sua eficácia e as sugestões para uma melhoria da utilização deste recurso.

A entrevista mostrou-se bastante rica, pela experiência profissional do professor cooperante e pelo conhecimento que o mesmo possui tanto do ponto de vista científico, como pedagógico e para além de ele próprio já ter sido coautor de um livro de BD histórico-didática, dando o contributo científico para essa obra, as suas opiniões foram de grande clareza e sinceridade, sendo sem dúvida alguma uma excelente fonte de reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

Foi possível notar um claro entusiasmo em relação à proposta deste projeto, onde seria utilizada a BD como recurso educativo. No entanto, a sua opinião em relação a uma das estratégias adotadas não foi a mais favorável.

Para o professor cooperante a utilização da BD através da primeira estratégia, onde se apresentaram as imagens da obra através de um PowerPoint ao grupo turma, era mais potenciadora de gerar um maior entusiasmo e maior eficácia perante os alunos. A BD como ponto de partida e potenciador de uma discussão em redor do tema a ser abordado, para o professor cooperante parece ter-se mostrado uma realidade, considerando a BD (no 5º e 6º ano) como um potenciador da aquisição de conhecimentos por parte dos (as) alunos (as).

No entanto a sua opinião sobre a segunda estratégia adotada, a utilização do guião, considerou que terá tido um efeito contrário ao que seria desejado com a utilização da BD, ou seja, em vez de atrair os alunos para um tema, suscitando-lhes um maior interesse e discussão, acabou por como que “matar” essa pretensão.

A utilização do guião terá acabado por levar a que os alunos, na sua opinião, achassem que o trabalho tivesse sido uma “seca”, tendo levado à perda de um encanto inicial da utilização de um novo recurso e que acabaria por se tornar uma forma idêntica a outras que já lhes eram familiares e pouco atrativas.

O guião, como o nome diz, terá acabado por levar os alunos a chegarem a um objetivo único, como se fosse também uma verdade única, o que em História muitas vezes não acontece, sendo que assim se perdeu um dos principais objetivos da História que será a sua compreensão, perceber os condicionalismos que levam a determinados acontecimentos e os diferentes pontos de vista.

Perante estes factos, não posso deixar de estar em acordo com a sua opinião, no entanto, para a realização deste trabalho em específico, onde tentei compreender a eficácia da BD como um recurso na aprendizagem, tentei em parte do projeto que a influência do professor fosse a mínima, daí ter optado pelo trabalho de investigação a pares, com a utilização de um guião. Guião esse que terá tido alguns problemas objetos de reflexão neste trabalho, na secção da Proposta Pedagógica.

Para terminar esta análise, relembrar as últimas ideias do professor cooperante, onde conclui que *“O que é importante em História nesta altura é passar uma mensagem e transmitir-lhes o gosto o interesse e a curiosidade, devemos por isso, socorrer-nos de todos os instrumentos e de todas as estratégias para o fazer, sob pena de falharmos naquilo que é o nosso objetivo.”* concordando que a BD é sem dúvida, em especial até estas faixas etárias um dos instrumentos a serem utilizados.

5.2. Análise da recolha documental

Das recolhas documentais que foram feitas, serão aqui analisadas as respostas ao guião, às questões do manual e aos questionários aos alunos. Em relação às questões para o teste (apêndice 6) que foram sugeridas por mim, com base na BD, não foi possível ser feita uma análise, por não ter tido a possibilidade de acesso às avaliações isoladas das duas perguntas, em relação ao conjunto das restantes questões.

5.2.1 Análise das respostas ao guião

Antes de apresentar os resultados obtidos na correção às respostas ao guião, é necessário relembrar algumas considerações sobre a aplicação do mesmo. Este acabou por se revelar extremamente longo, o que levou a que muitos dos (as) alunos (as) não tenham conseguido acabar de responder a todas as questões. Entre perguntas e suas alíneas, no total foram 34 questões que tinham de procurar resposta na BD. Foram três aulas de 45 minutos em que o trabalho foi realizado somente pelo par.

Este facto poderá sem dúvida ter levado a que alguns dos (as) alunos (as) na última aula, já estivessem um pouco cansados e foi-me possível observar que a progressão no guião, por parte de alguns grupos, foi bem mais lenta, tendo numa aula respondido a um muito menor número de questões que nas anteriores. Poderá ser devido ao facto de as questões serem mais difíceis ou ser mais complicado encontrar a sua resposta, mas também o cansaço em relação à extensão do trabalho poderá ser uma justificativa para

um tão grande número de respostas não dadas em relação às últimas questões. Como com os erros também se aprende, considero que esta - a necessidade de usar guiões menos extensos - foi uma lição importante do trabalho.

Dito isto, e feita a correção das respostas dos alunos, o primeiro dado que sobressai é a grande percentagem de respostas corretas.

Tendo dividido a avaliação das questões em três níveis, “Certo”, “Errado” e “Não Respondeu”, foi possível observar que quando temos em conta estas três variáveis a percentagem de respostas corretas foi de 65%, sendo que a seguir vem um grande número de questões sem resposta (24%); as respostas erradas foram 11% da totalidade de respostas. Estes dados foram obtidos através da análise da tabela construída (Apêndice 3) a partir da correção dos guiões, tendo feito posteriormente uns gráficos para melhor visualização.

Estes dados podemos observar no seguinte gráfico (figura 1) onde são apresentadas o número e percentagem, de respostas certas, erradas e das não respondidas.

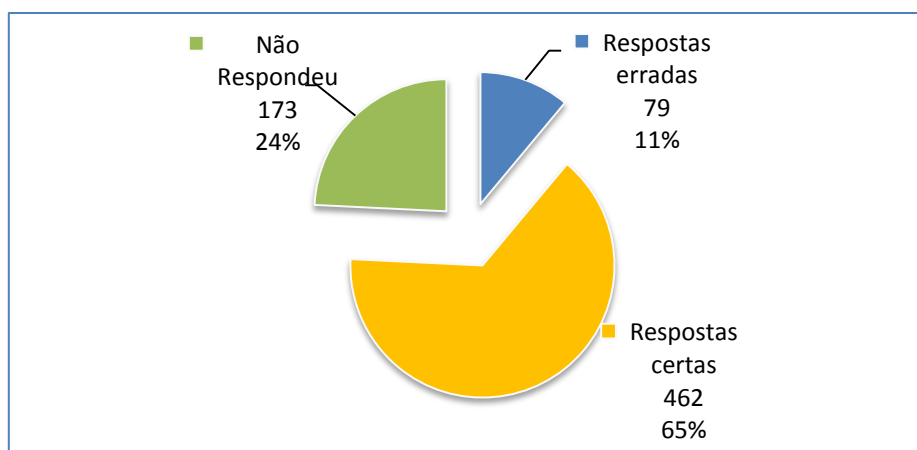


Figura 1- Relação entre repostas certas, erradas e não respondidas

Se à totalidade das respostas retirarmos as respostas não respondidas, para termos uma ideia somente da relação entre respostas certas e erradas (figura 2), a percentagem de respostas certas aí sobe para 85% e as erradas para 15%.

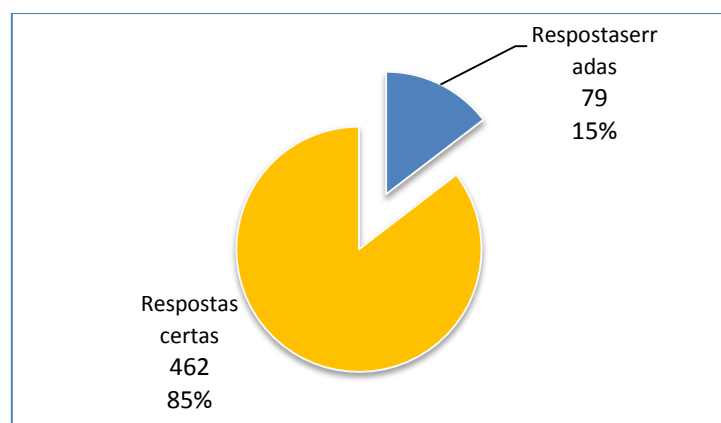


Figura 2 Relação entre repostas certas e erradas

De referir também que a esmagadora maioria das questões que não foram respondidas, foram aquelas em que o (a) aluno (a) a partir daí não respondeu mais ao guião, não se tendo por isso uma certeza se foi por não saberem a resposta ou por não terem tido tempo, relativamente à sua progressão no trabalho, para responder às mesmas, daí ter acabado por referenciar o gráfico da figura 2, em que se omite as questões não respondidas.

5.2.2 Análise das respostas às questões do manual

Como também já foi referido, outra forma de recolha de dados foi a tarefa que foi entregue aos (às) alunos (as) que consistia em responderem às questões que estavam no manual (anexo 2) sem, no entanto, o terem consultado, utilizando somente as páginas da BD para responderem às questões do próprio manual.

A análise das respostas foi feita de igual forma às do guião, classificando-as em certa, errada e não respondeu. Assim com base na tabela de registo (apêndice 10) e dos resultados totais (apêndice 11) construíram-se igualmente dois gráficos.

Na figura 3 pode-se ver que na totalidade das respostas, as não respondidas foram ligeiramente em maior número. No entanto, na relação entre as respostas certas e as respostas erradas, o número de respostas certas foram em maior número.

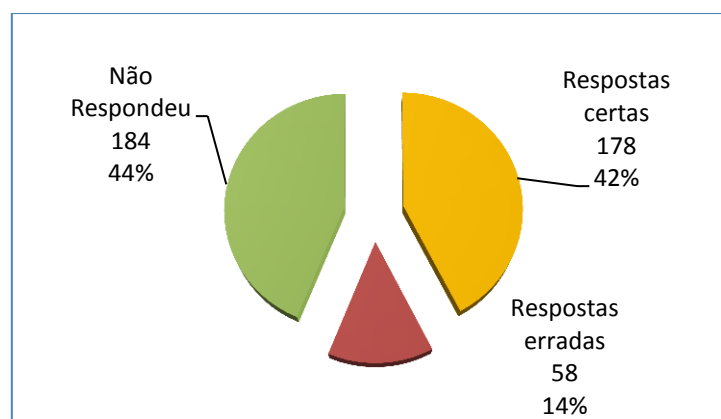


Figura 3 Relação entre repostas certas, erradas e não respondidas

Se fizermos tal como na análise anterior, ignorando as respostas que não foram respondidas, obtemos os resultados expressos pelo gráfico da figura 4, onde é dada a relação somente entre respostas certas e erradas, sendo que as certas representam 75%.

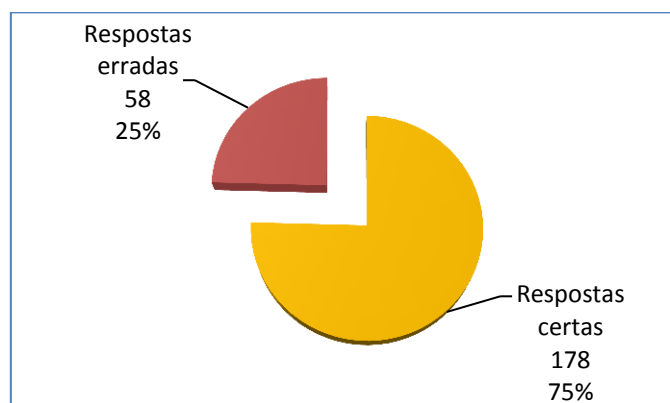


Figura 4 Relação entre repostas certas e erradas

Se verificarmos, na tabela do apêndice 11, onde estão assinaladas as classificações aluno a aluno e questão a questão, podemos também verificar que a quase totalidade das respostas que não foram respondidas são, mais uma vez, as últimas do questionário. Isto poderá significar, como referido anteriormente, que esse facto se poderá ter devido ao tempo necessário para que respondessem a todas as questões não tenha sido suficiente --- recorde-se que nessa aula só tiveram 35 minutos para esta tarefa --- ou poderá também significar alguma saturação de já ser o quarto dia de análise da banda desenhada.

Fazendo uma análise puramente contabilística, em relação somente ao número de respostas certas e erradas, pode-se verificar que, apesar de o total de respostas certas às questões do guião (85%) ser maior que o número de respostas certas às questões do manual (75%), não deixa de ser um número interessante, tendo em conta que se o guião foi construído com base com o que estava disponível na banda desenhada, as questões do manual não tiveram, como é óbvio, esse facto em atenção. No entanto a percentagem

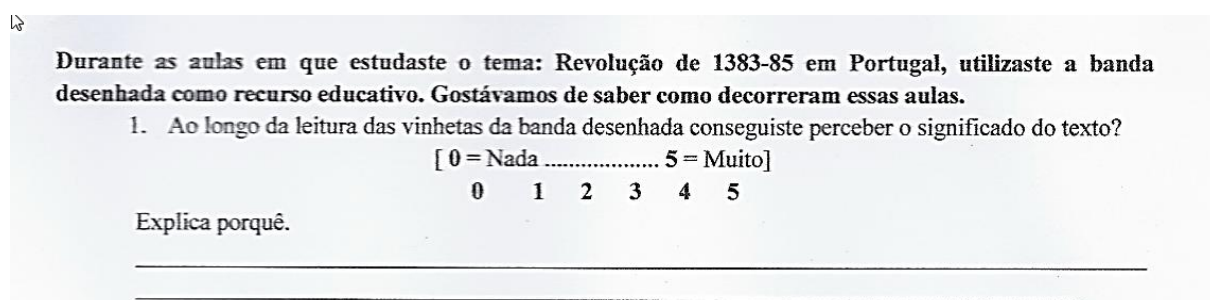
de respostas certas por parte dos alunos às questões do manual, utilizando somente o recurso da banda desenhada, sem qualquer apoio por parte do professor foi também muito positivo.

5.2.3 Análise das respostas aos inquéritos por questionário sobre a utilização da banda desenhada nas aulas de HGP.

No final de todo o projeto e já depois de ter terminado o meu tempo de estágio pedagógico, no dia 26 de maio, durante uns minutos iniciais da aula do professor cooperante realizei um inquérito aos alunos. De referir que os alunos responderam a este inquérito de forma anónima.

Como foi referido na secção da metodologia, no ponto 3.3.4 página 59, este inquérito (apêndice 5) visa compreender a forma como os alunos vivenciaram a experiencia que tiveram ao longo da realização do projeto com a utilização da BD, de forma a poder com estes dados retirar informações que sejam úteis para melhorar a utilização deste recurso em futuras oportunidades.

Assim foram colocadas 7 questões que passo a analisar.



Durante as aulas em que estudaste o tema: Revolução de 1383-85 em Portugal, utilizaste a banda desenhada como recurso educativo. Gostávamos de saber como decorreram essas aulas.

1. Ao longo da leitura das vinhetas da banda desenhada conseguiste perceber o significado do texto?

[0 = Nada 5 = Muito]

0 1 2 3 4 5

Explica porquê.

Figura 5

Nesta questão sete alunos assinalaram 2, cinco alunos assinalaram 3, oito alunos assinalaram 4 e um aluno assinalou 5

Algumas das justificações dos alunos foram:

“Porque não estou habituado a responder através da BD”, “porque não percebi”, “percebi porque estava explicada, a banda desenhada estava bem feita”, “Havia palavras que eu não conhecia e não estavam no dicionário, às vezes as frases não diziam coisa com coisa”, “ sim, porque tinha uma espécie de dicionário que me indicava o significado das palavras”

2. Tiveste alguma(s) dificuldade(s) em responder às perguntas do questionário *A Revolução de 1383-85*?
 [0 = Nenhuma dificuldade 5 = Muitas dificuldades]
 0 1 2 3 4 5
 Explica porquê.

Nesta questão os alunos acabam por revelar que tiveram alguma dificuldade em responder às perguntas, assim: quatro alunos responderam 2, treze alunos responderam 3, quatro alunos responderam 4 e um aluno 5.

Algumas das justificações foram:

“Às vezes não percebia o que queriam as perguntas”, “Tive algumas dificuldades”, “porque às vezes não encontrava o que queria”, “porque tinha algumas dúvidas”, “tive só algumas dificuldades e algumas deixei por fazer porque não sabia”, “a banda desenhada nem sempre tinha as respostas claras”

Aqui podemos ver que existiram dois tipos principais de dificuldades, uns alunos tiveram a dificuldade em compreender as questões que eram colocadas, outros sentiram maior dificuldade em interpretar a linguagem na BD.

3. Gostaste de realizar este trabalho a pares?
 [0 = Nada 5 = Muito]
 0 1 2 3 4 5
 Explica porquê.

Em relação à questão do trabalho a pares, a grande maioria gostou, assim: Quinze alunos escolheram a opção 5, um aluno a 4, dois alunos a três, um aluno a 1 e três alunos a 0.

Neste caso, surgiu pela primeira vez a opção 0, três alunos não gostaram nada de trabalhar a pares, no entanto as razões poderão ser diferentes, como podemos ver nas respostas:

“ porque oriento-me melhor sozinha”, “porque o meu par era um tóto e não me ajudava”, “ porque o meu par não era grande coisa”

No entanto, a grande maioria tinha uma opinião positiva relativamente ao trabalho a pares:

“porque podemos conhecer melhor o(s) colega(s) e podemos tirar dúvidas com o outro”, “porque gosto de fazer trabalhos em grupo”, “sim porque a minha colega é amiga e consigo trabalhar bem com ela”, “ porque é uma maneira diferente e divertida de trabalhar”, “mais ou menos, porque sozinha talvez não teria a ajuda do meu colega”.

4. Foi bom fazer a análise do texto a pares ou preferias que tivesse sido o professor a explicar as informações a partir da BD?

Análise a pares ☐

Professor a explicar ☐

Explica porquê.

Em relação à questão 4 a grande maioria escolheu a pares, foram 19 alunos (as) com essa opção, enquanto que para a escolha de ser o professor a explicar os restantes 3 alunos(as).

Em relação aos que escolheram a opção “Professor a explicar” as justificações foram:

“Porque demora menos tempo”, “se tivermos dúvidas o professor explica”, “porque o professor ainda explica, o meu rico colega não ajuda nada”.

Relativamente aos que escolheram o trabalho a pares, algumas das justificações foram:

“Porque assim ficou mais texto da BD na nossa cabeça”, “porque assim nós estudamos melhor”, “porque é mais divertido e tem-se mais ajuda”, “porque assim pedimos ajuda uns aos outros”, “porque é uma maneira de aprender diferente”, “porque os professores não podem sempre dizer tudo. Os alunos também têm de saber ler e fazer sem a ajuda do professor”.

Apesar de na pergunta anterior alguns dos alunos não terem gostado tanto de trabalhar a pares, nesta questão somente três escolheram não trabalhar a pares. Isso pode refletir o que ficou expresso em algumas das justificações, que talvez às vezes o problema não seja trabalhar a pares, mas o par com quem se ficou. No entanto é uma competência que os alunos deverão adquirir conseguir trabalhar com diferentes pares de trabalho.

Em relação à pergunta 4, apesar de muitos terem salientado o facto de ser mais divertido, também há quem refira a necessidade de haver espaço para uma aprendizagem onde o aluno seja mais ativo, buscando ele o conhecimento, com a ajuda do seu par.

5. Gostavas de voltar a utilizar a banda desenhada nas aulas de História?

[0 = Nada 5 = Muito]

0 1 2 3 4 5

Explica porquê.

A questão 5 era para tentar perceber qual teria sido afinal o entusiasmo com que os alunos tinham ficado após esta experiência, e as respostas foram muito positivas,

assim: Quinze alunos escolheram a opção 5, quatro alunos a opção 4, dois a opção 3 e um aluno a opção 0.

Relativamente à opção 0, a justificação foi “porque ver no manual (para mim) é mais organizado”

Em relação ao resto das opiniões, para além de ser divertido, podemos ver também algumas justificações como:

“Porque nunca tinha trabalhado com banda desenhada, especialmente a uma disciplina como HGP”, “porque acho a banda desenhada uma maneira mais prática de aprender”, “sim porque nós ficamos mais divertidos mesmo estando a trabalhar”, “sim, mais ou menos. É divertido e aprende-se bem, só que acho melhor da maneira normal”, “sim para praticar mais”, “porque é mais compreensiva”, “porque no início foi divertido e no meio começou a ser chato”, “porque adorei as aulas com a BD foram muito divertidas”

Nestas respostas podemos retirar algumas das que podem ser as vantagens da utilização da BD na sala de aula. “maneira mais prática de aprender”, “divertidos mesmo estando a trabalhar”, “é divertido e aprende-se bem”, por ser uma novidade.

Fica no entanto também um reparo em relação a ter-se tornado “no meio começou a ser chato”, uma referência muito provável aos longos questionários que tiveram de responder, no entanto a aceitação foi muito positiva.

Finalmente, em relação às questões 6 e 7 os objetivos era tentar perceber se a BD fazia parte dos hábitos de leitura dos alunos e se teriam lido a BD que lhes foi fornecida em casa ou somente na escola.

Nem todos os alunos responderam, ficam no entanto os resultados

<p>6. Costumas ler livros de banda desenhada? [0 = Nunca 5 = Muito] 0 1 2 3 4 5</p>	<p>7. Durante o trabalho leste a banda desenhada só na escola ou também em casa? Só na escola <input type="checkbox"/> Também em casa <input type="checkbox"/></p>
---	--

Relativamente à questão 6: três alunos nunca tinham lido BD, em relação aos restantes, três selecionaram a opção 1, um a opção 2, cinco a opção 3, dois a opção 4 e três a opção 5.

Pode-se ver assim que apesar de não ser muito habitual a leitura de banda desenhada por parte dos alunos, alguns ainda vão lendo com uma frequência média.

Em relação à questão número 7, 10 alunos só leram a banda desenhada na escola e 8 leram também em casa. Esta questão não foi muito bem elaborada, pois deixa em aberto se os alunos terão lido a BD, ou seja qualquer tipo de BD em casa, quando a intenção era saber em relação à banda desenhada que lhes foi fornecida para o trabalho. Como não está explícito na questão, não se pode ter por garantido que os (as) alunos

(as) possam ter compreendido qual era a minha intenção, daí não se pode retirar muitas conclusões relativamente a esta pergunta.

6 – Considerações finais

Nas considerações finais deste relatório de investigação, apresento o percurso realizado e identifico as dificuldades/ aprendizagens realizadas assim como uma reflexão final neste término do projeto.

No ensino da História e Geografia de Portugal como em qualquer outra área do conhecimento arranjar estratégias para chegar de uma forma mais eficaz junto dos (as) alunos (as) é um dos maiores desafios que o (a) professor(a) tem na preparação das suas aulas. Se o conhecimento científico da História está à partida presente no(a) professor(a) é necessário conseguir passa-lo a uma vertente didática para que os conhecimentos transmitidos possam ser adquiridos de uma forma mais eficaz.

Para este fim, os recursos educativos são como que a ferramenta que o (a) professor(a) deve ter à sua disposição para alcançar objetivos, não só a transmissão conhecimentos mas também orientar e motivar o espírito crítico dos (as) alunos (as). A grande variedade de recursos disponíveis não deve servir de desencorajamento à sua utilização, mantendo-se o (a) professor (a) na sua zona de conforto que muitas vezes é a utilização exclusiva do manual escolar, mas sim servir de incentivo à exploração, a experimentar novas metodologias e novos desafios, que por certo irão não só motivar o seu trabalho enquanto docente, pois a busca de novidades poderá ser uma arma importantíssima para o “marasmo” que muitas vezes o ensino se pode tornar, quando ano após ano se recorre sempre ao mesmo material para explicar vezes sem conta o que já foi usado e reaproveitado de anos anteriores, mas também para incentivar e motivar os (as) seus (suas) alunos (as).

Desde o início em que comecei a idealizar este trabalho de investigação a utilização da imagem foi o recurso educativo que tive como ponto de partida. Vivemos numa sociedade de imagem, onde os jovens cada vez mais são consumidores de imagens no seu dia-a-dia, desde a TV, à fotografia, aos jogos, a internet, as redes sociais tudo roda em torno da imagem, por isso a mesma não deverá ser renegada dentro da sala de aula, mas utilizá-la como um apoio na mesma.

Mas dentro da imagem, a escolha é também imensa, o que nos permite tentar adaptar às condições que temos no local de ensino e em especial ao grupo de alunos que pretendemos atingir. De entre as várias possibilidades, acabei por optar pela utilização de uma forma de arte que engloba a imagem e o texto, a chamada *nona arte*, a banda desenhada.

Porquê a banda desenhada (BD)? Porque a mesma permite atrair a imaginação dos alunos e como refere (Egan, 1989, p. 29-30) “*a imaginação das crianças tendem a ser mais imediatamente objeto de compromisso através de materiais que estão organizados a*

não transmitirem apenas informação, mas que também envolvam os estudantes afetiva e emocionalmente”, assim, estando a realizar o projeto de estágio numa turma do 5º ano, pensei que a BD que faz parte dos imaginários de muitas das crianças nesta faixa etária, seria uma boa forma de os cativar e entusiasmar para o estudo que iria colocar em prática, para além de ter a consciência de que a mesma poderia servir como um recurso válido para estimular e consolidar as suas aprendizagens.

No entanto a experiência na utilização deste recurso era nula e também a informação que tinha tido a possibilidade de consultar era muito diminuta, havendo alguns estudos principalmente na área do ensino do Português e de línguas estrangeiras.

Esse fator não serviu de desmotivação, apenas incentivou a que fosse feito de início um projeto sem ter grandes referências de experiências anteriores. Nesta altura a construção do projeto foi o maior desafio, em primeiro lugar tive de definir, dentro do curto tempo de estágio que teria disponível nesta área de ensino (4 semanas), qual o tema que conseguiria abordar desde o início ao fim, depois montar uma estratégia para que pudesse fazer uma recolha de dados para ter informação passível de análise e, por outro lado, tentar que os alunos participassem de uma forma entusiasmada e ao mesmo tempo proveitosa do ponto de vista pedagógico.

Estando o tema da Revolução 1383-85 escolhido, foi necessário encontrar então uma obra de BD que por si, conseguisse transmitir informação o mais correta possível do ponto de vista científico, várias opções foram analisadas até acabar por optar pela coleção “A história de Portugal em B.D.”.

O objetivo que delineei foi tentar compreender se os alunos utilizando somente a BD, seriam capazes de atingir os objetivos propostos no Programa de HGP e nas metas curriculares vigentes, sendo que deveria haver a mínima intervenção possível do lado do professor. Este propósito pode parecer pouco pedagógico talvez, no entanto, foi a forma que vi como mais eficaz de tentar compreender o objetivo definido anteriormente.

Algumas dificuldades se depararam como a falta de experiência dos alunos em utilizar a BD como recurso educativo, a linguagem da obra escolhida era algumas vezes pouco compreensível para o nível etário que seria abrangido no estudo e a falta de exemplares para os alunos.

Relativamente à falta de exemplares, a solução foi a de fazer cópias das páginas a serem utilizadas, tendo tido a grande desvantagem de por esta obra ser colorida, perdeu-se aqui parte da beleza da mesma. Em relação à linguagem a solução encontrada foi a criação de um glossário o qual foi organizado seguindo as páginas da obra, e onde os (as) alunos (as) tinham acesso ao significado de palavras e expressões que do meu ponto de vista poderiam levantar algumas dúvidas ou serem desconhecidas de todo.

A forma encontrada para que os alunos fossem orientados no seu trabalho de análise da BD, foi a construção de um guião, no qual a colocação de uma série de

questões os ia orientando na organização do seu trabalho, ao mesmo tempo que iam respondendo a perguntas que tinham sido construídas de forma que os alunos ao procurarem as suas respostas iam chegando aos objetivos traçados pelo programa.

Obviamente que apesar de ter optado por não intervir durante as aulas da resolução do guião, a participação do professor acabou por estar presente, nem que fosse pela orientação a que foram sujeitos nas respostas ao guião.

Durante a resolução desta tarefa, os (as) alunos (as) trabalharam a pares, para permitir a possibilidade de com o seu colega partilharem a experiência e trocar opiniões sobre a resolução do guião e dos conteúdos da obra de BD.

Um problema que acabei por identificar nesta fase foi a extensão do guião. Trinta e quatro questões, que se estenderam na sua resolução ao longo de três aulas de 45 minutos tornou-se talvez um pouco cansativo para alguns alunos, que na terceira aula já mostraram alguma resistência no desenvolvimento do trabalho, demonstrado pelo ritmo de resolução das questões.

No entanto, do ponto de vista meramente estatístico, os resultados obtidos na resolução da tarefa parecem-me bastante satisfatórios, tendo neste caso, como foi analisado na secção 5.2.1. pág. 72 do presente relatório, a percentagem de respostas certas foi de 65% e de erradas 11% sendo o restante, questões não respondidas pelos alunos, que na sua maioria correspondem às últimas do guião, que provavelmente não terão terminado muitos deles devido à sua extensão, se deixarmos de parte então as questões não respondidas passamos para uma percentagem de 85% de respostas certas.

Outro recurso que tive para a recolha de dados foram as questões do manual dos (as) alunos (as), referentes ao tema em estudo. Todas foram transcritas para uma folha entregue aos alunos, para que os mesmos não usassem o manual e somente com a utilização da BD responderam por fim a essas questões, também aqui, a percentagem de respostas certas foi 42% e erradas 14%, se mais uma vez deixarmos de parte as não respondidas passa a 75% de respostas certas.

Estes dados simplesmente analíticos, fazem-me acreditar que mesmo tendo os (as) alunos (as) realizado um trabalho de investigação e análise somente com o seu par, a banda desenhada, neste caso terá sido um recurso educativo a poder ser tido em conta para a sua utilização em sala de aula.

Muito importante é no entanto saber o parecer dos alunos, por isso através de um inquérito por questionário tentei obter as suas opiniões sobre o projeto e o seu entusiasmo em relação à utilização da BD como recurso educativo, neste caso quando questionados se gostavam de voltar a utilizar a BD na sala de aula, numa escala de 0 a 5 em que 5 é gostava muito, em 22 alunos, quinze alunos escolheram a opção 5 e os restantes entre 4 e 3, somente um aluno escolheu a opção 0.

Neste inquérito foi também possível aferir que apesar de terem gostado da utilização da BD, alguns sentiram dificuldade na compreensão da sua linguagem.

Mas ao longo deste projeto de investigação, outra estratégia foi utilizada, para fazer um enquadramento do século XIV europeu, acabei por usar algumas das vinhetas relativas a este tema, da obra escolhida, e apresentar aos alunos através de um PowerPoint. Esta foi a primeira aula em que se utilizou a BD, e que serviu para fazer uma introdução ao tema e ao novo recurso.

Estas aulas em que as vinhetas da BD foram projetadas para o grande grupo, penso que tiveram uma vantagem, aqui o BD serve como um ponto de partida para uma discussão em grande grupo, onde os alunos podem interpretar a imagem e o texto, dar as suas opiniões sobre a mesma e permite ao professor pô-los a pensar sobre outras realidades para além das que nos são apresentadas em História. Como refere o professor cooperante Fernando Amorim na entrevista realizada para este trabalho (Apêndice 9)

“o álbum de banda desenhada na minha ótica, esta era a minha expectativa, acabava por diluir o preconceito que eles tinham em relação ao manual de História e aos conteúdos de História como se fossem algo que bastava empinar, decorar e estava feito, quando o que lhes tentava incutir era que a História entende-se, a História compreende-se e há razões que explicam determinados fenómenos e que não são reproduzíveis em laboratório.”

Este objetivo, provavelmente poderá ser alcançado mais facilmente através da utilização da banda desenhada, utilizando esta segunda estratégia, onde o professor tem um poder de uma maior ajuda na interpretação.

Contudo, penso que são duas estratégias possíveis de utilizar, sendo que no caso da utilização do guião, houve também uma maior restrição devido ao plano que tinha delineado para uma recolha de dados para este projeto de investigação. Penso também que possibilitar aos alunos, realizarem um trabalho de investigação a pares, como aconteceu neste caso, acabou também por ser viável, transcrevendo a resposta de um dos alunos ao inquérito, quando questionado se gostava de voltar a trabalhar a pares e porquê, o mesmo justifica o sim com *“porque os professores não podem sempre dizer tudo. Os alunos também têm de saber ler e fazer sem a ajuda do professor”*. Penso que permitir aos alunos que desenvolvam a sua autonomia na busca de informação é um objetivo válido e possível também com este recurso, mesmo que depois o professor acabe por fazer uma sistematização dos conhecimentos a adquirir.

No entanto, por certo seria a rever algumas das opções tomadas, como sem dúvida o excesso de questões no guião e um elevado número de aulas de trabalho a pares, sem que o professor tivesse uma maior intervenção.

Este período de estágio foi sem dúvida alguma, um início a uma aprendizagem que será por certo longa, pois em tudo na vida, teremos de estar sempre abertos para

aprender, em especial quando temos como função orientar seres humanos nas suas aprendizagens e tendo em conta as suas diferentes características pessoais e coletivas, o desenvolvimento da ciência e do ensino, levam-nos a uma aprendizagem constante.

No entanto, este período em especial serviu para compreender o quão desafiante é a carreira de professor, em busca de encontrar as melhores formas de chegar de uma forma didática e atrativa junto dos (as) alunos (as), sendo que nunca há a ideal, os obstáculos que muitas vezes nos surgem pelo caminho, seja por escassez de material, por novos estudantes que são um novo desafio para tentar ajudar no seu desenvolvimento ou por questões de desmotivação que possa surgir.

Tentar ultrapassar estes desafios e contrariedades foram aprendizagens que fui adquirindo ao longo do estágio e da realização deste projeto.

De uma forma geral, penso que a minha atuação ao longo do período em que realizei este projeto, posso avaliar como positiva. Procurei da melhor forma que sabia ultrapassar as dificuldades que se foram deparando e consegui colocar em prática um projeto que idealizei para tentar chegar a uma resposta, se a banda desenhada, em tempos tão mal vista por muitos setores da sociedade e mesmo no meio escolar, se poderia afinal ser um recurso educativo válido a ser usado em sala de aula.

Findo este processo, penso que a resposta é claramente afirmativa. O potencial da banda desenhada é imenso, como é óbvio ela por si não é a solução para qualquer problema, cabe por isso ao (à) docente conhecê-la e conceber estratégias para a sua utilização como com qualquer outro recurso.

Hoje em dia, a maioria dos estudos realizados relativamente ao uso da BD como recurso educativo, inserem-se na área das Línguas, no entanto, as possibilidades são transversais a uma série de áreas disciplinares. Pode inclusive ser um instrumento muito poderoso relativamente a trabalhos de interdisciplinaridade, envolvendo tantas áreas que será sem dúvida um desafio para outros colegas poderem planear as suas estratégias e projetos de investigação, para que a partilha de conhecimento nesta área possibilite que cada vez mais professores possam se sentir motivados na utilização deste recurso.

Para finalizar, gostava de encarar o fim deste processo, como o início de uma constante aprendizagem tanto para me desenvolver enquanto pessoa e como profissional mas acima de tudo, aprender para poder buscar formas de melhor orientar e desenvolver os (as) alunos (as) que possa ter o prazer de lecionar.

Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *A Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Porto: Editora Asa.
- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, P., & César, M. (2007). Contributos da interação entre pares, em aulas de ciências, para o desenvolvimento de competências e argumentação. *Interações*, 3, 163-196.
- Alves, L. (2009). *A função social da história*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Azinhairo, V. L. (2014). *A utilização da banda desenhada nas aulas de história e geografia do 3º ciclo e do ensino secundário*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.
- Bittencourt, C. M. (2008). *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez Editora.
- Bogdan, R., & Biklne, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Boléo, J. P., & Pinheiro, C. B. (2000). *Das Conferências do Casino à Filosofia de Ponta: percurso histórico da banda desenhada portuguesa*. Lisboa: Bedeteca de Lisboa.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. R. C., & Vieira, S. R. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355-379.
- Deus, A. D. (1997). *Os comics em Portugal: uma história da banda desenhada*. Lisboa: Edições Cotovia, Bedeteca de Lisboa.
- Egan, K. (1989). Estádios da compreensão histórica. In *Colóquio "A história e as ciências sociais na formação de professores"*, Portalegre, 1-4 junho 1989. Portalegre: Escola Superior de Educação.
- Egaña, E. D., & Bedoya, M. N. (1989). El comic como recurso didactico: una reflexion coeducativa. *Tabanque: Revista pedagógica*, 5, 53-66.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Noesis*, 18, 64-66.

- Ferro, J. P. (1987). *História da banda desenhada infantil portuguesa: das origens até ao ABCzinho*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gomes, J. I. (2010). *As potencialidades pedagógicas da banda desenhada nas aulas de português língua não materna*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras: Porto.
- Knauss, P. (2006). O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, 8(12), 97-115.
- Lameiras, J. M. (1999). O Manga entre o Oriente e o Ocidente: a banda desenhada japonesa e a globalização. Consultado em junho 15, 2015, em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/144.pdf>.
- Lameiras, J. M., Boléo, J. P., & Santos, J. R. (1999). *Uma revolução desenhada: o 25 de Abril e a BD*. Porto: Edições Afrontamento, Centro de Documentação 25 de Abril.
- Lino, G. (n. d.). *Divulgando BD*. Disponível em: <http://divulgandobd.blogspot.pt/>.
- Magalhães, J. (1987). A história de Portugal e a banda desenhada. *Cadernos de Banda Desenhada*, 35-36.
- Martins, L. M. (2015). *O ensino da história, através da banda desenhada, a um aluno do 8º ano de escolaridade com perturbações de hiperatividade e défice de atenção: estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado). Coimbra: Escola Superior de Educação.
- Ministério da Educação (1991). *Programa de história e geografia de Portugal do 2º ciclo Afonso*
- Mota, A. C. (2012). *A banda desenhada como representação gráfica-verbal na aprendizagem de história e geografia*. Braga: Universidade do Minho.
- Mota, P., & Guilherme, T. M. (2000). *A linguagem da BD*. Amadora: Câmara Municipal da, Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem.
- Moura, P. (2008). Para um estudo do desenvolvimento de Zé Carioca: de personagem-tipo a personalidade: a viragem de Sindenberg e Canini. *Revista Nuestra América*, 193-165. Consultado em agosto, 15, 2015, em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2648/3/165-193.pdf>.
- Nérici, I. (1991). *Introdução à didática geral*. São Paulo: Atlas S.A.
- Palhares, M. C. (n. d.). *Secretaria da Educação - Governo do Estado do Paraná*. Consultado em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>.
- Pereira, C. M. (2012). *Tesouro de banda desenhada em língua portuguesa*. Consultado em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8804>.

- Rama, A., Vergueiro, W., Barbosa, A., Ramos, P., & Vilela, T. (2006). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Rama, A., Vergueiro, W., Barbosa, A., Ramos, P. & Vilela, T. (2004). *Como usar as histórias aos quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Rocha, N. (1984). *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação: Instituto Cultura Língua Portuguesa.
- Santos, F. F. (2007). O lodo da estrada e as histórias em quadrinhos como recurso didático. *Athena - Revista Científica de Educação*, 35-42.
- Santos, H. (1998). Visitas à banda desenhada. Consultado em junho 15, 2015, em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/index.php?id=2642>.
- Santos, M. H., Galveias, L. L., & Lacerda, R. D. (1979). *Contra-picado banda desenhada e ensino do português*. Coimbra: Atlântida.
- Santos, S. (Ed.). (1995). *História da BD publicada em Portugal*. (Vol. 1). Costa da Caparica: Época de Ouro, Lda.
- Santos, S. (Ed.). (1996). *História da BD publicada em Portugal*. (Vol. 2). Costa da Caparica: Época de Ouro, Lda.
- Schmidt, M. A., & Cainelli, M. (2004). *Ensinar história*. São Paulo: Scipione.
- Silva, E. O. (2010). Relações entre imagens e textos no ensino da história. *SAECULUM - Revista de História*, 133-188.
- Torgal, L. R. (1989). *História e ideologia*. Coimbra: Minerva.
- Vilela, M. T. (2012). *A utilização dos quadrinhos no ensino de história: avanços, desafios e limites*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Zink, R. (1999). *Literatura gráfica? Banda desenhada portuguesa contemporânea*. Oeiras: Celta Editora.

Apêndices

Apêndice 1

Glossário



GLOSSÁRIO

Volume 1 – A pátria Lusitana

Página 62

Formoso – de feições agradáveis, bonito

D. Henrique de Trastâmara – Rei de Castela

Firmou – do verbo firmar (colocar assinatura em; assinar)

Alcaide – antigo governador civil e militar

Página 63

Contenda – disputa, guerra.

Outrem – outra pessoa

Soberana - Mulher que exerce o supremo governo de um estado, rainha

Página 64

Enfermo – Doente, débil

Varão – indivíduo do sexo masculino

Cingirá – pôr à volta da cabeça (usará as duas coras)

Regente – pessoa que rege ou dirige

Volume 2 – A grande aventura

Página 13

Interregno - intervalo entre dois reinados

Declinava – Aproximar-se do seu fim

Crepúsculo – declínio, período que antecede o fim de algo

Paço – residência do rei; corte, palácio

Valido – Quem recebe favor ou proteção de um indivíduo rico ou poderoso; protegido

Rancor – ódio secreto e profundo

Adultera – que comete adultério, (adultério – violação da fidelidade conjugal)

Vereadores – membro da câmara municipal

Prudência – evitando todos os perigos, cautela

Sisuda – séria, prudente

Prelado – título dos altos dignatários da igreja

Página 14

Arraial – festa popular ao ar livre, geralmente com música, comida e bebida

Arauto – mensageiro

Rezingou – dizer coisas em voz baixa, com sinais de descontentamento ou de mau humor

Ancião – homem de idade e respeito

Ardilosa – em que há ardil (com arte de conseguir o que deseja)

Dignatários – Dignitários (Pessoa que exerce um alto cargo)

Antepunham – preferiam

Enredou – criou uma trama (tramoia – artimanha, engano)

Trama – intriga, mentira

Conspiração – trama contra um chefe, contra alguém

Légua – uma légua é equivalente a 5 quilómetros

Conjurados – pessoas que conspiram contra alguém, arranjam uma trama contra

Página 15

Cutelo – antigo instrumento de decapitação, instrumento cortante em forma crescente com cabo de madeira.

Gadanhás – foice especial para segar ervas de pasto ou feno

Varapaus – pau comprido e forte, pau que serve de apoio a quem caminha

Furibundo – cheio de fúria

Página 16

Assomou – apareceu

Aleivosa - que comete aleivosia, traição

Cismático – aquele que segue um cisma, (cisma – ato pelo qual os sectários de uma religião cessam de reconhecer do seu chefe espiritual) – Utilizado neste caso para identificar os que estavam a apoiar os interesses de Castela.

Arraia Miúda – classe social considerada inferior

Página 17

Congrega-se – Junta-se, reúne-se

Messias – Pessoa esperada ansiosamente

Frémito – emoção forte

Intuição – pressentimento da verdade, percepção instintiva

Soberbos – Orgulhosos, altivos

Terratenente – pessoa que é proprietária de terras, que detém muitas terras

Insurreição – levantamento contra o poder estabelecido, revolta

“Ventres ao sol” – o povo

Caudilho – chefe de bando armado

Página 18

Fronteiro – governador de uma praça situada na fronteira

Hoste – exército, multidão

Esquadrão – secção de um regimento de cavalaria cujo comando compete a um capitão.

Firmavam-se – colocar com firmeza, segurar

Besteiro – soldado armado de besta

Fundibulários – homens armados de funda (tira de couro com que se arremessam pedras ou balas)

Soldo – vencimento dos militares, salário. Nome de várias moedas antigas de Portugal

Sursum Corda – do latim – corações ao alto (oração da igreja)

Laus Deo – do latim – Deus seja louvada (oração da igreja)

Página 19

Procuradores do Concelho – Administrador do Concelho

Unanimidade – conformidade geral de opiniões, de votos

Condestável – o primeiro dignatário do Reino, chefe do exército.

Vanguarda – primeira linha de um exército

Tropel – multidão de gente que corre em tumulto, ruído do correr de muita gente e/ ou de animais.

Trons – som de canhão, espécie de catapulta para arremessar pedras

Riste – em posição erguida e pronto a ser usado

Ginetes – cavaleiro armado de lança e escudo

Página 20

Estoque – Arma branca, comprida e direita, que geralmente tem por bainha uma bengala oca.

Repelia – expulsava

Refrega – combate

Debandava – fugir confusamente, ir cada um para seu lado

Despojos – O que se desprende ou cai (depois de ter servido de revestimento ou adorno)

Escaramuças – Lutas, combates insignificantes entre pequenos troços de exércitos inimigos que se encontram.

Condição – classe ou graduação social

Fidalguias – classe dos fidalgos, nobreza

Apêndice 2

Guião

A Revolução de 1383-1385 – Questionário

5.º Ano Turma A – Escola Básica Integrada da Boa Água

Nome: _____ N.º _____ Turma _____ / _____ /201 _____

Depois de teres lido um texto sobre a revolução de 1385-85 (sob a forma de banda desenhada) vais responder a um questionário. Para isso deves ter contigo o texto e o glossário dados na aula anterior. A informação de que precisas para redigir as respostas está nesses dois documentos.

1. D. Fernando foi aclamado rei em 1367. Quem tinha sido o rei de Portugal antes dele?

R: _____

2. Por que razão D. Fernando considerava que tinha direito ao trono de Castela?

R: _____

3. D. Fernando entrou em guerras com Castela. Terá ele conseguido tornar-se rei do país vizinho como pretendia? Explica porquê.

R: _____

4. Havia um grupo social que estava descontente com estas guerras.

- 4.1. Que grupo era esse?

R: _____

- 4.2. Qual a razão desse descontentamento?

R: _____

5. Indica três medidas tomadas por D. Fernando na gestão do Reino de Portugal.

R: _____

6. Para fazer face à crise e aumentar a produção agrícola, D. Fernando queria que as terras do reino fossem cultivadas, que ordem ele deu para que esse desejo fosse cumprido?

R: _____

Nome: _____ 1

7. Observa a vinheta nº 3 da página 65 e justifica a seguinte afirmação:

A forma de transmitir as informações tem variado ao longo dos tempos.

R: _____

8. Para terminar o período de conflitos e guerras entre Portugal e Castela, assinou-se, em 1383, uma escritura - o Tratado de Salvaterra de Magos. Além de impor a paz a ambas as partes, nele ficou decidido que, como era costume à época, fosse feito um casamento para confirmar a boa intenção dos dois reis que assinaram esse Tratado.

8.1. Entre quem se iria realizar esse casamento?

R: _____

8.2. Para quem ficaria o trono de Portugal caso D. Fernando ainda tivesse um filho varão?

R: _____

8.3. Para quem ficaria o trono de Portugal se D. Fernando não tivesse filho varão?

R: _____

8.4. Para quem ficaria o trono de Portugal se Dona Beatriz não tivesse filhos?

R: _____

8.5. Para quem ficaria o trono de Portugal se Dona Beatriz tivesse um filho varão?

R: _____

8.6. Quem tomaria conta do reino até esse filho atingir a maioridade?

R: _____

9. Poucos meses depois da assinatura do tratado referido na pergunta anterior, morre D. Fernando. Alguns membros da burguesia aproveitam a ocasião para sugerir à rainha algumas mudanças no governo.

9.1. Quem foram esses burgueses?

R: _____

9.2. Que proposta fizeram eles à rainha?

R: _____

9.3. Essas propostas não foram aceites. Porquê?

R: _____

Nome: _____ 2

10. Depois da resposta negativa da rainha, formam-se dois grupos rivais. A partir das vinhetas da página 14:

10.1 Identifica esses grupos.

R: _____

10.2 Identifica quem fazia parte de cada um desses grupos.

R: _____

11 Um dos grupos era contra a submissão em relação a Castela, o outro era a favor entre Portugal e Castela. O primeiro grupo começou a preparar uma conspiração.

11.1 Quais eram as intenções desse grupo.

R: _____

11.2 Como reagiu D. Leonor Teles?

R: _____

11.3 Depois de desobedecer à rainha, o que fez o mestre de Avis?

R: _____

12. Os partidários do mestre de Avis vão espalhar um boato por Lisboa.

12.1 Qual foi esse boato?

R: _____

12.2 Como reagiu o povo?

R: _____

12.3 O que aconteceu a Dona Leonor?

R: _____

13. Durante esta revolta algumas medidas foram sendo tomadas pelos revoltosos, diz quais a partir da vinheta 2 da página 17.

R: _____

14. Ao grupo dos revoltosos juntam-se alguns nomes importantes, como o do filho do prior do hospital. Quem era esse nobre?

R: _____

Nome: _____ 3

15. Durante as cortes de Coimbra procura-se encontrar uma solução para o trono de Portugal. Qual vai ser a opinião do Doutor João das Regras?

R: _____

16. Como reage o rei de Castela a este movimento de oposição?

R: _____

17. Ao invadir Portugal, o rei de Castela estava a exigir o cumprimento das condições do tratado de Salvaterra de Magos.

17.1 Concordas com a frase que acabaste de ler? Justifica.

R: _____

18. Como consequência dessa invasão Portugal vai entrar em guerra com Castela. Vão dar-se várias batalhas entre os dois exércitos.

18.1 Identifica-as

R: _____

18.2 Quem liderou o exército português em duas dessas batalhas?

R: _____

18.3 Descreve como decorreram?

R: _____

19. Além das batalhas, durante 4 meses, o exército de Castela também tinha cercado Lisboa.

19.1 Porque terminou o cerco das tropas do rei de Castela a Lisboa?

R: _____

19.2 Quem saiu vencedor desta guerra entre Portugal e Castela?

R: _____

Nome: _____ 4

Apêndice 3

Avaliação das respostas ao guião

(CE= Certo / ER= Errado/ N= Não respondeu)

Número da pergunta													
Aluno	1	2	3	4.1	4.2	5	6	7	8.1	8.2	8.3	8.4	8.5
1	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER
2	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
3	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	ER
4	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE
6	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	ER
7													
8	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE
13	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	ER	CE	CE	ER
14													
15	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
17	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE
18	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE
19	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE
20	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
21	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	ER	CE	CE	CE	ER
22	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	ER
23	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE
25	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	ER	CE	CE	CE	ER
26	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE
27	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	ER	CE	CE	ER
28	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	N	CE	ER	N
30	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER
32	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE

Número da pergunta														
Aluno	8.6	9.1	9.2	9.3	10.1	10.2	11.1	11.2	11.3	12.1	12.2	12.3	13	14
1	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	ER
2	CE	CE	CE	CE	N	ER	CE	CE	N	N	N	N	N	N
3	CE	CE	CE	N	ER	CE	CE	N	N	N	N	N	N	N
4	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	N	CE	CE	CE	CE	N
6	CE	CE	CE	N	CE	ER	CE	ER	CE	CE	ER	CE	CE	ER
7														
8	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	CE	CE
13	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	ER
14														
15	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	CE	CE
17	CE	CE	CE	CE	ER	ER	ER	ER	N	N	N	N	N	N
18	CE	CE	CE	ER	CE	ER	ER	ER	ER	CE	ER	N	ER	
19	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	CE	CE
20	CE	CE	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
21	CE	CE	ER	N	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
22	CE	CE	ER	N	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
23	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
25	CE	CE	CE	N	CE	CE	CE	CE	N	N	N	N	N	N
26	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE	N	N	N	N	N	N	N
24	CE	CE	CE	CE	CE	ER	CE	ER	CE	ER	ER	CE	CE	ER
28	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
30	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	ER	CE	CE	CE	CE	CE
32	CE	CE	ER	CE	ER	ER	CE	ER	CE	N	N	N	N	N

Número da pergunta							
Aluno	15	16	17.1	18.1	18.2	19.1	19.2
1	CE	CE	N	N	CE	ER	CE
2	N	N	N	N	N	N	N
3	N	N	N	N	N	N	N
4	N	N	N	N	N	N	N
6	ER	CE	N	CE	CE	CE	CE
7							
8	CE	CE	N	N	N	N	N
13	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
14							
15	CE	CE	ER	N	N	N	ER
17	N	N	N	N	N	N	N
18	N	N	N	N	N	N	N
19	CE	CE	ER	N	N	N	N
20	N	N	N	N	N	N	ER
21	CE	CE	CE	N	N	N	CE
22	CE	CE	CE	N	N	N	CE
23	N	N	N	N	N	N	N
25	N	N	N	N	N	N	N
26	N	N	N	N	N	N	N
27	CE	CE	CE	CE	CE	CE	CE
28	N	N	N	N	N	N	N
30	CE	CE	N	N	CE	ER	CE
32	N	N	N	N	N	N	N

Apêndice 4

Números totais

Aluno	Errado	Certo	Não Respondeu
1	6	26	2
2	1	19	14
3	3	16	15
4	2	23	9
6	6	25	3
7			
8	3	26	5
13	6	28	0
14			
15	3	28	3
17	5	16	13
18	9	17	8
19	4	27	3
20		15	19
21	4	26	4
22	3	27	4
23	1	26	7
25	3	17	14
26	1	19	14
27	8	26	0
28	3	9	22
30	4	28	2
32	4	18	12
Total	79	462	173

Apêndice 5

Questionário sobre a utilização da BD nas aulas de HGP

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA BOA ÁGUA - 172388
Escola Básica Integrada da Boa Água
Rua da Quinta do Conde
4500-308 Póvoa do Pinhal do General
J. do Pinhal do General
Disciplina de História e Geografia de Portugal

Boa Água

GOVERNO DE PORTUGAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Questionário sobre a utilização da banda desenhada nas aulas de História e Geografia de Portugal.

5.º Ano Turma A – Escola Básica Integrada da Boa Água

Durante as aulas em que estudaste o tema: Revolução de 1383-85 em Portugal, utilizaste a banda desenhada como recurso educativo. Gostávamos de saber como decorreram essas aulas.

1. Ao longo da leitura das vinhetas da banda desenhada conseguiste perceber o significado do texto?
[0 = Nada 5 = Muito]
0 1 2 3 4 5

Explica porquê.

2. Tiveste alguma(s) dificuldade(s) em responder às perguntas do questionário *A Revolução de 1383-85*?
[0 = Nenhuma dificuldade 5 = Muitas dificuldades]
0 1 2 3 4 5

Explica porquê.

3. Gostaste de realizar este trabalho a pares?
[0 = Nada 5 = Muito]
0 1 2 3 4 5

Explica porquê.

4. Foi bom fazer a análise do texto a pares ou preferias que tivesse sido o professor a explicar as informações a partir da BD?
Análise a pares ☐ Professor a explicar ☐

Explica porquê.

5. Gostavas de voltar a utilizar a banda desenhada nas aulas de História?
[0 = Nada 5 = Muito]
0 1 2 3 4 5

Explica porquê.

6. Costumas ler livros de banda desenhada?
[0 = Nunca 5 = Muito]
0 1 2 3 4 5

7. Durante o trabalho leste a banda desenhada só na escola ou também em casa?
Só na escola ☐ Também em casa ☐

Apêndice 6

Questões para o teste de avaliação

- Os partidários do mestre de Avis vão espalhar um boato por Lisboa.

- Qual foi esse boato?

R: _____

- Como reagiu o povo?

R: _____

- O que aconteceu a Dona Leonor?

R: _____

- Ao invadir Portugal, o rei de Castela estava a exigir o cumprimento das condições do tratado de Salvaterra de Magos.

Concordas com a frase que acabaste de ler? Justifica.

R: _____

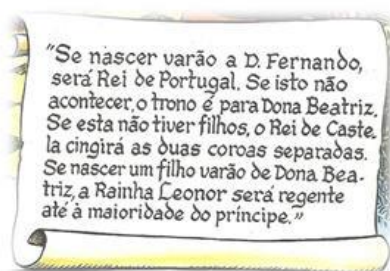


Fig. 1 Excerto do Tratado de Salvaterra de Magos

Apêndice 7

Transcrição da entrevista ao aluno T.

Investigador - Bom dia T., costumas ler livros de BD em casa?

Aluno T. - Sim, já tinha lido, gosto de ler livros de BD.

Investigador - Ao longo deste trabalho, tinhas de ler a banda desenhada e tentar encontrar as respostas no texto, tiveste algumas dificuldades?

Aluno T. - Sim alguma, porque às vezes a pergunta era difícil.

Investigador - E o texto, percebias bem?

Aluno T. -Sim o texto percebia bem.

Investigador - E leste-o só na escola ou também em casa?

Aluno T. -Li também em casa.

Investigador - Em relação ao trabalho a pares, gostaste de trabalhar a pares?

Aluno T. -Sim.

Investigador - Porquê?

Aluno T. -Porque tinha a ajuda do meu colega.

Investigador - Como é que vocês se ajudavam durante o trabalho?

Aluno T. - Às vezes ajudávamos a encontrar as respostas no texto e outras vezes um lia a pergunta e o outro ia procurar no texto a resposta.

Investigador - Quando escreviam a resposta, falavam um com o outro?

Aluno T. -Sim, víamos qual era a resposta e escrevíamos a mesma coisa.

Investigador - E gostavas de trabalhar mais vezes com a BD?

Sim.

Investigador - Só em história ou noutras disciplinas?

Aluno T. -Também noutras disciplinas, por exemplo em Português.

Investigador - Obrigado pelo teu tempo e pela entrevista.

Apêndice 8

Transcrição da entrevista ao aluno M.

Investigador - Bom dia M., costumas ler livros de BD?

Aluno M. - Já li, mas é muito raro, gosto mais de livros de poemas.

Investigador - Quando fizeste este trabalho com banda desenhada foi fácil para ti perceberes o texto?

Aluno M. - Não foi muito fácil para mim, dei o meu melhor mas não consegui perceber muito bem.

Investigador - Por que razão? Tinha a ver com o que estava escrito, com um tipo de português um bocado diferente do que estavas habituado?

Aluno M. -Sim era um bocado mais complicado.

Investigador - Normalmente durante as aulas de História, costumas utilizar o manual. Qual achas que é a diferença entre estes dois recursos?

Aluno M. -Para mim o manual é mais organizado, é mais fácil encontrar as respostas e percebo mais o texto do manual.

Investigador - Em relação ao trabalho a pares, gostaste de trabalhar a pares?

Aluno M. - Não gostei muito.

Investigador - Porquê?

Aluno M. -Porque o par não funcionou muito bem.

Investigador - Mas gostas de trabalhar a pares, costumas fazer?

Aluno M. - Às vezes faço trabalhos a pares e até gosto, mas este não correu lá muito bem.

Investigador - Voltando ao trabalho com banda desenhada, gostavas de fazer outros trabalhos utilizando a BD ou preferias trabalhar com o manual?

Aluno M. - Eu preferia de trabalhar mais vezes com o manual, apesar de também gostar de banda desenhada, mas não foi muito interessante para mim.

Investigador - Em relação ao texto da BD que te foi fornecido, também o leste em casa ou só nas aulas?

Aluno M. – Lia só quando vinha para a aula, em casa nunca li.

Investigador – E chegaste a ler a BD até ao fim?

Aluno M. – Não, ia lendo à medida que procurava as respostas.

Investigador - Obrigado pelo teu tempo e pela entrevista.

Apêndice 9

Transcrição da entrevista do professor cooperante.

Investigador - O que é que o professor pensou, quando foi feita a proposta de se utilizar BD como recursos educativo nas aulas de História?

Professor cooperante - Em primeiro lugar, há um antecedente que normalmente condicionava a resposta à proposta que me foi feita, que era o facto de eu ter sido coautor de um álbum de banda desenhada com o pintor Eugénio Silva, sobre Inês de Castro, por conseguinte achei que esta era uma forma de testar como o álbum poderia servir enquanto instrumento de aquisição de conhecimento, portanto achei a proposta interessante, pois eu tinha também essa curiosidade em termos pessoais e em termos pedagógicos. Não tanto em termos científicos, pois não seria o publico em questão, alunos do 5º ano, que me iriam dar respostas em relação à correção científica, mas até que ponto poderia ser ou não atrativo enquanto elemento potenciador do interesse dos alunos pela História, pois eles de facto tinham vindo para o 5º ano, com a ideia de que a História é uma “seca”.

Portanto o álbum de banda desenhada na minha ótica, esta era a minha expectativa, acabava por diluir o preconceito que eles tinham em relação ao manual de História e aos conteúdos de História como se fossem algo que bastava empinar, decorar e estava feito, quando o que lhes tentava incutir era que a História entende-se, a História compreende-se e há razões que explicam determinados fenómenos e que não são reproduzíveis em laboratório.

Investigador - Durante o período em que foi utilizada a BD, utilizou-se duas formas diferentes, uma primeira parte utilizou-se o PowerPoint com vinhetas da banda desenhada, mostrava-se a imagem e pedia-se aos alunos para falarem sobre o que viam e depois falávamos sobre a imagem, enquadrando no contexto histórico. Na segunda parte, foi através do guião, onde eles sozinhos exploraram a BD e tentarem responder às questões, sendo o guião uma orientação para os objetivos que seriam esperados.

Entre estas duas formas de utilização, qual destas pensa que seria a mais eficaz em sala de aula?

Professor cooperante - A prática é inimiga da eficácia e sobretudo do resultado que se pretende alcançar. Eu dei sempre muito mais importância aquilo que era o objetivo final a atingir. Daqui resulta o quê? Que eu preferia, porque a BD vive da imagem, sobretudo os momentos em que eles visualizavam os PowerPoint, do que os guiões e vou explicar porquê.

Porque nos manuais de História eu já detetei que os alunos, nesta faixa etária, eles não sentem nenhuma atração, quase por absoluto o que eu digo, pelo documento icnográfico, pela foto de um objeto histórico, de um monumento, de uma fonte qualquer, tal como ela existe hoje, isso não os atrai.

A banda desenhada atrai-os naturalmente e vai de encontro aquilo que é o seu imaginário e o seu próprio conceito estético, naquela faixa etária.

Quando eram apresentados os PowerPoint, eles prendiam-se, nós prendíamos a atenção deles e a mensagem que nós queríamos passar, passávamos, porque ela foi passada, não há dúvidas em relação a isso.

Quando foi introduzido o guião para eles irem à banda desenhada procurarem informação, para eles isso funcionou como algo equiparável ao que eles faziam em língua portuguesa, que eles consideram uma seca. Por isso o objetivo que era passar várias mensagens, por um lado, que a história não é uma coisa que se empina, que é uma coisa que se compreende, que se explica, que se entende em função de variados conceitos, passou a ser como que algo rígido, que só tem uma verdade, que só tem uma resposta possível, pois o guião acaba por direcionar os alunos para um determinado tipo de resultado.

Para mim, mais importante que eles saberem um detalhe da história é despertar neles o interesse pela História e a consciência que um facto não se explica exclusivamente per si, mas num contexto mais global em que entram inúmeras outras variáveis.

Por isso, quando se introduziu o guião, as coisas deixaram de ser atrativas, interessantes e atraentes, para passarem a ser uma seca e uma obrigação. Esta é a ideia que eu tenho.

Investigador - A última questão era, que ideia teve do projeto em si e que sugestões deixaria para um próximo projeto com a utilização da BD, no entanto, já acabou por abordar um pouco o assunto na resposta anterior. Mas gostaria de saber se tinha mais alguma sugestão.

Professor cooperante - Continuo a achar que a utilização de instrumentos que vão e acordo com o seu conceito estético, com o seu imaginário, é muito mais interessante do que por exemplo apresentar, retratos, fotografias de pinturas, ilustrações da época, porque eles depois têm até muita dificuldade em entender o português arcaico. Mas aqui, estamos a falar no 5º e no 6º ano, porque depois se formos para o 7º ano, por exemplo as coisas já são completamente diferentes, já não os atrai tanto a ilustração, já os atrai mesmo, é a foto ou a réplica de um determinado testemunho histórico. No entanto, no 5º e no 6º ano funciona perfeitamente, pois a banda desenhada pode acabar por simplificar mensagens e por facilitar a aquisição de conhecimento.

Por exemplo, se eu lhes apresentar uma fotografia com os vários projetos da bandeira nacional da República, a mim, pessoalmente isso fascina-me, a eles não lhes fascina rigorosamente nada. Mas se eu lhes apresentar uma ilustração e não uma fotografia da proclamação da câmara municipal, eles acham o máximo, a fotografia a preto e branco a eles (no 5º e 6º ano) não lhes diz nada.

O que é importante em História nesta altura é passar uma mensagem e transmitir-lhes o gosto o interesse e a curiosidade, devemos por isso, socorrer-nos de todos os instrumentos e de todas as estratégias para o fazer, sob pena de falharmos naquilo que é o nosso objetivo.

Apêndice 10

Número da questão													
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13a
1	C	C	C	C	ER	ER	C	C	C	ER	C	C	C
2	C	C	C	C	C	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
3													
4	C	C	C	C	NR	C	C	C	NR	NR	NR	NR	NR
6	ER	C	ER	ER	ER	C	ER	C	C	C	ER	C	C
7	C	ER	C	ER	C	C	ER	C	C	C	C	C	ER
8	ER	ER	C	NR	C	C	ER	NR	NR	NR	NR	NR	NR
13	ER	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
14	C	C	C	C	C	ER	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR
15	C	C	C	C	C	C	C	C	NR	NR	NR	NR	NR
17	ER	C	C	C	ER	ER	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR
18	C	C	C	ER	ER	C	C	ER	ER	NR	NR	NR	NR
19	C	C	C	C	C	C	C	C	NR	NR	NR	NR	NR
20													
21	C	ER	NR	C	ER	ER	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR
22	C	ER	NR	C	ER	ER	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR
23	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	ER
25	C	C	C	C	C	ER	C	NR	ER	NR	NR	NR	NR
26	C	C	C	C	C	C	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR
27	ER	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
28	C	C	C	C	C	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
30	C	C	C	C	ER	ER	C	C	C	ER	C	C	C
32	ER	C	C	C	ER	ER	C	NR	NR	NR	NR	NR	NR

Número da questão							
Aluno	13b	13c	13d	13e	13f	13g	13h
1	C	ER	ER	C	C	ER	C
2	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
3							
4	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
6	C	ER	ER	ER	ER	ER	C
7	NR	ER	ER	C	ER	NR	C
8	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
13	C	C	ER	C	C	C	C
14	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
15	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
17	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
18	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
19	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
20							
21	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
22	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
23	C	C	C	C	C	ER	C
25	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
26	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
27	C	C	ER	C	C	C	C
28	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
30	C	ER	ER	C	C	ER	C
32	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR

Apêndice 11

	Certas	Erradas	Não Respondeu
1	14	6	0
2	6	0	14
3			
4	7	0	13
6	9	11	
7	11	7	2
8	3	3	14
13	18	2	0
14	6	1	13
15	8	0	12
17	4	3	13
18	5	4	11
19	8	0	12
20			
21	3	3	14
22	3	3	14
23	18	2	0
25	6	2	12
26	7	0	13
27	18	2	0
28	6	0	14
30	14	6	0
32	4	3	13
	178	58	184

Anexos

ANEXO I

Diapositivos do PowerPoint

A Revolução de 1383-85

História e Geografia de Portugal
5ª A
Escola Integrada da Boa Água – Quinta
do Conde

1



CORRIA O ANO DE 1337. EDUARDO III DE INGLATERRA DISPUTAVA ENTÃO A FILIPE VI DE VALOIS A COROA DO REINO DE FRANÇA. ERA O PRINCÍPIO DE UMA GUERRA LONGA QUE HAVIA DE PERDURAR NA EUROPA POR MAIS DE CEM ANOS.

2



OS MERCADORES DA FLANDRES TOMAM PARTIDO POR EDUARDO III...

3



SOFRIAM OS CAMPESES PADECIMENTOS QUOTIDIANOS DE UMA VIDA PRECÁRIA, DURA E INGRATA.



4



OS MERCADORES NÃO ARREISCavam A VIAGEM PARA AS FEIRAS. NÃO ERA POSSÍVEL A TRAFICÂNCIA EM TERROS DE CHAMPAGNE, ONDE EM ÉPOCAS ANTERIORES SE ENCONTRAVAM OS VENDEDORES DA FLANDRES E DA LOMBARDIA.

5



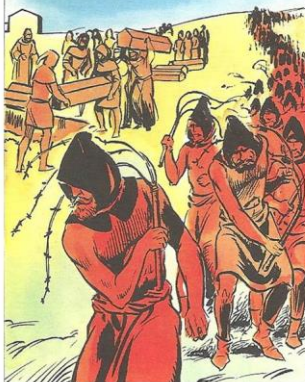
NAS RUAS DE FLORENÇA, ALGUM TEMPO DEPOIS, SEMEIOU-SE O PÂNICO...



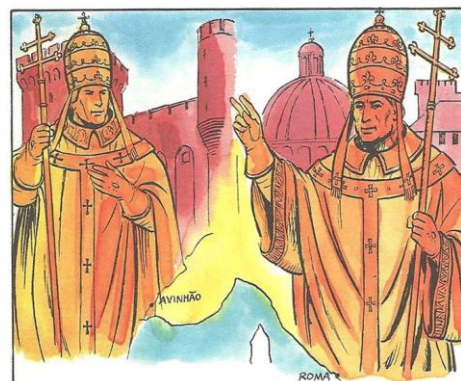
NÃO DEMOROU MUITO QUE A EPIDEMIA CONTINUASSE A EUROPA INTEIRA, DA ESCÓCIA À PENÍNSULA IBÉRICA.

6

ABRIAM-SE VALAS PARA ENTERRAR OS MORTOS... BANDOS DE PENITENTES FLAGELAVAM-SE NA VIA PÚBLICA...



7



A CRISE TREMENDA NÃO TARDARIA EM PERIGAR AINDA O PRÓPRIO CORAÇÃO DA CRISTANDADE. OS CRENTES IRIAM DIVIDIR-SE EM DUAS OBDIÊNCIAS: UM PAPA EM ROMA OUTRO PAPA EM AVINHAÃO...

8



9

OS GRANDES COMEM E BEBEM À NOSSA CUSTA! NOSSAS SÃO AS PEDRAS E A ROUPA DE FARRAPO QUE NOS COBRE A PELE

AO ASSALTO!

REBENTEMOS OS CELEIROS!

MORTE A QUEM NOS MATA À MINGUA!

ANEXO 2

Questões do manual



A Revolução de 1383-1385 – Questões do manual

5.º Ano Turma A – Escola Básica Integrada da Boa Água

Nome: _____ N.º _____ Turma _____ / _____ /201__

Recorrendo à bande desenhada, tenta responder às seguintes questões que estão no teu manual de História e Geografia de Portugal.

1. Quando D. Fernando morreu quem era a herdeira legítima ao trono?

R: _____

2. O casamento da herdeira ao trono agradava à população de Lisboa? Porquê?

R: _____

3. Que cargo é que a população de Lisboa atribuiu ao Mestre de Avis?

R: _____

4. Por que razão é que alguns portugueses apoiaram D. Beatriz?

R: _____

5. Quem comandava o exército Português na batalha de Atoleiros?

R: _____

6. O que aconteceu à rainha D. Beatriz, durante o cerco de Lisboa, que tanto assustou o rei de Castela?

R: _____

7. Quem foi aclamado rei de Portugal nas Cortes de 1385?

R: _____

8. A quem é que D. João I deu títulos de nobreza?

R: _____

9. Qual foi a batalha mais importante deste período?

R: _____

10. Porque é que com D. João I se iniciou uma nova dinastia?

R: _____

11. Como é que D. João I recompensou os burgueses pelo auxílio prestado?

R: _____

Nome: _____



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA BOA ÁGUA - 172388

Escola Básica Integrada da Boa Água

EB1 n.º2 da Quinta do Conde

EB1/JI do Pinhal do General

Ji do Pinhal do General

Disciplina de História e Geografia de Portugal



12. Com que intenção D. João I mandou construir o Mosteiro da Batalha?

R:

13. A cada uma das frases corresponde uma palavra. Descobre-a:

- Tática de guerra usada pelo rei de Castelhano em Lisboa _____
- Doença contagiosa que atingiu o exército castelhano em Lisboa _____
- Chefe supremo dos exércitos portugueses _____
- Cidade onde se reuniram as Cortes em 1385 _____
- Nome da batalha ganha pelos Portugueses em 14 de Agosto de 1385 _____
- Grupo social que passou a ter posição e importância no Conselho do Rei _____
- País com o qual D. João I fez uma aliança _____
- Construção feita para comemorar a vitória de Aljubarrota _____